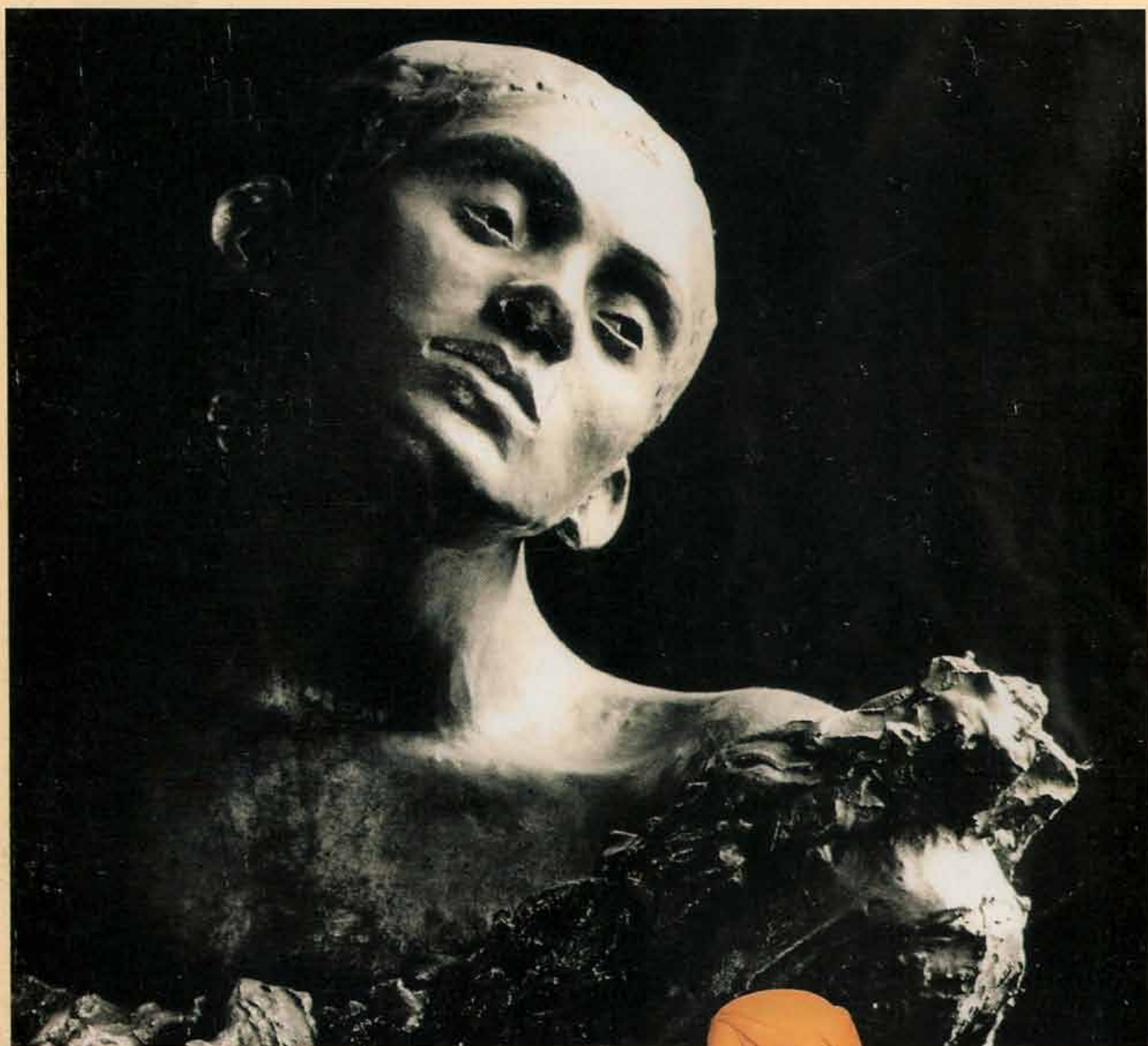




Thot

UMA PUBLICAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
DA ASSOCIAÇÃO
PALAS ATHENA
Nº 67 - 1997
ISSN 1413-893X



**COMPLEXIDADE E LIBERDADE
A ÉTICA DO GASTAR
CULTURA E IMAGINÁRIO**



**A TEORIA
DAS
CATÁSTROFES**

Publicações da Editora Palas Athena



A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL

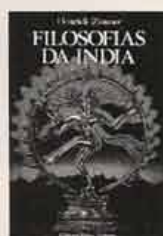
Heinrich Zimmer

Fábulas e lendas por meio das quais Zimmer analisa um vasto conjunto de símbolos. O modo como o ser humano sente e interpreta o mal é revisto por meio das lendas de várias culturas.

FILOSOFIAS DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Definido por Alan Watts, no New York Times Review of Books, como o mais completo e inteligente tratado já escrito sobre essa rica tradição filosófica.



MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Reelaboração de uma série de conferências dadas pelo autor e compiladas por Joseph Campbell. São diversos temas e questões do universo mítico indiano aqui desvendados por Zimmer, magnífico intérprete da tradição oriental.



AS MÁSCARAS DE DEUS

Joseph Campbell

Nesta obra em quatro volumes, Campbell mostra sua visão das mitologias do mundo. O primeiro tomo, *Mitologia Primitiva*, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, *Mitologia Oriental*, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. O terceiro e o quarto volumes estão no prelo.



O PODER DO MITO

Joseph Campbell

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu em 1987 a Bill Moyers, jornalista americano. Nele desfilam, todos os grandes temas mitológicos: o nascimento, as iniciações, o casamento, o envelhecimento, a morte, a fé.



CARTA A UM AMIGO

Nagarjuna

Neste livro encontramos a essência da prática budista. Nagarjuna, fundador da Escola do Caminho do Meio, é considerado um dos maiores filósofos e metafísicos de todos os tempos.



YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE

Mircea Eliade

Nesta obra, que já se tornou um clássico, Eliade resgata as origens teóricas e práticas dessa vasta disciplina, abrangendo conceitos de fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.



A GRINALDA PRECIOSA

Nagarjuna

Retira as fantasias com que costumamos encobrir a realidade, orientando-nos na busca de sentido e significado para a vida.



O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

Jacob Needleman

Neste livro é devolvido à filosofia o seu papel original: auxiliar-nos a recordar quem somos e qual o nosso lugar no Universo, revelando um estado de ser no qual a energia da verdade permeia tanto os momentos da mais elaborada reflexão, quanto os corriqueiros afazeres do dia-a-dia.

A ROCA E O CALMO PENSAR

Mahatma Gandhi

Este livro reúne textos de Gandhi que focalizam o tema da prece e da meditação, ambas instrumentos e alimento espiritual de toda uma vida dedicada à não-violência.



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.



Índice

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| Galeria | 2 |
| Entrevista com Letícia Olguín | 3 |
| Globalização e Economia: Ação individual | 9 |
| <i>Donaldison Marques da Silva</i> | |
| Complexidade e liberdade | 12 |
| <i>Edgar Morin</i> | |
| Cultura e imaginário em Ariano Suassuna | 20 |
| <i>Maria Aparecida Lopes Nogueira</i> | |
| A literatura como forma filosófica | 25 |
| <i>Humberto Mariotti</i> | |
| A ética do gastar | 34 |
| <i>Marcos Fávero Florence de Barros</i> | |
| Teoria das catástrofes: Um estudo em sociologia da ciência | 38 |
| <i>Ubiratan D'Ambrosio</i> | |
| A cidade de Deus | 49 |
| <i>Renato Pompeu</i> | |
| Imaginações socráticas | 54 |
| <i>George Barcat</i> | |
| Painel | 60 |
| Poesia | 61 |
| <i>José Nêumanne Pinto</i> | |
| Epifanias | 64 |
| <i>Ignacio da Silva Telles</i> | |

Quero dividir com você uma queixa que escutei outro dia: *as pessoas falam/teorizam demais e fazem/praticam de menos.*

Os que se queixam disso têm razão em defender uma intervenção mais direta no *estado das coisas*, pois são muitas as causas de nosso desânimo.

Por exemplo, é certo que não gostamos de saber que "*o Brasil não é um país pobre mas um país injusto*": que escraviza crianças... que tem gente des-cansando em hospitais de 1ª linha e gente morrendo no chão de outros... que tem finitos professores felizes e infinitos meninos que sonham apenas com a camisa 10...

Porém, aqueles que observam as coisas de outro mirante também têm razão em defender o valor do diálogo e da educação. Afinal, as questões sociais só podem ser resolvidas *politicamente*, entendendo-se por política a *forma de pensar, educar e transformar a pólis num território justo e cooperativo.*

E isso nós podemos fazer nas *grandes coletividades* (o executivo, o legislativo e o judiciário) e também – e cada vez mais – nas *pequenas*: a empresa onde trabalhamos, os asilos dos que já não trabalham, a escola de nossos filhos, as ONGs que cuidam das escolas dos que não têm pais, e, claro, as ruas por onde passamos para ir a esses e outros lugares.

E isso, como demonstrou Gandhi, nós devemos fazer de um modo dialógico e pacífico; esta é uma idéia nova e creio que precisamos desenvolvê-la até às suas últimas conseqüências, antes de desistirmos e retornarmos ao métodos de intervenção violenta. Com ou sem razão, não temos outra escolha.

George Barcat

Thot nº 67 - novembro de 1997 - ISSN 1413-893x

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Zierner, Ubiratan D'Ambrosio • **Equipe Thot:** Colação Vêras, Daniela Moreau, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Lêa Schwarcz, Maria Tereza Bryg, Marli Montesano, Nurimar Falci, Primo Alex Gerbelli, Therezinha Siqueira Campos, Wilson Campanella, Yara Bonomo • **Capa:** Takeshi Assaoka
Diagramação e Editoração Eletrônica: Maria do Carmo de Oliveira
Fotolitos: Binhos • **Produção:** Emilio Moufarrige, Sérgio Marques
Impressão e Distribuição: Gráfica e Editora Palas Athena • **Assinaturas:** Irma Mariotti • **Jornalista responsável:** José Caruso Filho.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números: pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046, Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil
Rua Leônicio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668
Fax: (011) 287.8941

GALERIA

Neste número, THOT homenageia um escultor.

Trata-se de **Israel Kislansky**, nascido na Bahia e radicado em São Paulo. As fotos da capa e de todas as páginas desta edição são de obras de sua autoria, realizadas pelos fotógrafos Roberto Seton e Alessandra Gerzöschkowitz Costa.

KISLANSKY: um mestre da figura humana



Israel Kislansky é um apaixonado pela figura humana. No mundo globalizado, no tempo da Internet, o artista contraria a tendência geral e se aproxima do corpo humano. As esculturas de Kislanski não tratam do virtual. Trazem o que há de mais real no Homem: seus músculos, suas emoções, sua dignidade, sua força, sua expressividade.

Nascido em Salvador, Bahia, Israel Kislansky vive em São Paulo desde 1981. Formado em Artes Plásticas pela Faculdade Santa Marcelina estudou escultura e anatomia com José Antonio Van Acker. Nos últimos anos, tem realizado diversas exposições coletivas e individuais. Recentemente, fez uma belíssima escultura baseada na logomarca do projeto "Semear", do Ibama, obra pública instalada na praça Klaus Walter Zulauf, no bairro do Morumbi.

Ainda surpreso e admirado quando vê seu nome nos jornais e revistas, Kislansky diz que isso não pode ser passageiro e que precisa estudar e trabalhar muito para que seu nome permaneça em evidência. "Famoso era o Salvador Dalí. Por enquanto, sou apenas um artista dali de Salvador", brinca, com sincera modéstia.

Airton Gontow

ENTREVISTA COM LETICIA OLGUÍN

Educação em Direitos Humanos



Os direitos humanos são um tema fundamental em todos os países do mundo e o nosso não é exceção. Esta entrevista, portanto, é mais do que oportuna.

Leticia Olguín esteve no Brasil a convite do I Congresso Brasileiro de Educação em Direitos Humanos, realizado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. A professora Olguín é licenciada em Pedagogia Jurídica e exerceu o cargo de diretora do Programa de Educação em Direitos Humanos do Instituto Interamericano de Direitos Humanos na Argentina, Uruguai e Brasil, de 1984 a 1988. Atualmente, é assessora pedagógica da Faculdade de Direito e coordenadora do Programa de Estudos Interdisciplinares da Família, na Universidade Nacional da Costa Rica.

THOT – *Por favor, fale sobre o motivo de sua visita ao Brasil.*

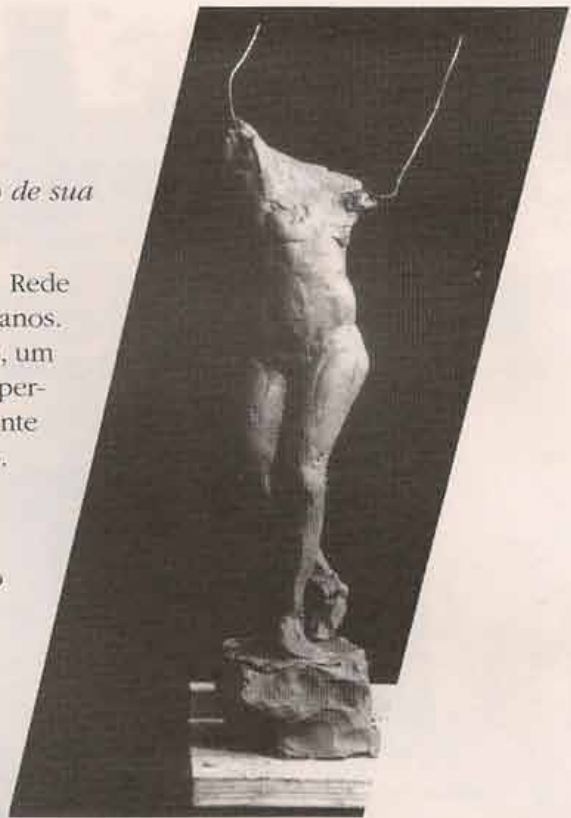
OLGUÍN – Vim atender ao convite da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. Considero fundamental, neste momento, um trabalho como o dessa instituição, que permite articular os esforços para levar avante um trabalho tremendamente necessário.

THOT – *Como a senhora vê a questão da educação em direitos humanos na América Latina de hoje?*

OLGUÍN – Em quase todos os países da nossa América Latina, a educação especializada procura fazer com que nos reconheçamos cada vez mais como sujeitos dos direitos humanos; visa criar, enfim, condições para que nos organizemos e nos capacitemos para a prática desses direitos.

THOT – *Aqui no Brasil observamos que outras formas jurídicas, como os direitos do consumidor, são muito mais conhecidas e destacadas do que os direitos humanos propriamente ditos. Estes, de certo modo, parecem ser uma coisa um tanto retórica, afastada da realidade. É como se fossem menos importantes. A que a senhora atribui esse fenômeno?*

OLGUÍN – A formalização de uma determinada lei é apenas uma parte do mundo jurídico. Mas só sua prática torna os direitos concretos. Neste particular, há duas considerações importantes. O direito do consumidor se relaciona diretamente com o bolso, é uma atividade cotidiana, rotineira, o que o torna mais fácil de observar e exercer. Os direitos humanos são colocados em termos abstratos, embora sejam tão concretos como os econômicos e culturais. Estão muito mais comprometidos



Estudos sobre o corpo humano, em argila (1997).

com os processos de democratização. O direito do consumidor se exerce a cada instante, é praticado cada vez que alguém vai comprar algo: nesses momentos é que se pode verificar se há alguma irregularidade a ser denunciada. Devemos trabalhar assim também em relação aos direitos humanos. Precisamos descobrir cada vez mais instrumentos eficazes para colocá-los em prática. Esse, aliás, foi um dos principais temas do congresso de que acabei de participar: como operacionalizar, no dia-a-dia, as possibilidades das pessoas serem *de fato* sujeitos desses direitos.

THOT – *Neste fim de século, estamos entrando numa cultura do virtual, do abstrato. Todavia, a experiência mostra que as pessoas continuam sendo tratadas como coisas. Como o Direito se coloca diante desse fenômeno?*

OLGUÍN – Como acabamos de ver, uma das dificuldades que se tem para trabalhar com os direitos humanos é a percepção

abstrata que se tem deles, que dificulta a sua integração à vida diária. Nesse particular nossos esforços devem seguir na direção inversa, isto é, do abstrato para o concreto. Todas as facetas do nosso dia-a-dia estão impregnadas de práticas que em geral não coincidem com o exercício dos direitos básicos das pessoas. Por exemplo: nossas atividades no plano da família, ou da educação, estão cheias de aspectos discriminatórios quanto ao sexo, à idade e à condição social e racial, para mencionar apenas algumas. A experiência revela que o cotidiano de nossas instituições sociais está muito longe de ser capaz de relacionar os princípios dos direitos humanos com o seu efetivo exercício. Creio que a identificação da proximidade ou afastamento dessas atitudes em relação aos direitos humanos, em instituições como a escola e a família, é um passo para a busca da sua concretização.

THOT – *No entanto, da forma como é hoje praticado, ao menos no Brasil, o Direito está muito afastado da realidade social: é muito teórico, muito retórico, e portanto não consegue dialogar com o real. Como a senhora vê esse aspecto?*

OLGUÍN – Nos países latino-americanos as democracias são, às vezes, um tanto formais. Precisamos aprofundar e levar à prática a democratização. No plano das leis, essa distância entre a teoria e a prática resulta numa falta de operatividade que não permite que as leis penetrem no tecido social. Às vezes falo com alguns grupos da Faculdade de Direito, na Costa Rica, e percebo que eles têm uma visão legalista da sociedade. Por isso, acreditam que o fato de as leis estarem escritas é o suficiente. Esse é um exemplo da visão formalista que temos de nossas instituições. Acabamos adquirindo uma linguagem muito retórica, por meio da qual falamos

das “maravilhas” do sistema, mas nem sempre percebemos que é ela que nos impede de determinar como as prescrições legais devem se ligar à realidade. Podemos até ter normas avançadas, mas elas muitas vezes ficam muito distantes da trama social onde têm de estar. Por exemplo, só os médicos podem saber de que maneira os direitos relacionados com a saúde devem se aproximar dos protagonistas da Medicina. O que quero dizer é que se cada um de nós, em seus lugares de vida, em suas profissões, começar a buscar de maneira orgânica formas de superar a retórica, poderemos começar a baixar esse nível de formalidade. O problema não é só das leis, mas também de seus usuários. Precisamos atuar em estruturas específicas. Só agindo assim poderemos nos reconhecer como pessoas efetivamente participantes dos diversos grupos sociais.

THOT – *Como se sabe, a relação entre a justiça e o tempo é, em muitos casos, irreal. Os papéis tramitam como se as pessoas fossem imortais. Não é raro que os processos demorem tanto que as partes (o que inclui advogados, juízes e outros funcionários) já estejam mortas quando da conclusão. Existe alguma forma de ao menos atenuar essa situação?*

OLGUÍN – Muita gente diz que o tempo jurídico não tem nada a ver com o tempo social, e que por isso aumenta cada vez mais o abismo entre os que recorrem ao judiciário





em busca de mediação para seus conflitos e os resultados que conseguem. Creio que, em quase todos os países, o judiciário é um dos poderes que mais necessita de reflexão quanto a mudanças. Posso informar que hoje existem grupos que estão trabalhando com seriedade, preocupados em buscar formas de solucionar esse desencontro entre a justiça e a sociedade, no sentido de encontrar uma maior proximidade entre o tempo jurídico e o tempo humano.

THOT – *Aqui no Brasil, como em outros países, existe a idéia de que pensar é uma coisa muito trabalhosa e difícil. Quando alguém diz que vai refletir sobre algo, cria-se logo uma expectativa de grande demora. Qual o seu ponto de vista a esse respeito?*

OLGUÍN – Como parte do processo de globalização, os meios de comunicação de massa inculcaram na mente coletiva a posição consumista. Essa é uma das principais características da expansão do capitalismo. Ela nos levou a sentir como necessário um nível de consumo que de fato não o é. Para chegar a esse ponto, implementou-se antes outra estratégia, que nos convenceu de que pensar

é um processo prolongado e complexo. O objetivo, claro, foi evitar que, por meio do pensamento, acabássemos concluindo que estávamos consumindo por impulso, de modo artificial e supérfluo. Ou seja: se pensar é mau para os negócios, transformemos o pensamento numa tarefa árdua e as pessoas o evitarão o mais possível ou o comprarão pronto. Consumir é, antes de mais nada, comprar “pacotes” de pensamento pré-programado.

THOT – *Ainda assim alguém tem que pensar, não é mesmo? A justiça, por exemplo: suas decisões precisam ser bem refletidas. Mas não podemos ficar nos extremos de só refletir em termos imediatistas ou com incrível lentidão.*

OLGUÍN – Claro, claro. Em linhas gerais, sim. Mas no caso da justiça há algo que preocupa os professores, muitos dos quais são também juizes. Acontece que o ensi-

no do Direito, ao longo do tempo, tem sido muito relacionado com uma concepção legalista de mundo que não vem se modificando de modo significativo. Desse modo, o que vemos é uma tendência à reprodução memorialística de uma série de artigos, códigos, doutrinas, jurisprudências e assim por diante. Além disso, um estudo profundo, racional, refletido, em que a realidade passe a ser vista como um elemento de referência de toda interpretação jurídica, não tem estado presente na formação de nossos advogados. Sei que há grupos que estão trabalhando para corrigir essa situação, em especial no que se refere à educação em direitos humanos. Sem a superação da retórica e do formalismo do aparato jurídico, o Direito pode correr o risco de deixar de ser um protagonista significativo da realidade social.

THOT – *Em alguns países os trâmites legais são bem mais rápidos. Os Estados*

Unidos são um exemplo. Essa circunstância tem sido utilizada por muitos para transformar o país numa sociedade litigante, em que as pessoas se processam mutuamente para obter recursos financeiros. Esse não seria também um caso de afastamento entre a justiça e a realidade?

OLGUÍN – A tradição anglo-saxônica tem algumas características que podem ser vistas como melhores que as nossas. Algumas delas até poderiam ser trazidas para o nosso sistema, mas acredito que o importante é analisar as razões pelas quais, num dado sistema jurídico, alguns aspectos funcionam bem e outros não. É preciso, também, avaliar até que ponto algumas dessas formas de trabalhar são de fato eficazes, quando transplantadas de uma realidade social para outra. Às vezes creio que, com um certo grau de ingenuidade, é possível imaginar que algumas instituições podem funcionar do mesmo modo em qualquer país. Temos de pensar nos elementos muito peculiares de nossa cultura, ao invés de simplesmente pretender imitar sistemas vindos de fora. A imitação é convidativa, mas baseia-se numa superficialidade que surge toda vez que enveredamos pelo caminho mais fácil do não-pensar. Essa trilha pode nos conduzir a resultados decepcionantes. Por exemplo, um sistema judiciário muito rápido, quando considerado de modo superficial, pode levar a uma sociedade em que o Direito é usado quase que apenas para obter benefícios financeiros. Por outro lado, um sistema lento demais pode ser utilizado com as mesmas finalidades. Num caso, ganha-se com a rapidez. No outro, com a demora. Nas duas circunstâncias corre-se o risco de chegar a uma sociedade paranóide.

Na formação do advogado é comum o estabelecimento de estereótipos, tanto por parte dos alunos quanto dos professores: como resultado, os profissionais da advo-

cacia acabam vendo a si próprios como figuras essencialmente conflituosas – e assim são vistos pelas comunidades em que atuam. É o caso dos estudantes que se formam com o objetivo de levar adiante litígios: nessa ordem de idéias, conduzir bem um caso significa protelá-lo o mais possível, utilizando uma grande quantidade de recursos, que só são interpostos para gerar mais delongas e portanto mais dinheiro. É sobre essa mentalidade que temos de trabalhar. Descobrir de que maneira o Direito de fato contribui para resolver os conflitos sociais, para que ele não seja considerado apenas uma arma lucrativa, como muitas vezes acontece. Esse trabalho terá que ser feito com os alunos mas também com os professores: determinar que tipo de advogado queremos e que espécie de soluções desejamos para os nossos conflitos sociais.

THOT – *Mas para isso os advogados precisam educar também os seus clientes, porque senão estes continuarão convencendo-os a seguir buscando o ganho financeiro como único objetivo, não lhe parece?*

OLGUÍN – *(Risos)* É... mas aí é que está a verdadeira função do advogado: fazer os seus clientes compreenderem que a função do Direito não é dar-lhes o que querem, mas o que é justo. Mostrar-lhes que há uma série de valores, como a equidade, que regem os princípios



jurídicos fundamentais e que devem ser as formas orientadoras de toda uma ética. Esse entendimento é em especial importante para casos em que estejam em pauta questões relativas aos direitos humanos, oportunidades em que nem sempre as compensações financeiras satisfazem todos os interesses em jogo.

THOT – *Como sabemos, no mundo de hoje a verdade é muitas vezes vista não como um valor, mas como uma coisa que podemos transformar em propriedade, colocando toda sorte de obstáculos para que os outros não a possuam também. Qual é a noção de verdade que está sendo ensinada nas faculdades de Direito?*

OLGUÍN – Em nossa cultura, estamos sempre convencidos de que a verdade é a nossa verdade. Somos muito intolerantes, e portanto temos dificuldade de entender que a verdade também pode ser externa. Essa atitude vem da cultura autoritária em que nós, latinos, somos formados, e que nos leva a pensar que as “verdades” que vêm de fora são sempre impostas por governos autoritários. Em relação aos direitos humanos, reivindicar o direito à igualdade é uma forma de lutar contra atitudes de intolerância, tanto dos indivíduos quanto dos governos. Começar a reconhecer que existem outras verdades além das nossas, e que elas não precisam ser impostas – esse é um dos principais pontos a serem destacados na educação voltada para a diminuição do autoritarismo em nossas sociedades. Outro aspecto a mencionar é que os advogados tendem a conceber como verdade real o que está escrito nos autos. A partir daí, o que é verdadeiro passa a ter um significado muito particular e restrito, o que leva a ações dissociadas da realidade. Desse modo, uma das tarefas básicas dos professores de Direito é proporcionar elementos que façam os alunos entender que a verdade

não é apenas a que está nas páginas dos processos. Isso evitaria, lembrando o exemplo que dei há pouco, que certos clientes contratassem advogados para tentar “comprar”, por meio deles, a verdade que desejam, não a da justiça. Esses são os dois pontos que mais deveriam ser trabalhados na formação jurídica.

THOT – *Também pode acontecer que, ao pedir ao advogado que lhe dê o que pensa ser a verdade, o cliente esteja enganado e no fim acabe prejudicado.*

OLGUÍN – Isso também ocorre. Fazendo uma analogia, é como se um paciente desse ao seu médico elementos fantasiosos, descritivos de um mal que supõe ter, retardando ou mesmo tornando impossível o tratamento para a doença que realmente tem. Ao querer que o médico lhe dê o que não deve dar, impede que ele lhe proporcione aquilo de que necessita. Tanto na Medicina como no Direito o cliente pode cair nas mãos de profissionais sem ética que, mesmo sabendo que não é o caso, levam adiante demandas desnecessárias e mesmo prejudiciais para o cliente. O essencial é ter sempre em mente que, não importa qual seja a área da atividade humana, a principal preocupação é nunca perder de vista os direitos das pessoas. ▲



DONALDISON MARQUES DA SILVA

GLOBALIZAÇÃO E ECONOMIA: AÇÃO INDIVIDUAL

*O lugar da poupança e da
individualidade num
mundo em processo
de massificação*



DONALDISON MARQUES DA SILVA é economista, consultor de empresas e professor de Economia Internacional.

Solda na fundição da peça em bronze acompanhada do modelo ao fundo.



Pontes da peça antes da solda.

A globalização já faz parte do nosso cotidiano. Atinge-nos a todos, e nos mais importantes momentos de nossas vidas, seja quando produzimos ou consumimos alguma coisa, seja quando nos deleitamos com o lazer comprado ou gratuito – que um dia custará dinheiro. Folclores e regionalismos vêm sendo esmagados pela força da mídia e da sub-cultura enlatada internacional. O lazer não é mais natural, é apenas a utilização de serviços, principalmente se estes forem financiados por capitais influentes. Fazer amigos não é mais lazer, mas o é, e em grande estilo, a convivência via Internet.

Globalização é, pois, abrimos a guarda à invasão externa e invadimos também os outros, se tivermos força para tal. Globalização é o vale-tudo, não importam a história, os valores, os povos. Não importa se os indivíduos são ricos ou pobres, apenas interessa a sua classificação, boa ou má, de acordo com a sua plataforma de consumo.

Essa realidade contemporânea modifica todos os valores dos povos, das pessoas, do ambiente, da própria história. Até mesmo inverte alguns desses valores. Países pobres, antes esquecidos, são lembrados pelos ricos, não porque podem se tornar também

ricos, mas porque têm um grande potencial para consumir. Por meio da mídia, o consumo é difundido como uma nova religião, e os *shopping centers* como seus templos.

Os países pobres são ricos em populações jovens, que precisam de emprego; as nações ricas são pobres de jovens, e por isso desenvolvem técnicas alternativas de produção, como a robótica, a reengenharia e a computação. Exportam sua tecnologia para os pobres e ela substitui o homem. Consequência: desemprego.

Sarcasticamente, pregam: dediquem-se mais ao lazer. Lazer e barrigas vazias não parecem bons companheiros. A substituição das pessoas pelas máquinas deve dar-se quando há escassez de mão-de-obra, não quando há abundância. Entretanto, os desempregados precisam consumir. Se não houver consumo, a globalização não se processa.

UMA SEGUNDA PERSPECTIVA – Emprestamos dinheiro a eles, que se endividam e nos pagam com o nosso próprio capital. Diremos que a dívida externa é apenas um detalhe sem importância, desde que eles continuem tomando dinheiro e comprando o que produzimos, sejam bens, serviços ou meras marcas. Para lhes darmos a impressão de que estão se desenvolvendo, criamos uma casta de executivos supervalorizados, bem pagos e felizes. Ao mesmo tempo, com pouco capital, compramos suas empresas e investimos em sua economia, pois além do interesse que temos em seu mercado de consumo, há os vários postos de trabalho que se abrem para os nossos executivos. Exportamos executivos e com eles as nossas idéias. Desnacionalizando as lideranças empresariais, desnacionalizamos também o pensamento correspondente. Aproveitando a predominância do empresário elitizado, dominaremos o pensamento nacional.

Eles vão dirigir nossos automóveis bem feitos e consumir nossa tecnologia de primeiro mundo. Seus principais executivos de política econômica estudaram em nossas faculdades, foram educados por nós. Já pensam como nós. Esses executores da política econômica serão os gestores da dívida e nós os guiaremos.

O CENÁRIO INTERNO – Os excluídos são os consumidores alucinados da nova religião; vêem na mídia, na televisão, o quanto estão insatisfeitos. São os desempregados, atônitos e inseguros. Saúde, educação, habitação e transporte devem ficar para políticos e intelectuais de esquerda. Mas estes devem ser mais

dialéticos do que reais: é preciso falar muito nesses assuntos e fazer pouco. A enganação política e a falácia intelectual devem preponderar. Quanto mais se falar sobre questões sociais, mais se dá a impressão de sua importância. No entanto, deve-se apenas falar e prometer. A esperança precisa ser permanente.

Os indicadores econômicos, exaustivamente estudados pelos economistas e políticos, se tomados de maneira estática nada representam. Contudo, se observada a sua tendência histórica, a situação se revela um tanto confusa e perigosa. Quando a balança de comércio se torna cronicamente deficitária, e a de serviços também, não há outro caminho senão recorrer à poupança externa para financiá-las. Como forma de atraí-la, oferecem-se juros reais elevados, mais altos que nos outros lugares do mundo. Surge uma autêntica bola de neve. Importa-se mais do que se exporta. Pagam-se juros altos pelos financiamentos. O déficit resultante será crescente.

Como forma de amenizar o problema, inicia-se a privatização, isto é, a venda de parte do patrimônio, cujo resultado deve ser aplicado para abater a dívida. A questão é: até quanto chegará a privatização em moedas fortes e conversíveis? Quando se exaurirá o privatizável? E, após sua exaustão, o que restará?

Coisa bem parecida já ocorreu com outros países latino-americanos e recentemente em asiáticos. É comum pensarmos que somente as atividades bombásticas, aquelas que chamam a atenção das massas, com rufar de tambores, aplausos e foguetórios, comícios e guerras, ações do governo e de grandes empresas, é que fazem a história. Esquecemos que a verdadeira história é gerada a partir da ação individual de algum homem, em silêncio, e na propagação pessoa a pessoa de suas idéias e ideais. É uma corrente que se fortalece a casa passo e tem o poder de modificar coisas e costumes, leis e atos, políticas e religiões.

Em cada um de nós é que se encontra a semente que tudo pode mudar, e é na evolução que ela deve germinar, medrar e crescer. Essa evolução passa pelas etapas da educação e da poupança. Não se está fazendo aqui a apologia das fronteiras fechadas, do protecionismo exacerbado e muito menos do isolacionismo econômico e cultural. Cada país, povo e nação deve contribuir no concerto internacional com o que tem de melhor e com o que de melhor puder construir. Entretanto, o país que compra deve fazê-lo porque precisa e porque isso lhe é útil, não porque foi induzido a tal.

Qual a ação individual a ser adotada para amenizar essa situação? O segredo é não se gastar mais do

que se ganha. Em outras palavras: *poupar*, não se deixar levar pelos apelos enganosos da mídia, principalmente em relação às novidades importadas, que logo descobrimos que não servem para nada ou quase nada. Poupar no sentido mais amplo da expressão: economizar o que se ganha, diminuir o consumo, cuidar da natureza, do ambiente, e pensar na sustentabilidade de um desenvolvimento futuro que busque felicidade sem agressão e excesso. Educar no sentido da preservação da cultura, dos valores cívicos, sociais e éticos. Poupar madeira, por exemplo, pode significar preservar florestas; e educar, construir ideais. ▲

Este artigo corresponde à transcrição de uma palestra dada pelo autor no ciclo *Ação Individual com Consciência Planetária*, realizado na Associação Palas Athena em maio de 1997.

Nu, 1,65m - bronze (1995).



EDGAR MORIN

COMPLEXIDADE E LIBERDADE

*Ordem e caos, análise e síntese;
os caminhos de um diálogo
antes considerado impossível*

EDGAR MORIN é diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, e autoridade mundial em estudos transdisciplinares. Sua obra consta de numerosos títulos, entre os quais *Meus Demônios*, *Ciência com consciência*, *Terra-pátria* e *Para sair do século vinte*, todos já traduzidos no Brasil.

Nu - bronze, detalhe (1993).



A complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à produzida no passado pelo paradigma copernicano. Mas essa nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se “autoproduz”, confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas, o que vale dizer que com a complexidade ganhamos a liberdade.

A grande descoberta do século é que a ciência não é o reino da certeza. Ela se baseia, seguramente, numa série de certezas local e espacialmente situadas. A rotação da Terra em torno do sol, por exemplo, nos parece certa; mas será possível dizer isso, tanto 100 milhões de anos antes de nossa era quanto depois, sabendo-se que o Universo está submetido a flutuações e perturbações, às quais hoje chamamos de movimento caótico?

A ciência é de fato um domínio de múltiplas certezas, e não o da certeza absoluta no plano teórico. A obra de Popper se tornou indispensável para a compreensão de que uma teoria científica não existe como tal, a não ser na medida em que aceita ser falível, submete-se ao jogo da “falsificabilidade” e, portanto, aceita a sua biodegradabilidade.

ORDEM, SEPARABILIDADE E LÓGICA: OS PILARES DA CIÊNCIA CLÁSSICA – A ciência clássica se apóia nos três pilares da certeza, que são a ordem, a separabilidade e a lógica. Para ela, esses eram os fundamentos absolutos. A ordem do Universo, tal como entendida por Descartes e Newton, era o produto da perfeição divina. Com Laplace, a hipótese de Deus é descartada: a ordem funciona sozinha, é “autoconsolidada”. A idéia de determinismo absoluto tornou-se objeto de uma crença quase religiosa entre os cientistas, que por isso se esqueceram de que ela não pode, de modo algum, ser demonstrada.

A segunda idéia-chave era a separabilidade. Conhecer é separar. Face a um problema complicado, dizia Descartes, é preciso dividi-lo em pequenos fragmentos e trabalhá-los um após o outro. Assim, as disciplinas científicas são desenvolvidas a partir da divisão do interior das grandes ciências, a física, a biologia etc., o que dá origem a compartimentos sempre novos. No limite, pode-se dizer que a separação entre ciência e filosofia e, mais amplamente, entre

ciência e cultura humanista – filosofia, literatura, poesia etc. – está instituída em nosso século como uma necessidade legítima.

Nas ciências, a separação entre o observador e sua observação, ou seja, entre nós, humanos, que consideramos os fenômenos, e estes (os objetos de conhecimento), tinha o valor de certeza absoluta. O conhecimento científico, objetivo, implicava a eliminação do indivíduo e da subjetividade. Se existisse um sujeito, ele causaria perturbação – seria um ruído.

Terceiro pilar: a lógica, a indução. Com base em um número importante e variado de observações, podia-se tirar delas leis gerais. Quanto à dedução, era um meio implacável de conduzir à verdade. Os princípios aristotélicos da identidade, da não-contradição e do terceiro excluído permitiam eliminar toda confusão, equívoco e contradição.

A lógica, a separabilidade e a ordem levaram para a ciência clássica essa certeza absoluta, na qual ela se baseia. E os resultados têm sido tão brilhantes que acabaram, paradoxalmente, colocando em xeque os princípios fundamentadores da separação.

Foi a ordem, isto é, o determinismo – tudo o que escapa ao acaso, às perturbações e à imprevisão – que entrou primeiro em crise. Com efeito, a termodinâmica introduziu a desordem molecular no fenômeno chamado calor. Sabemos hoje que nosso Universo tem uma origem calorífica, surgiu de um fenômeno térmico inicial, uma espécie de explosão seguida de enorme agitação. A presença da desordem universal se revela em todos os níveis: microscópico, cosmológico e também histórico, humano. Em relação a este, lembramos que a história não se reduz a processos determinísticos: é também feita de bifurcações, acasos, crises, daquilo que Shakespeare chamou de “o som e a fúria”. Isso não quer dizer, no entanto, que a desordem tomou o lugar da ordem. Um Universo assim seria tão insensato e impossível como aquele em que reinasse a ordem pura.

No reinado da ordem pura não há criação, não há possibilidade de nada novo. Se só existisse a desordem, a agitação, a álea, o Universo seria simplesmente inviável. É preciso, portanto, que desde o começo um certo número de princípios, considerados como de ordem, provoquem, sob certas condições, alguns

encontros nessa agitação de partículas. O princípio de interação forte ligará e formará núcleos; o princípio de interação eletromagnética impelirá os elétrons, para que eles se coloquem em volta do núcleo e formem os átomos; enfim, o princípio gravitacional atua no plano da formação dos astros, das galáxias...

Em outros termos, estamos diante deste paradoxo: as noções de ordem e desordem se repelem mutuamente. O Universo é um coquetel de ambas, uma mistura muito diferente segundo os casos, as condições, os lugares, os momentos... De acordo com o ângulo de observação, um dado fenômeno pode ao mesmo tempo se inclinar para um lado ou para o outro. Os átomos de carbono, por exemplo, são formados nos sóis anteriores ao nosso pela reunião instantânea de três núcleos de hélio. No interior dessas fantásticas forjas que são os astros, as interações são inumeráveis e o encontro, no mesmo momento, de três núcleos de hélio é tão raro quanto aleatório. Entretanto, uma vez ocorrido, uma lei entra em jogo: a do carbono que vai ser produzido.

É no encontro da ordem e da desordem que se produz a organização. Quando os três núcleos de hélio se reúnem nasce uma delas, a do átomo de carbono. Essas organizações criam, no seu próprio interior, uma ordem que lhes é própria. O mundo dos seres vivos obedece a todas as leis da física e da química; sua ordem é baseada na autoprodução, na regeneração etc.

Quanto à separabilidade, percebeu-se que ela leva à divisão das partes constituintes dos conjuntos organizados em sistemas, o que proporciona um conhecimento insuficiente, mutilado. Pode-se extrair um corpo de seu meio natural, colocá-lo num contexto experimental, controlado pelas variações que sobre ele atuam. Não é possível conhecer, numa única avaliação, a relação profunda existente entre o corpo e seu ambiente. Os seres vivos não são nada sem o seu meio. As experiências realizadas em cativeiro, para investigar a inteligência de seres sociais, como os chimpanzés, não nos têm permitido saber o que eles aprenderam depois delas. Com efeito, no curso de observações pacientes desses animais, em seu meio natural e em suas sociedades, pôde-se constatar que os indivíduos são diferenciados e que existem relações muito complexas entre eles. O chimpanzé adulto, por exemplo, não pratica o incesto.

A separabilidade perdeu seu valor absoluto. Uma das peculiaridades de um conjunto organizado em sistema decorre do fato de que, ao existir, essa organização produz qualidades novas, chamadas "emergências", que retroagem sobre o todo e não podem ser identificadas quando se tomam os elementos isoladamente. Desse modo, a organização viva produz um certo número de qualidades, como autoprodução, autonutrição e auto-reparação, que não se encontram nas partes, mas que as beneficiam. Da mesma forma, uma sociedade produz emergências culturais, como a linguagem, que retroage sobre os indivíduos e lhes permite, por sua aquisição (que é também conhecimento), tornarem-se plenamente humanos.

Consumou-se hoje, nas ciências, uma segunda transformação. A primeira aconteceu na física, no começo deste século, e destronou a ordem. A outra começou na segunda metade do século, com as ciências ditas sistêmicas, que lidam com os sistemas ecológicos espontâneos, que nascem das interações entre as plantas, os animais, o terreno geofísico, o clima. Todas essas interações produzem um conjunto mais ou menos auto-regulado, submetido a perturbações. Dessa maneira, a partir dos anos oitenta a ecologia começou a levar em conta, além dos ecossistemas, o sistema ainda mais complexo e mais ou menos regulado que é a biosfera. Isso permitiu acrescentar os seres humanos e sua civilização técnica e prever, com alguma certeza, os riscos possíveis da desregulação.

A partir da descoberta da tectônica das placas, nos anos sessenta, as ciências da Terra (sismologia, vulcanologia, geologia), que não se comunicavam entre si, hoje são articuladas umas às outras. Essa circunstância tem permitido compreender o planeta como um conjunto articulado e complexo. O ecologista, por exemplo, não conhece todos os dados da zoologia, botânica, física, geografia; tem um conhecimento parcial de cada uma, "um pouco de tudo", como dizia Pascal. No entanto, ao apelar para as competências dessas diferentes especialidades, ele dá um sentido a seus conhecimentos e os articula entre si. Infelizmente, a sociologia não fez essa revolução. A biologia também não.

A cosmofísica, na realidade, tornou-se inseparável da cosmologia, que é um ensaio de compreensão do

mundo. A revolução da ressurreição do cosmos (durante um século, o espaço-tempo – uma espécie de infinito – havia tomado o seu lugar) começou logo que se constatou o afastamento das galáxias; num determinado momento, supunha-se que elas eram muito próximas umas das outras e que havia existido um núcleo inicial.

Hoje sabemos que o cosmos tem uma história e que ela sofreu transformações. O cosmólogo foi levado a refletir sobre o mundo, sua origem, seu propósito ou sentido, se é que existe um. Ele retoma assim a relação filosófica, reinventa uma filosofia em estado selvagem. Com efeito, por falta de interesse dos filósofos, os cientistas são obrigados a refletir sobre o sentido de suas descobertas.

A questão “O que é o real?”, que parecia tão evidente, reapareceu. O que é o Universo onde – para seguir d’Espagnat – as coisas obviamente separadas são num certo nível inseparáveis, a partir do momento em que interagem? Trata-se de falar de inseparabilidade na separabilidade. O grande desafio do conhecimento repousa sobre esse paradoxo: para uma mesma realidade, depara-se ao mesmo tempo com o contínuo e com o descontínuo. As célebres experiências sobre a onda e o corpúsculo, relativas à natureza da partícula, mostraram que ela se comporta tanto como ondulação quanto como grânulo, ou seja: ora de modo contínuo, ora de forma descontínua – o que é contraditório do ponto de vista lógico. Reencontramos os mesmos problemas no que se refere à sociedade: se a consideramos de modo global, trata-se de um *continuum*. Os indivíduos nela se dissolvem, como ainda imaginam numerosos sociólogos; ou então, pode-se considerar que tanto os indivíduos quanto a sociedade se diluem, o que permite a certos autores dizer que esta não existe, e que só contam as interações entre as pessoas. No caso da espécie e do indivíduo é a mesma coisa. Não existem senão indivíduos; contudo, quando se leva em conta um longo espaço de tempo, eles se dissolvem e surge a noção contínua de espécie.

Eis o paradoxo do separável e do inseparável. Pascal não só já o havia colocado, mas tinha também indicado o caminho a seguir para avançar no conhecimento. Que dizia ele? Que “sendo todas as coisas ajudadas e ajudantes, causadas e causadoras, estando tudo unido por uma ligação natural e insensível, acho

impossível conhecer as partes sem conhecer o todo e impossível conhecer o todo sem conhecer cada uma das partes”. Nessa frase, de uma densidade e clareza extraordinárias, ele formula – no mesmo momento em que Descartes, triunfante, introduz o princípio da separação absoluta – o programa do conhecimento contemporâneo, que ainda não se conseguiu pôr em prática.

No que concerne à lógica, o umbral foi transposto no momento em que certos teóricos, ou pensadores, mostraram os limites da indução. Segundo o célebre exemplo de Popper, a regra geral que diz que “todos os cisnes são brancos” já não é uma, porque não se pode pressupor que não existam, em algum lugar, cisnes negros. A indução não é certeza absoluta; significa, em muitos casos, a existência de fortes possibilidades, de quase-certezas. Essa “derrapagem”, que ocorre também na dedução, foi assinalada pelos

Nu, bronze (1993).





Torso, detalhe (1990)

gregos. É o "paradoxo de Creta", segundo o qual todos os cretenses são mentirosos. Se um deles disser a verdade será, portanto, um mentiroso, porque todos os demais o são.

Esse paradoxo foi retomado por Russell, que tentou superá-lo. Ele nos conduz ao teorema de Gödel, cujo sentido é múltiplo, desde que queiramos investigá-lo além de seus limites matemáticos. É um problema de lógica fundamental, que nos ensina que nenhum sistema tem a capacidade de dar a si próprio a prova de sua consistência, atribuir-se uma certeza suficiente a partir de suas próprias fontes. Consequência metalógica: nenhum ser humano pode se autoconhecer por completo; o mesmo acontece com a Humanidade. Eis uma abertura reveladora da inconclusibilidade do conhecimento – e da lógica.

A partir daí, a ciência clássica se defrontou com a contradição e começou a temer o erro. Niels Bohr teve a coragem de afrontar a aporia da onda e do corpúsculo sem poder ultrapassá-la, o que significa reconhecer que se trata de dois termos contraditórios

e complementares. Admite-se hoje que é possível chegar, por meios racionais e empíricos, a essas contradições. De resto, Kant já havia mostrado que no horizonte da razão havia um certo número de impasses fundamentais.

Pode-se enfrentar esse problema não sonhando entrar numa nova lógica, que nos permita integrar as contradições, mas mostrando que é possível promover um incansável jogo de circularidade entre nossa lógica tradicional e as transgressões necessárias ao progresso de uma racionalidade aberta. Esse propósito pode ser ilustrado tomando o aforismo de Heráclito: "Viver de morte, morrer de vida". Eis uma proposição extravagante. No entanto, sabemos hoje que os seres vivos – o nosso organismo, por exemplo – ao funcionar degradam a sua energia, isto é, as moléculas de suas células. Estas morrem e são substituídas por outras. Dizendo de outra forma, nossa vida continua graças à morte celular, porque o organismo é dotado de um poder de regeneração contínua. Cada batimento do coração, cada movimento respiratório, é uma obra de regeneração. O oxigênio é um detoxificante.

Do mesmo modo, uma sociedade vive da morte de seus indivíduos; faz isso passando às novas gerações a cultura que começa a se decompor nos cérebros mais senis. É como viver da morte. Essa contradição lógica fundamental pode ser explicada etapa por etapa, de modo segmentar, sem sair do caminho lógico (as células têm a capacidade de se reproduzir). Entretanto, para compreender esse fenômeno básico necessitamos do paradoxo – que vale também para os ecossistemas – que se chama circularidade trófica, que ilustra a recursividade da vida – o ciclo vital, que é também de morte. São duas faces da mesma realidade. Morrer de vida: esse é o nosso processo de rejuvenescimento contínuo; é "mortificante" remoçar, eis a trágica lição da vida.

Estas formulações nos permitem unir o que o pensamento clássico não conseguiu. Continua sendo verdade que o maior inimigo da vida é a morte, e que o maior desafio ao fenômeno de decomposição é o renascimento da vida. O pensamento deve ser capaz de confrontar os antagonismos, poder enxergar as aporias, sem que para tanto precise renegar o valor da lógica, a dedução ou a indução.

O PENSAMENTO COMPLEXO – Desses três desafios – a relação entre a ordem, a desordem e a organização; a questão da separabilidade ou a distinção entre separabilidade e não-separação; e o problema da lógica – podem-se tirar as três vertentes do pensamento complexo.

Discutindo sem dividir: a palavra *complexus* retira daí seu primeiro sentido, ou seja, “o que é tecido junto”. Pensar a complexidade é respeitar a tessitura comum, o complexo que ela forma para além de suas partes.

A segunda linha fundamental é a imprevisibilidade. Um pensamento complexo deve ser capaz de não apenas religar, mas de ter uma postura em relação à incerteza. As ciências físicas, que descobriram a incerteza, encontraram estratégias para lidar com ela, utilizando a estatística, por exemplo. A eletrônica permite alcançar resultados de grande precisão, em termos de conhecimento desse mundo flutuante. O pensamento capaz de lidar com a incerteza existe no domínio das ciências, mas não no âmbito social, econômico, psicológico e histórico.

O terceiro ponto é a oposição da racionalização fechada à racionalidade aberta. A primeira pensa que é a razão que está a serviço da lógica, enquanto a segunda imagina o inverso. Racionalizar significa acreditar que, se um determinado sistema é coerente, é portanto perfeito, e por isso não precisa ser verificado. Vivemos sob o império de idéias racionalizadas, que não conseguem se dar conta do que acontece e privilegiam os sistemas fechados, coerentes e consistentes. A ciência econômica contemporânea – formalizada e matemática – é um magnífico exemplo de racionalização. É inteiramente fechada, não consegue perceber as paixões, a vida, a carne dos seres humanos. Por isso, é incapaz de fazer previsões quando surgem eventos inesperados. Mais ainda que no século de Molière, os Disfoirus triunfam.

O desafio é hoje generalizado. Falar da incerteza é falar do caos. Emprego esse termo em seu sentido original, e não no derivado das teorias sobre o tema. Trata-se, como no pensamento grego, da idéia de que o cosmos, ou Universo ordenado, nasce do caos, isto é, que forças genéticas extremamente violentas, comportando potencialmente a ordem e desordem indiferenciadas, podem se exprimir num determinado

momento. Os gregos pensavam que a origem do organizado, ou racional, é a loucura. É o que sustenta Platão, quando diz que *Dikê*, a justiça, é filha de *Hubris*, o delírio. O caos é um pouco aquilo que corresponde à palavra *Physis*, isto é, o mundo no qual estamos e do qual as coisas nascem. Ele está continuamente presente sob o cosmos ou – pouco importa – no interior dele. O Universo é caos; isso quer dizer que forças de desordem, ordem e organização brotam continuamente do seu seio, o que dá origem à constituição de novas estrelas, a colisões de galáxias e, em nossa Terra, ao conflito de impulsos de barbárie e associação.

De acordo com a teoria do caos, processos deterministas por natureza conduzem, com grande rapidez, a estados imprevisíveis e aparentemente desordenados. Por quê? Porque as interações são incontáveis e o conhecimento total e absoluto dos estados iniciais não nos é permitido. É uma maneira de dizer que, mesmo na ocorrência de um determinismo inicial, há imprevisibilidade e desordem aparentes.

O que compreendia Atlan, o termodinâmico de origem austríaca, quando dizia que a vida existe à temperatura de sua própria destruição? Segundo o seu belo livro, *Entre o Cristal e a Fumaça*, é preciso entender que não somos nem fumaça nem cristal. Não somos seres fluidos nem sólidos. Somos híbridos, que vivem à temperatura de sua combustão e destruição.

No desafio da complexidade, certos filósofos podem nos ajudar: Heráclito, com o enfrentamento das contradições; Sócrates com a dialética, cujo jogo de oposições faz progredir o conhecimento; Nicolás de Cusa, no plano místico; João da Cruz; Jacob Boehme; Pascal, em cuja obra não se reconheceu o papel central que desempenham as contradições; Hegel, evidentemente; Nietzsche, até certo ponto.

A EMERGÊNCIA DOS SISTEMAS – Entretanto, para adquirirmos os meios intelectuais e conceituais necessários à entrada no universo da complexidade, foi preciso esperar pelos anos cinquenta, quando surgiram três teorias novas. A primeira foi a cibernética de Norbert Wiener, que é ao mesmo tempo engenheiro e pensador. Devemos a ele a idéia de retroação e circularidade, que estava latente desde a obra de Marx,

onde a superestrutura reage sobre a infra-estrutura. Essa idéia de ciclos retroativos, que quebram a causalidade linear, mostra que os fatos podem, eles próprios, se tornar causadores ao retroagir sobre a causa, como Pascal já havia assinalado. Essa recursividade tem dois aspectos: um regulador, que impede que os desvios destruam os sistemas; e outro potencialmente destruidor, chamado de *feedback* positivo, que o faz explodir.

Nos anos sessenta um outro pensador, o nipo-americano Magoroh Maruyama, fez a seguinte proposição: não se pode ter criação a não ser por meio dos *feedbacks* positivos. Em outros termos, quando um sistema se desregula há um desvio que se amplifica. Nesse caso, o sistema – sobretudo se é complexo (social ou humano) –, ao invés de se desgovernar, pode transformar-se. A criação não é possível senão pela desregulação.

O segundo aporte conceitual é a teoria dos sistemas, que supõe que o todo é maior que a soma de suas partes, mas também que é menor que ela; assim, a totalidade pode oprimir as partes e impedir que estas dêem o melhor de si mesmas. Isso tem consequências político-sociais indiretas. Um grande império não é melhor porque é um todo: sua bancarrota pode ser salutar, ao liberar as potencialidades das partes.

A idéia capital aqui é a de emergência. As qualidades que aparecem podem ser induzidas, mas não podem, em contrapartida, ser deduzidas logicamente. As emergências estão em qualquer espécie de flor. A evolução biológica levou, num determinado momento, a uma verdadeira explosão floral – mas persiste a questão de saber por que as flores têm necessidade de mostrar o seu sexo, de serem exibicionistas!

O terceiro aporte é a teoria da informação, de Shannon & Weaver. É um instrumento capaz de lidar com a incerteza, com o inesperado. Extrai-se do mundo do ruído algo de novo e muitas vezes surpreendente. A noção de informação, ao mesmo tempo física e semântica, nos introduz num mundo onde o novo pode aparecer, ser reconhecido, assinalado... Captamos o novo nessa relação permanente de ordem e redundância, na integração do conhecido e na ordem do ruído.

Essas três teorias formam uma espécie de “rés-do-chão”. No primeiro estágio, pode-se colocar a contribuição de Von Foerster e de Von Neumann. Este, refletindo sobre a diferença entre as máquinas artificiais, as que produzimos a partir de elementos fabricados, confiáveis, e as máquinas naturais, cujos elementos são pouco confiáveis (essas moléculas que se degradam por um nada!), perguntou-se: por que as primeiras, logo que começam a funcionar iniciam seus processos de usura e degradação, enquanto que as segundas – os seres vivos – podem progredir, evoluir? A resposta é que os viventes têm o poder da auto-reparação, da auto-reforma.

A segunda idéia, de Von Foerster, é a “ordem a partir do ruído”. Seu jogo experimental era o seguinte: tomava de uma caixa, dentro da qual colocava cubos com determinados lados imantados. Em seguida provocava agitação, isto é, introduzia na caixa uma energia não-direcional e portanto a desordem. Apesar disso, a presença de um princípio de ordem – os ímãs – permitia chegar a uma arquitetura bem organizada. Eis o fenômeno da auto-organização.

O segundo estágio é o que se poderia chamar de auto-eco-organização. Um ser vivo precisa nutrir-se para regenerar a sua energia. Para ser autônomo, tem necessidade do meio ambiente, de onde retira não energia bruta, mas já organizada. Do mesmo modo, temos gravada em nossa organização uma ordem cósmica, a alternância do dia e da noite. Esta – por uma espécie de mecanismo cíclico, que pode se tornar independente da luz e da obscuridade, como mostraram experiências em cavernas sem luz – nos permite alternar a vigília e o sono...

Tudo para dizer que a separação entre o conhecedor e o conhecimento não pode ser alcançada. Saiba-se, depois de Kant, que para conhecer o mundo projetamos nele nossas categorias, nossos *a priori* espaço-temporais.

POR UMA CONVIVÊNCIA SOLIDÁRIA – Isso pode ser ainda confirmado pelo funcionamento do cérebro humano: isolado no interior de uma caixa fechada, ele todavia se comunica com o Universo exterior pela mediação de terminais sensoriais. Os estímulos visuais, por exemplo, são transformados num código binário, que o

tecido cerebral retrabalha e transforma em percepção ou representação. O conhecimento não é senão uma tradução, uma reconstrução. Não conhecemos a essência das coisas exteriores. Sabemos das coisas objetivas, que podemos confirmar, mas não há conhecimento sem integração do conhecido. Essa circunstância vale também para os fenômenos sociais e humanos. O sociólogo, o economista, são parte da sociedade e esta, como um todo – ou seja, a cultura, a linguagem –, está também neles.

Num estágio superior, vejo a necessidade de uma reforma paradigmática dos conceitos dominantes e de suas relações lógicas, que controlam, inconsciente e incorrigivelmente, todo o nosso conhecimento. O paradigma sob o qual vivemos é o da disjunção e da redução; e ele nos torna cegos, nesta era de globalidade e mundialização.

A reforma necessária (e não podemos decretá-la, porque ela está inscrita no próprio curso da história; pensemos na passagem do paradigma ptolomaico ao copernicano!) consiste em passar para um paradigma de *religação*, conjunção, implicação mútua e distinção. Ela supõe uma mudança no ensino, que por sua vez implica uma transformação do pensamento. É um círculo vicioso, do qual precisamos sair um dia...

Um conhecimento pertinente é aquele que é capaz de contextualizar, isto é, de religar, globalizar. A ação adquire um novo sentido: é fazer as apostas. Pascal – novamente ele – apostava em Deus. Nós apostamos em valores que não podem ser fundamentados. Assim como o mundo, a ética se autoproduz.

Conhecer é também uma estratégia, que se pode modificar em relação ao programa inicial, que é flexível e leva em conta o que chamo de ecologia da ação. Sabe-se hoje que uma ação, lançada ao mundo, entra num turbilhão de interações e retroações que podem se voltar contra a intenção inicial.

Por fim, uma última idéia: o sentimento de uma comunidade de destino profundo, que liga as idéias de solidariedade e fraternidade. O laço entre complexidade e solidariedade não é mecânico. Uma sociedade muito complexa proporciona muitas liberdades de jogo aos seus indivíduos e grupos. Ela lhes permite ser criativos, algumas vezes delinquentes. A complexidade tem, assim, seus riscos. Ao atingir o extremo da complexidade a sociedade se desintegra. Para impedi-lo, pode-se recorrer a medidas autoritárias; entretanto, supondo que desejemos o mínimo possível de coerção, o único cimento que nos resta é a solidariedade vivida. ▲

Torso, bronze (1990)



MARIA APARECIDA LOPES NOGUEIRA

CULTURA E IMAGINÁRIO EM ARIANO SUASSUNA

*A mitologia brasileira vista pela obra de um
de seus maiores intérpretes*

Busto, gesso (1990).



MARIA APARECIDA LOPES NOGUEIRA
é antropóloga e pesquisadora da Fun-
dação Joaquim Nabuco, Recife, PE.

Recentemente uma arquiteta, mestranda em desenvolvimento urbano, me procurou para discutir seu projeto de dissertação. Trata-se de um estudo da importância dos mitos como elementos transformadores da arquitetura brasileira. Comentei, após o nosso primeiro encontro: mito, atualmente, serve para tudo!... Esse é um indício, um ótimo indício, de que cada vez mais as pessoas estão empreendendo esforços no sentido de buscar outros caminhos para suas pesquisas e estudos. A narrativa mítica, a identificação de mitos fundadores, é uma das veredas a serem trilhadas para esse fim.

Entretanto, segundo o Professor Edgard de Assis Carvalho, para conseguir esse intento é necessário recompor a teoria, "o que implica entendê-la como uma dialogia anticausal dos itinerários racional/lógico/empírico e mítico/mágico/simbólico, como anti-cartesianos da linhagem de um Edgar Morin, dentre outros, vêm propondo para uma ciência nova. Ao vocabulário minado das certezas e teleologias científicas, portador de um vocabulário único, essa discursividade renovada conteria vários vocabulários oriundos de terrenos míticos, imaginais, históricos, inconscientes, numa espécie de bricolagem instaurativa capaz de recriar o *outro* e o *mesmo*".¹

TRAMAS E TRAJETOS – É esse o caminho de Ariano Suassuna. Ele quer entender a cultura brasileira a partir de uma leitura mitológica. Deseja "ir além", verificar o chão e os subterrâneos de nossa cultura: antropologia profunda, diria Gilbert Durand. Suassuna seria um "viajante moderno", "feliz expressão de Todorov para definir um tipo de subjetividade que metamorfoseia-se a si própria para se transformar em algo mais totalizado, que pensa desnaturalizar o discurso duro do pensamento teórico, para reorientá-lo para canais mais holográficos, portadores de sentido e percepções transhistóricas".²

Suassuna tem sido capaz de criar imagens, lidando com mitos e construindo linguagens outras, que

delineiam um pensamento multidimensional. O cadinho da sua *Ilha Brasil* funde a Visão Edênica – já presente em Montaigne – e o Eldorado. A *Ilha Brasil* é paradisíaca, escreve Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel; trata-se da mesma Ilha de Cipango, A Afortunada, onde um dia ressuscitará El-Rei Dom Sebastião, o Rei Encoberto, o Rei Desejado; eis a sagração do Sebastianismo. N'A *Pedra do Reino*, o personagem Quaderna nos conta: "A tradição da minha família é sempre a fundação de um Reino junto a uma Pedra, dentro da qual, prisioneiro e encantado, está El-Rei Dom Sebastião, O Desejado".³

El-Rei não morreu, encantou-se. Minha tentativa é recompor a trajetória do Mito: da batalha de Alcácer-Quibir, travada em 1578 na África, para o sertão-já. Tempo e espaço transgredidos, eis aí presentes o tempo não-linear e o espaço qualitativo, próprios do mito. A cada Nau Catarineta, o mito é ressignificado, a cada incursão à *Pedra do Reino*, ele é mais uma vez significado. São coisas cifradas e enigmáticas, diz Suassuna.

Essa trajetividade – lembro do trajeto antropológico, de Durand – transcende linearidades, ao mesmo tempo em que traz à tona arquétipos, tais como o do herói, encarnado por Dom Sebastião e reencarnado em Conselheiro, Lampião, Padre Cícero e em tantos beatos por esse sertão afora. Pois é, o sebastianismo nordestino é amplo e fornece subsídios para a conformação da visão paradisíaca do Brasil, o lugar escolhido por Dom Sebastião para ressuscitar, devido às suas qualidades de flora e fauna, sua riqueza e seus tesouros. Estamos também no âmbito do mito do Eldorado, perseguido pelas demandas dos nossos conquistadores.

MITOLOGIAS DO SERTÃO – Entretanto, nem tudo é trajetividade nas estruturas mitológicas; algumas delas se dissipam (as estruturas dissipativas, de Prigogine), e por isso alguns mitos desaparecem, como assegura Lévi-Strauss no artigo *Como Morrem os Mitos*

(*Antropologia Estrutural II*). Assim, o medieval é ressignificado em Suassuna, por meio da relação dialógica trajetividade-dissipação.

Suassuna se propõe a criar uma espécie de mitologia brasileira em sua trilogia, formada pelas obras *A Pedra do Reino*, *O Rei Degolado ao Sol da Onça Caetana* e o romance que está escrevendo atualmente. São três ficções míticas por excelência. No folheto número XLIX d' *A Pedra do Reino*, denominado *A Visagem da Moça Caetana*, Quaderna descreve sua visão como uma "visagem da morte".

Na mitologia de Ariano Suassuna, a Onça é o animal mais importante. As imagens do autor a identificam com a morte – a morte violenta – que no sertão é chamada de Caetana. Trata-se de uma divindade tapuia-sertaneja, que é "bela, imortal e eternamente jovem, dotada daquela beleza ao mesmo tempo cruel, terrificante e fascinadora que é própria de sua hierarquia divina".⁴

Segue Suassuna, neste belíssimo trecho:

No começo imemorial dos tempos, vira as plantas e animais sertanejos surgirem, pela primeira vez no mundo deserto, do barro úmido, quando as Divindades cariris se ajuntavam carnalmente entre si e pingos de sangue dos deuses-machos e das fêmeas caíam do céu e do sol no chão, e geravam, assim, da terra, os rebanhos de todos os bichos que ainda existem. Era, quase sempre, no tempo da chuva, que tais coisas aconteciam. Depois, mesmo nos meses de estio, com o Sol abrasador queimando o Sertão velho, vira deuses machos e fêmeas deixando-se atrair sexualmente por esses animais, descendentes seus. Um deus-macho qualquer, sob forma de Jaguar, cobria uma Anta fêmea; ou então uma divindade fêmea, sob forma de Garça, deixava-se possuir por um Gavião. Assim, como resultado desses incestos e metamorfoses, surgiram os primeiros homens e mulheres, os Tapuios e Tapuias-Cariris, antepassados dos nossos índios de cara de pedra, dos astecas, maias, incas e toltecas, e, portanto, geradores primeiros de toda a Raça humana.

A todos esses momentos de violação e metamorfose Caetana assistia, de todas essas poses ela participava, ora sob forma



macha, ora sob forma fêmea, estremecendo com seu sangue nas convulsões dos partos e nos estremecidos do gozo. Do sangue de todos os homens-machos que nascem, ela faz apossar um dos seus Gaviões, e do sangue das mulheres-fêmeas a cobra-coral Verbera. É por isso que toda mulher, quando goza ou quando entra em agonia, se contorce como uma Serpente. É por isso que todo homem, quando goza ou quando morre, estremece todo, cerrando os dentes e, logo depois, abrindo e fechando a boca, no feio e sagrado espasmo do Gavião profundamente ferido. E, finalmente, é por isso que todos os homens, e todos os filhos e filhas dos homens, são também filhos da morte, nenhum deles escapando a suas garras maternas e cruéis.⁵

CULTURA E TRANSFORMAÇÃO – Gostaria de ressaltar a presença constante da *metamorfose* nos mitos suasunianos, pressuposto do seu Movimento Armorial, que possibilita a construção de um outro olhar. Um olhar científico “metamorfoseado” é, por sinal, a proposta de Prigogine para uma ciência do paradigma emergente. Voltando à Onça Castanha*, ela subjaz à raça brasileira, à América Latina e à rainha do Meio-Dia, ou seja, falo de brasileiros, latinos, asiáticos, africanos e europeus do Mediterrâneo. Suassuna acredita que esse *Castanho* que vem se forjando no Brasil, mais especificamente no sertão, é um sonho inconsciente perseguido por todo o povo brasileiro. A Onça Castanha é, então, a própria mediadora entre os mundos branco, negro, vermelho e amarelo, é seu centro sagrado, centro arquetípico mesmo (lembro de Jung), que é continuamente buscado.

A Onça Caetana tudo sabe. Ela enxerga presente, passado e futuro simultaneamente, nos põe diante da sincronicidade junguiana, do tempo não-linear e da seta do tempo de Prigogine. Em Suassuna, como em toda obra de arte, essa seta é interrompida, numa espécie de “congelamento”, como ocorre nos livros de Lévi-Strauss *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*. Por ser uma Divindade Cariri, a Moça Caetana

é morena. Circunscrevendo-se no âmbito do Brasil, a Onça – “animal heráldico brasileiro por excelência”, segundo Suassuna, é o símbolo da morte; essa morte, que tanto persegue o autor, assombra também o sertanejo, o nordestino, o brasileiro.

Ariano Suassuna também recria e transfigura o mito da Fome, que é personalizado por Bernardo Cintura; e ainda nos traz a miséria, personalizada por Dona Murzela. O autor nos fala que seu “realismo mágico” pretende revelar um universo mais significativo e mais verdadeiro do que a realidade, e para tal recorre o tempo inteiro à utilização de metáforas, próprias da narrativa mítica. Vejamos um trecho de seu poema *A Onça*:

*Quem me sopra o Traspasse e a Solução?
Quem me sussurra o fogo desta Voz?
Ai, perigo de ser do meu cansaço!
Ai, papoula da vida, sangra os Nós!
E vai, e esquiva fuge, e espreita a Sombra
na Cabeça de cacto feroz.⁶*

Meu entendimento se dá no entrecruzamento do texto de Suassuna com meu olhar. E o sinto e apreendo na medida do resgate de mim mesma. Sendo todo e qualquer relato, científico ou não, de caráter mítico, como asseguram Lévi-Strauss e Gilbert Durand, identificador em toda obra suasuniana, seja ela artística ou acadêmica, a presença constante de metáforas. O trecho a seguir, de sua tese de livre docência *A Onça Castanha e Ilha Brasil*, é revelador:

Nessa espécie de Geografia mítica que venho empreendendo, é necessário destacar que, na Península Ibérica, existe um deserto, um Sertão – que é a Castela espanhola, despojada e ascética – e um Éden verdejante e tropical, que é a orla litorânea de Portugal. É por isso que Castela e o Sertão têm mais grandeza, enquanto Portugal e a Zona da Mata têm mais graça.

É talvez por causa disso que, dos Mitos que mais influenciaram os povos ibéricos, um é mais feminino, vegetal e português – o do Paraíso Edênico – e o



outro é mais solar, pedregoso, masculino e espanhol – o do Eldorado. O do Paraíso, mais litorâneo; o do Eldorado, mais sertanejo e sertanista.⁷

Percebe-se aí toda a dialógica de que trata Edgar Morin no seu paradigma da complexidade, e que, na qualidade de traço característico da narrativa mítica, revela a “alógica” do mito (Gilbert Durand), onde a contradição é presença constante e requer outras antropologias e sociologias, outras histórias e linguagens, outras epistemologias. Essa é a busca incessante dos autores inscritos no âmbito do paradigma emergente. Físicos, químicos, filósofos, cientistas sociais, estudiosos do homem, todos buscam na

narrativa mítica, na metáfora, no imaginário, possibilidades de reorientações teóricas, de modo a aproximá-los dos fenômenos a partir da ótica da desordem, de forma a permitir-lhes a eterna reinvenção da cultura.

Penso que a antropologia implícita de Ariano Suassuna, nos moldes entendidos por Todorov, pode contribuir para subsidiar os estudiosos interessados em inclassificações e transdisciplinaridade. A cultura inventada e reinventada, por meio dos mitos, em Suassuna, assim como o Brasil que emerge de sua obra, acenam no sentido de uma ciência criativa, infinitamente metamorfoseada e reencantada.

NOTAS

* O autor usa alternadamente os termos *Onça Caetana* e *Onça Castanha*, para designar a mesma figura mitológica. [N. E.]

1. Edgard de Assis Carvalho. *Estrangeiras Imagens*. São Paulo, 1995 (mimeo), pág. 10.

2. *Id.*, *ibid.*

3. *Ibid.*, pág. 37.

4. Ariano Suassuna. *O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão; Romance Armorial e Novela Romancel Brasileira – Ao Sol da Onça Caetana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977, pág. 11.

5. *Ibid.*, pág. 11.

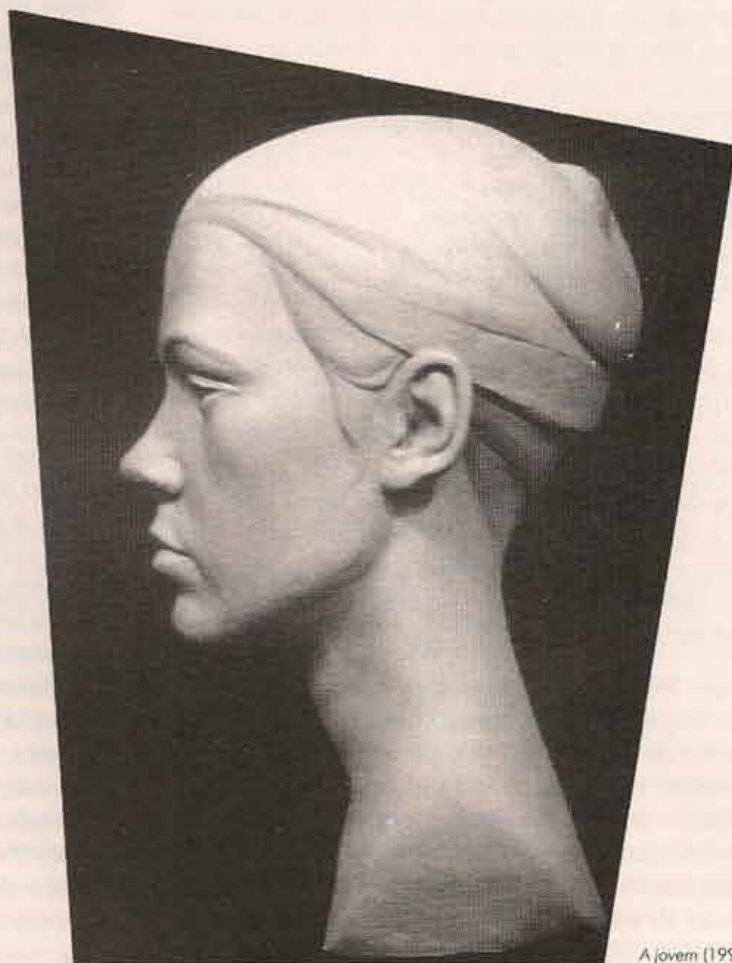
6. Ariano Suassuna. *Seleta em Prosa e Verso*. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, INL, 1974, pág. 108.

7. Suassuna. *op. cit.*, pág. 24.

HUMBERTO MARIOTTI

A LITERATURA COMO FORMA FILOSÓFICA

*A escalada da barbárie e o papel da palavra
como instrumento de libertação*



HUMBERTO MARIOTTI é escritor e membro do Conselho Editorial da THOT e da Editora Palas Athena. É autor dos romances *Peixes Deitados de Lado* (Ática) e *Passagem das Luzes* (Codecri), entre outros livros.

A jovem (1997)...

Neste artigo, cujo título parafraseia o do trabalho de Olgária Matos, *O Ensaio como Forma Filosófica*, publicado em nosso número anterior, o termo “filosofia” é empregado na acepção clássica, de amor à sabedoria. Forma filosófica, portanto, seria a maneira de exprimir o resultado de reflexões por meio das quais buscamos algum grau de entendimento do mundo.

AS DUAS CULTURAS – Vivemos hoje, ao que se diz, uma fase de refluxo da literatura de ficção, em especial o romance. O que se afirma é que a ficção literária estaria sendo substituída pelas formas de expressão que utilizam a imagem. Em resumo, o livro de papel estaria em vias de extinção e seria substituído por outras formas midiáticas como o filme, o vídeo, o CD-ROM e assim por diante. Mas pouco se fala de um aspecto óbvio: para que se chegue ao filme, ao vídeo ou equivalente, é preciso que alguém pense no enredo e em sua expressão inicial, que deverá ser sempre constituída por palavras. Isto é: alguém terá de fazer a sinopse e depois o roteiro, para que a história possa ser filmada e apresentada. Desse modo, aquele que inventa e transforma o que criou em palavras – o escritor – continuará existindo, seja como roteirista ou o que for. Para criar, contudo, precisa continuar a ser capaz de pôr em palavras o que imaginou.

Dizendo de outra maneira: sem a palavra como ponto de partida não poderão existir as outras formas que supostamente substituirão o livro, ou elas só existirão de um modo a tal ponto vulgar e primitivo que será difícil reconhecer em sua estrutura os traços mais básicos da condição humana. O problema real, portanto, é que o suposto desprestígio do texto é, na verdade, uma forma de privar a mente humana do contato direto com a palavra e seu poder analisador e transformador.

O que importa investigar aqui é a perspectiva do desaparecimento da literatura como forma filosófica. Deixemos de lado, portanto, os aspectos acessórios da questão, isto é, se o livro de papel vai ou não perdurar, e passemos ao que realmente interessa, que é examinar o que está acontecendo com o texto ficcional como meio de apreensão, compreensão e expressão da realidade e as prováveis consequências de tudo isso.

Apenas para efeitos de análise, tomemos como correta a premissa de que a era do livro, tal como o conhecemos, está acabando. Como de costume, essa será mais uma ocasião em que o Brasil passará por uma fase histórica sem ter ao menos entrado inteiramente nela. Como se sabe, os benefícios que, ao longo da história, a literatura de ficção como instrumento de exame e reflexão sobre a condição humana trouxe às várias culturas, só de modo restrito aconteceram em nosso país – e não por falta de bons escritores. O que ocorre é que a nossa cultura desde o início pouco teve a ver com a palavra escrita; ao contrário da anglo-saxônica e da judaica. E os males que daí resultaram nos atingiram e continuam atingindo em termos educacionais e, por conseguinte, culturais.

Sabemos que existe uma forma de apreensão do mundo proporcionada pela escrita – ou seja, pela ficção – e veiculada sob a forma de contos, romances e meios de expressão não necessariamente ficcionais mas igualmente baseadas na palavra, como a poesia. A questão é determinar até que ponto a palavra pode ser suprimida sem que o *logos* – a razão – seja prejudicado, com o estado de alienação daí resultante. Não há respostas categóricas para essa indagação, é claro. O que se pode fazer é mostrar como esses fenômenos se observam na prática e convidar o leitor a refletir sobre os estragos que essa supressão pode provocar caso seja total, como muitos afirmam. Trata-se, portanto, de determinar até onde a palavra como meio de compreensão de mundo pode e deve ser complementada pela imagem.

Como se sabe, o sucesso de público, o grande sucesso de massa, é sempre vulgar e por definição avesso à palavra escrita. Ele se expressa por um discurso verbal mínimo, complementado por imagens padronizadas. Quando utiliza a palavra escrita, esta é posta a serviço do esquematismo, da uniformização e da superficialidade. Em termos literários, é o caso dos chamados *bestsellers*, a conhecida literatura digestiva. Além disso, o sucesso de massa, iletrado por natureza, manifesta-se em geral pela propensão à violência, à banalização do sexo e outras formas de expressão da vulgaridade. Em outros termos, a diminuição da importância da escrita como meio de expressão da inteligência e do imaginário está profundamente enraizada na barbárie em que as nossas culturas mergulham de modo crescente.

É sabido que a grande maioria das pessoas tem seu gosto massificado pela propaganda e pelo *marketing*. Essa massificação se torna mais fácil e mais eficaz se o pensamento coletivo for mantido no plano concreto, linear, do raciocínio de causalidade simples, cuja característica básica é ver as causas como imediatamente anteriores ou muito próximas aos efeitos. Trata-se de um modelo mental imediatista e simplificador, que procura excluir a diferença (a diversidade) e privilegiar a repetição (os padrões). É evidente que nesse processo o imaginário, com seu potencial de criar novas visões de mundo, é reprimido ou direcionado para a produção em série de imagens estandardizadas.

A educação que recebemos, balizada por essa linearidade, faz o que dela se espera: produz a instrução técnica estritamente necessária aos atos da vida mecânica. Para isso, utiliza um mínimo de palavras e um máximo de imagens-padrão (características da baixa cultura) e procura reprimir, ou pelo menos não estimular, a emergência da linguagem escrita como instrumento de investigação/invenção e produção de imagens criativas – características da alta cultura.

A tônica da barbárie, portanto, é a repressão ao imaginário e o combate à diferença em todas as suas formas: na linguagem, na arte, na expressão corporal; enfim, em todos os meios pelos quais o indivíduo pode se diferenciar da massa. Todos esses fenômenos são conhecidos há muito tempo. A atual diminuição de prestígio da literatura de ficção é apenas uma das manifestações de um processo mais amplo, que é a progressiva boçalização da nossa cultura.

Sabe-se que as pessoas criativas tendem a se rebelar contra a massificação de seus gostos e preferências, isto é, reagem contra a uniformização resultante da ação do *marketing* e da propaganda e contra a

monotonia do trabalho e do lazer repetitivos. A queda da literatura de ficção se enquadra nas estratégias de desestímulo ao comportamento diferenciado. Os bons livros são, como sempre foram, inimigos da

vulgaridade e do nivelamento por baixo. É por isso que eles fazem tanta falta no mundo atual. O romance, como disse Lucien Goldmann, é um gênero de oposição.

Mas o problema é que a vulgarização das pessoas pela supressão da palavra (e, por conseguinte, do *logos*) as torna cada vez menos capazes de perceber essas nuances. Um dos mecanismos pelos quais isso se produz é nossa tendência à interpretação conspiratória da massificação. Ao que parece, estamos convencidos de que ela, como todos os fenômenos que a acompanham, é produto da ação de um sistema "superior", "onisciente" e "onipotente", uma espécie de *establishment* que tudo comanda e contra o qual é inútil lutar. Ou seja, colocamos na situação de vítimas e com essa desculpa tentamos fugir à

responsabilidade de ter de enfrentar esta realidade: não há dominação sem o consentimento e a colaboração dos dominados. Tudo isso vem acontecendo com a nossa anuência, seja ela consciente ou inconsciente. Essa postura de vítimas de uma ampla e poderosíssima conspiração, aliás, reflete uma das manifestações clássicas do pensamento linear, que tende a dar pouco valor às iniciativas individuais para a transformação social. É por isso que é tão difícil o trabalho de conscientização das pessoas para a cidadania.

Ao que tudo indica, estamos num beco sem saída, que no entanto pode ser reaberto por meio de uma



educação que ensine as pessoas a pensar racionalmente. Aqui, por pensamento racional deve-se entender a razão como a vê Espinosa, isto é, a racionalidade que inclui também a intuição e a emoção. É o que se pretende pôr em prática, hoje em dia, com iniciativas como a transdisciplinaridade.

Entretanto, mesmo entre os proponentes dessa orientação é freqüente observar-se uma dificuldade. Reconhece-se a importância do imaginário, é claro, mas muitos parecem não entender que propostas como a abordagem transdisciplinar – que visa a sinergia dos pensamentos linear e não-linear – precisam ser postas em prática por meio da harmonia palavra/imagem. Parece que existe uma dificuldade de entender que para o sucesso dessa complementação é fundamental que o fabulário dos povos continue abrangente e que para isso é indispensável o uso da palavra – do *logos*, portanto – como instrumento de criação. Como é óbvio, esse objetivo não pode ser atingido numa cultura cada vez mais atrelada a ícones e outras expressões de uma imagética padronizada. Neste ponto, é importante destacar os esforços de alguns dos pesquisadores da transdisciplinaridade, como por exemplo Ubiratan D'Ambrosio, que está sempre se referindo a textos ficcionais, e Maria Aparecida Lopes Nogueira (ver neste número o seu artigo sobre o imaginário e a literatura de Ariano Suassuna).

Não que esteja de todo ausente a noção da importância da ficção. As pessoas costumam citar sempre obras literárias, até porque esse procedimento sempre foi considerado *cult*. Mas a grande maioria não as leu e, mesmo nesse caso, muitos não chegaram a



compreender que a leitura dos textos da grande literatura constitui um poderoso instrumento de desenvolvimento da razão humana, base de toda iniciativa de investigação e compreensão de mundo. Ou seja: ela não é apenas entretenimento (esta é a proposta das obras ditas digestivas), mas cumpre o papel geral das artes: a busca da clareza possível sobre o mundo e as pessoas, tarefa de que o pensamento linear isolado não é capaz. Lembremos Albert Camus: “Se o mundo fosse claro a arte não existiria”.

Há muito que se sabe o que autores como Harold Bloom vêm mostrando com argúcia: em Shakespeare está praticamente todo o Freud. Ao que se pode acrescentar que

em Proust e Céline há uma profundidade de investigação da alma humana de que as psicologias ainda não são capazes. No caso de um escritor como Ernesto Sábato, por exemplo, pode-se dizer que poucos textos filosóficos (inclusive os dele próprio) têm examinado a questão do lado sombrio da alma humana como os seus romances. Sartre mostra pela ficção o que muitas vezes tem dificuldade de explicar pelo discurso filosófico. Há toda uma filosofia implícita nos contos de Borges.

Kurt Lewin assinala que as descrições mais bem estruturadas e abrangentes de situações humanas são as feitas por autores como Dostoiévski. Alfred Adler dizia que haveria de chegar um tempo em que os artistas seriam considerados guias da humanidade. Também ele admirava Dostoiévski, e sempre viu o

escritor russo como um predecessor da chamada psicologia profunda, da qual a psicanálise foi a primeira disciplina. Aliás, existe hoje um consenso que vê a obra dostoiévskiana como ainda pouco estudada sob o ponto de vista de sua contribuição à psicologia.

Nos Domínios de Machado – Freud não ignorava nada disso: chegou mesmo a aprender espanhol – sem mestre – para ler o *Dom Quixote*. E se tivesse aprendido o português teria certamente se deliciado com *O Alienista*, de Machado de Assis, novela que mostra a que extremos do ridículo podem chegar o cientificismo e a arrogância intelectual. A história de Machado é uma obra-prima, de modo que vale a pena comentá-la com algum detalhe.

O Alienista apareceu entre outubro de 1881 e março de 1882. A época é a do vice-reinado. A ação se passa na vila de Itaguaí, onde o médico Simão Bacamarte decide dedicar-se ao estudo e tratamento da loucura. Depois de vencer as resistências de praxe, Bacamarte consegue da Câmara local autorização e ajuda para abrir o seu manicômio – a Casa Verde. Logo após a inauguração, começa a perceber que o número de insanos em Itaguaí e arredores é maior do que imaginara. Por isso, as instalações do hospício vão aos poucos se ampliando. Essa expansão faz com que o alienista alargue também seus critérios para o diagnóstico da loucura:

Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a idéia de que algum doente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo.

Daí a expandir na prática o âmbito da loucura é só um passo. As internações se sucedem ao menor motivo e mesmo sem motivo algum. Já não há como escapar ao poder da Casa Verde. As pessoas do lugar, entretanto, terminam se insurgindo contra esse estado de coisas. A Câmara recebe uma petição que pede o fechamento do hospício, mas não a acolhe. A reação popular, porém, continua e é grande: discute-se o despotismo científico do médico e põe-se em dúvida a sua própria sanidade mental. A resposta é categórica:

Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.

A revolta cresce, mas depois de um momento de aparente vitória acaba fracassando. Simão Bacamarte, revigorado pelos acontecimentos, permite-se um gesto magnânimo: recolhe ao manicômio boa parte de seus críticos. As internações recrudescem, a ponto de nem a própria esposa do médico ficar de fora. Até que um dia, de súbito, ele resolve dar alta a todos os internados. A Câmara é notificada por escrito. A perplexidade é geral. Bacamarte mudara de orientação: o que agora vê como normal é o anormal de antes. O médico havia revisado as suas teorias ou, como diriam hoje alguns teóricos, fizera uma releitura de seu corpo de doutrina.

Mas logo recomeçam as internações, e a esse novo surto segue-se mais um refluxo: aos poucos volta a esvaziar-se a Casa Verde. Ainda assim, Bacamarte não se dá por satisfeito. Nas palavras de Machado:

Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

Dito isso, o médico decide enfurnar-se em sua biblioteca e se auto-analisar. Depois consulta um conselho de amigos. Desse estudo tira uma conclusão: acaba convencido de que é um modelo de sanidade mental. Diante do que, interna a si mesmo na Casa Verde, onde retoma a auto-análise. É taxativo:

A questão é científica (...); trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

E assim termina morrendo, sob a suspeita de ser, no fim das contas, o único louco do lugar. Suspeita essa, diga-se, atribuída ao padre da vila, que “com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem”.

Como se vê, a posição de Simão Bacamarte consiste em acreditar que o científico equivale sempre ao verdadeiro. Essa crença lhe conferiu poder e arrogância, mistura que o levou sucessivamente à intolerância, ao radicalismo e por fim à solidão. Ao encarnar o

cientificismo, o personagem machadiano se propõe inquestionável, e portanto o único detentor das artes e sutilezas de seu ofício. Ao mostrar a distância que Bacamarte põe entre ele e seus pacientes, Machado nos dá uma idéia do quanto longe do real podem ficar determinados teóricos. Vimos que a crise vivida pelo alienista num dado momento o levou a dar alta a todos os internados, o que aparentemente faz dele um antipsiquiatra *avant la lettre*. Mas só aparentemente. Em seu estudo sobre a novela, Luiz Costa Lima identifica o verdadeiro significado do comportamento pendular do personagem, mostrando que o tema básico d'*O Alienista* – o que é a loucura? – só pode ser entendido se examinado por meio da relação entre a ciência, a linguagem e o poder.

Surge então a importância de um tema paralelo: o poder do saber, que Machado denuncia, partindo do discurso ficcional e chegando ao psicológico, político e filosófico. Por não reconhecer que podia estar errado (ou seja, que podia perder o saber), o alienista acabou perdendo o poder. O que nos leva à especulação: o que aconteceria se ele não tivesse parado, se continuasse internando a seu talante, a considerar-se a personificação da teoria e da ciência?

À vista de casos análogos registrados na história da psiquiatria, da psicoterapia e de outras instituições, teríamos possivelmente algo assim: um Bacamarte cada vez mais poderoso, internando na Casa Verde (isto é, submetendo à sua teoria) todos os que não se mostrassem disciplináveis. Desse modo seu prestígio aumentaria de modo crescente; não tardariam a acorrer discípulos, que levariam adiante as teorias do mestre e então se multiplicariam e brigariam entre si; surgiriam dissidências, que dariam origem a novas correntes e assim sucessivamente: todas elas, é claro, sempre fiéis nem tanto às teorias em si, mas ao autoritarismo – e proclamando sem parar que a questão é científica.

O exemplo d'*O Alienista*, somado às demais citações deste texto, pretende reiterar como a ficção, longe de ser um simples meio de entretenimento, é uma das formas mais eficientes entre as encontradas pelo ser humano para buscar algum entendimento de mundo. Ela pode, por exemplo, mostrar como é possível procurar por meio da palavra o tão sonhado equilíbrio entre razão e emoção. Não é novidade, também, que muitos romancistas se anteciparam a Freud, ao

revelar a importância do inconsciente e seus processos. Aliás, o próprio criador da psicanálise (ele mesmo dono de um esplêndido estilo literário), já em 1895 se admirava com a grande semelhança entre os relatos de seus pacientes e os das obras de ficção.

Também em Tolstói é possível entrar em contato com o irracionalismo humano. A noção de situação-limite, tal como a viria desenvolver posteriormente a psicoterapia existencial, está bem clara em sua novela *A Morte de Ivan Ilitch*. Cervantes é hoje reconhecido como tendo sido um dos primeiros a mostrar, em termos romanescos, a ambigüidade do ser humano. *Viagem ao Fim da Noite*, de Louis-Ferdinand Céline, um dos grandes romances deste século, é um discurso extremamente penetrante sobre a fragilidade da condição humana e a presença do mal como componente da natureza do homem. Todos esses dados mostram que a narrativa ficcional é um meio de acesso ao conhecimento e à sabedoria, o que a torna também um instrumento de libertação.

Há atualmente um consenso de que a expressão literária é dificilmente compatível com regimes políticos totalitários e situações de opressão. Os romances de Nadine Gordimer, por exemplo, foram importantes na luta contra o *apartheid* na África do Sul. Os muitos episódios históricos de censura e queima pública de livros dão testemunho desse poder libertador da ficção literária. Entre psicologia, filosofia e literatura, portanto, há um estreito parentesco. O contador de histórias (e todo escritor se orgulha de ser basicamente isso) se antecipa com frequência ao psicólogo, e assim mostra que a literatura é também uma forma filosófica.

A ETERNA DUALIDADE – É na qualidade de forma filosófica que a literatura investiga o equilíbrio entre razão e emoção. Sabemos que do exclusivamente intuitivo ao inteiramente racional estende-se um vasto espectro. Entre seus extremos há uma movimentação sutil, quase imperceptível. Seria mesmo imaginável uma linha que ligasse o máximo do emocional ao auge do racional. Veríamos então que, num dado momento e a depender de uma imensa gama de variáveis, poderíamos nos situar num ponto qualquer desse *continuum*, indo ou vindo na direção de um de seus pólos.

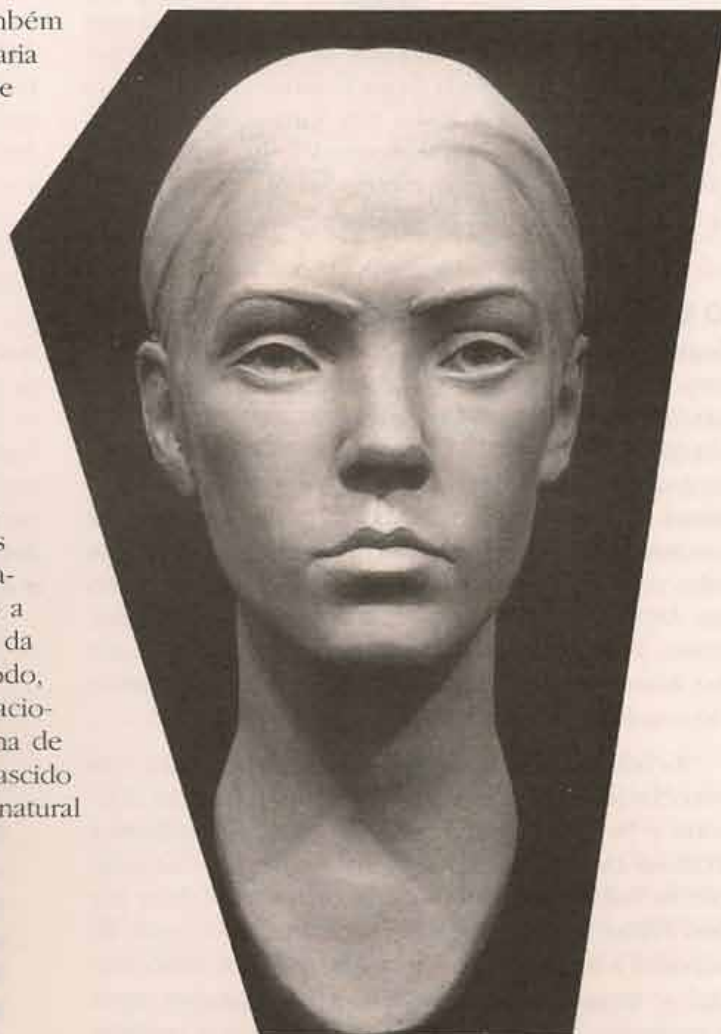
Assim, nada impede que suponhamos também a existência de um ponto mediano, que representaria o lugar do equilíbrio entre essas tendências. Esse ponto seria evidentemente ideal, como as posições que para ele convergissem. Ainda assim teria a sua função, certamente não como algo concreto, palpável, mas na qualidade de uma situação que, apesar de ideal e inatingível na prática, não excluísse os esforços que podem e devem ser feitos no sentido de nos aproximarmos dela tanto quanto possível.

Lionel Trilling diz que não são apenas os poetas que estão sob ameaça, ou seja, explica como o racionalismo pode prejudicar, e muito, as emoções. Para ele, devemos manter presente a preocupação que se iniciou no século XVIII com as crianças, as mulheres, os camponeses e os selvagens, cuja vida mental é menos reprimida que a do adulto submetido às restrições das conservas da sociedade dita civilizada. Dizendo de outro modo, a razão precisa se aliar à emoção para continuar racional. O mesmo já havia sido expresso sob a forma de poesia por William Wordsworth, poeta inglês nascido em 1770, que lamentou a perda da visão poética natural dos jovens. Leiamos o início de sua famosa ode:

*The Child is the father of the Man;
And I could wish my days to be
Bound each to each by natural piety.*

*(A criança é o pai do homem;
E eu gostaria que os meus dias
Se ligassem uns aos outros pela devoção natural.)*

A criança é o pai do homem, portanto, não o contrário. Mas não é nessa direção que caminhamos nos dias atuais, quando nos obstinamos em produzir uma cultura na qual a ficção escrita vem sendo vista como algo secundário. Ronald Laing diz que vivemos num mundo secular, e que para adaptar-se a ele a criança precisa renunciar ao seu êxtase. Ao ser obrigada a abrir mão da graça de poder deslumbrar-se, extasiar-se, ela perde o seu talento natural para a transcendência. Ou seja, perde justo aquilo que mais deveria manter para ensinar aos adultos. O resultado é que ao se distanciar da criança, isto é, ao permitir que o afastem de um mundo ao qual só se pode chegar



pelos caminhos do imaginário, o adulto vai cada vez mais deixando de perceber o quão obscurantista é a chamada vida prática, que ele mesmo criou e da qual tanto se orgulha.

Há um provérbio russo que diz que a manhã é mais sábia do que a noite. Pois bem: estamos permitindo que se percam as nossas manhãs. "A criança abdica de seu êxtase", disse Mallarmé, inspirador de Laing. Jorge Luís Borges, por sua vez, afirmou algo semelhante, ao concordar com Andrew Lang, que dizia que todos nós somos geniais até os sete ou oito anos: depois disso, porém, tentamos parecer uns com os outros e tendemos a nos uniformizar. Isto é: buscamos sem cessar a mediocridade – e a encontramos em quase todos os casos.

A perda da capacidade de fabular faz com que percamos também a habilidade de descontextualizar. O resultado dessa perda é que ficamos confinados ao pensamento linear e assim nos tornamos incapazes de entender o poder transformador dos mitos e das metáforas. Daí as nossas crescentes dificuldades para a busca do equilíbrio possível de razão e emoção.

O UNIVERSO DE DOSTOIÉVSKI – As relações entre psicologia, filosofia e literatura são, como acabamos de ver, da maior importância. Para aprofundar um pouco mais o tema, tomemos um autor amplamente citado mas pouco lido: Fiodor Dostoiévski. William Hubben comenta que hoje se discute se a obra dostoiévskiana reflete a experiência de um romancista ou a de um visionário. A personalidade do escritor russo mescla arte, psicologia e filosofia. Daí a sua agudeza e extrema facilidade para penetrar fundo na condição humana. Em *Os Irmãos Karamazov*, por exemplo, ele faz Zósima aconselhar a Aliócha: “não se envergonhe do seu êxtase, beije a terra”.

As relações humanas estão sempre no centro das preocupações do romancista russo. Em sua obra, filosofia e literatura se interpenetram a todo momento. Trata-se de uma ficção povoada de anti-heróis sempre às voltas com experiências extremas. Talvez por isso Freud, no fim da vida, não tivesse sido capaz de suportar a leitura de seus romances. Isso se torna crucial, se recordarmos que o criador da psicanálise, dada a evolução do tumor que o consumia, vivia também uma situação-limite.

Nada mais ilustrativo da força da ficção de Dostoiévski. Ninguém como ele investigou literariamente a dualidade do homem. Na sua obra, a culpa é mostrada como uma condição existencial e não apenas circunstancial. A eterna busca do equilíbrio entre razão e emoção pode ser vista no complexo mundo de *Os Irmãos Karamazov* ou no sombrio universo de *Crime e Castigo*. No entanto, o lugar onde ela é mais profundamente analisada é num texto mais breve, a novela *Memórias do Subterrâneo*. Nela está contido um dos melhores estudos jamais feitos sobre o confronto razão-emoção. O texto data de 1864 e é considerado como o ponto de partida para os romances que viriam consolidar a obra do escritor russo, como *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Os Irmãos Karamazov*, entre outros.

Em *Memórias do Subterrâneo*, como num prelúdio para o que continuaria a fazer ao longo de toda a sua obra posterior, o escritor se antecipa a muitas das descobertas da psicologia e da psicanálise. Sua leitura é tão surpreendente que se torna indispensável lembrar algumas passagens. As primeiras delas colidem em cheio com o cientificismo:

Mas de tal maneira o homem se apega aos seus sistemas e à sua dedução abstrata, que seria capaz de alterar a verdade com conhecimento de causa, de fingir-se surdo e cego só com o fim de não invalidar a sua teoria.

(...)

A razão só sabe aquilo que teve tempo de saber (pode ser que haja algumas coisas que ela nunca venha a saber; não é muito consolador dizer isto, mas por que não reconhecê-lo?), ao passo que a natureza humana atua em massa com tudo quanto nela se contém, e quer se engane ou acerte, vive.

Nossa admiração aumenta à medida em que avançamos na leitura. Lá está praticamente tudo: a percepção de que o homem não pode se apropriar impunemente do mundo natural, o pressentimento de que o ego tende a afastar-nos da natureza, a coisificação de que são vítimas as pessoas, a intuição da liberdade como dimensão-chave da existência humana e, por último mas não menos importante, a antecipação da noção psicanalítica do retorno do reprimido e do uso da palavra como instrumento da emergência de conteúdos do inconsciente. Vejamos alguns trechos:

Este tem fome de viver e resolve as questões vitais com um palavreado lógico. Que aborrecidas e impertinentes são as suas palavras e, ao mesmo tempo, que medo tem!





(...)

Hão de gritar-me (se ainda se dignam a responder-me) que ninguém fala em privar-me da minha liberdade, que se aspira somente a organizar a vida do homem, de maneira que a própria vontade, a minha vontade própria, esteja de acordo com os meus interesses normais,

com as leis da Natureza e a aritmética. Mas não quererão dizer-me meus senhores, que vontade será a minha quando o mundo for regido pela tal lista e pela aritmética, quando todos pensem unicamente que dois e dois são quatro?

(...)

Mas o homem é um ser volúvel, inconseqüente, e talvez como o jogador de xadrez, apenas tenha prazer nos meios e não nos fins em si mesmos; quem sabe (ninguém poderia demonstrar o contrário) se o fim para o que a humanidade propende consistirá apenas nesse incessante esforço para chegar, por outras palavras, na vida em si própria e não no fim, que certamente não é mais do que dois e dois são quatro, quer dizer, uma fórmula?

(...)

E, no entanto, fiquem sabendo: tenho a certeza de que é preciso segurar pela trela o nosso irmão do subterrâneo. Pois ainda que seja capaz de passar quarenta anos no seu esconderijo, assim que finalmente sai, logo se escapa e se põe a falar, a falar, e não consegue fazer parar a língua.

Há quem dê pouco valor a transcrições, confundindo-as com meras frases pinçadas e fora de contexto. No caso de *Memórias do Subterrâneo*, porém, essa restrição se esvazia rapidamente. A novela tem poucas páginas (vinte e quatro, na tradução aqui citada), o que torna fácil dizer a quem duvidar: leia o texto inteiro e tire as suas próprias conclusões.

OS CAMINHOS DA ALIENAÇÃO – Aqui estão, portanto, alguns exemplos da força da ficção, instrumento de cujo poder transformador aparentemente estamos nos julgando capazes de prescindir. Entretanto, é fundamental que não caiamos numa das principais armadilhas do pensamento linear: dividir tudo em dois lados, o do sim e o do não, e desse modo assumir a posição maniqueísta de afirmar que a palavra é superior à imagem ou vice-versa, e decretar que todo mundo deve se transformar em leitor compulsivo.

Também não se deve confundir baixa cultura com cultura popular, até por que sabemos que é nesta que se encontra a maioria das potencialidades criativas dos povos. Do mesmo modo, não se deve confundir alta cultura com erudição acumulativa e ornamental. É óbvio que se as pessoas podem se alienar pelas imagens podem fazê-lo também por meio da palavra escrita. Este é, aliás, o tema de um dos romances mais importantes de nossa época, *Auto-de-Fé*. Nele, o escritor búlgaro Elias Canetti, laureado com o prêmio Nobel, conta a história de um professor que era um dos mais famosos sinólogos de seu tempo, mas tornou-se a tal ponto obcecado pelos livros que acabou perdendo o contato com as realidades práticas da vida e passou, por isso mesmo, a vê-las como ameaças. Nessa obra, Canetti mostra como o instinto de posse (no caso, a posse dos livros e do saber) pode se transformar numa poderosa forma de alienação, paranóia e arrogância, disfarçadas em humanismo e erudição.

Eis alguns dos dilemas atuais da literatura. Como sempre, boa parte dos nossos destinos depende de nossas escolhas. Está em nossas mãos, pois, preservar ou não o poder e o encanto dessa forma de arte. Não sabemos com exatidão o que vai acontecer com ela a longo prazo. No entanto, se deixarmos que se perca, para pôr em seu lugar esse obscurantismo que avança a passos largos sobre o cenário mundial, terá sido uma grande pena; e por ela haveremos de pagar um preço cujo total ainda não conhecemos, mas tudo indica que será bem maior do que imaginamos. ▲

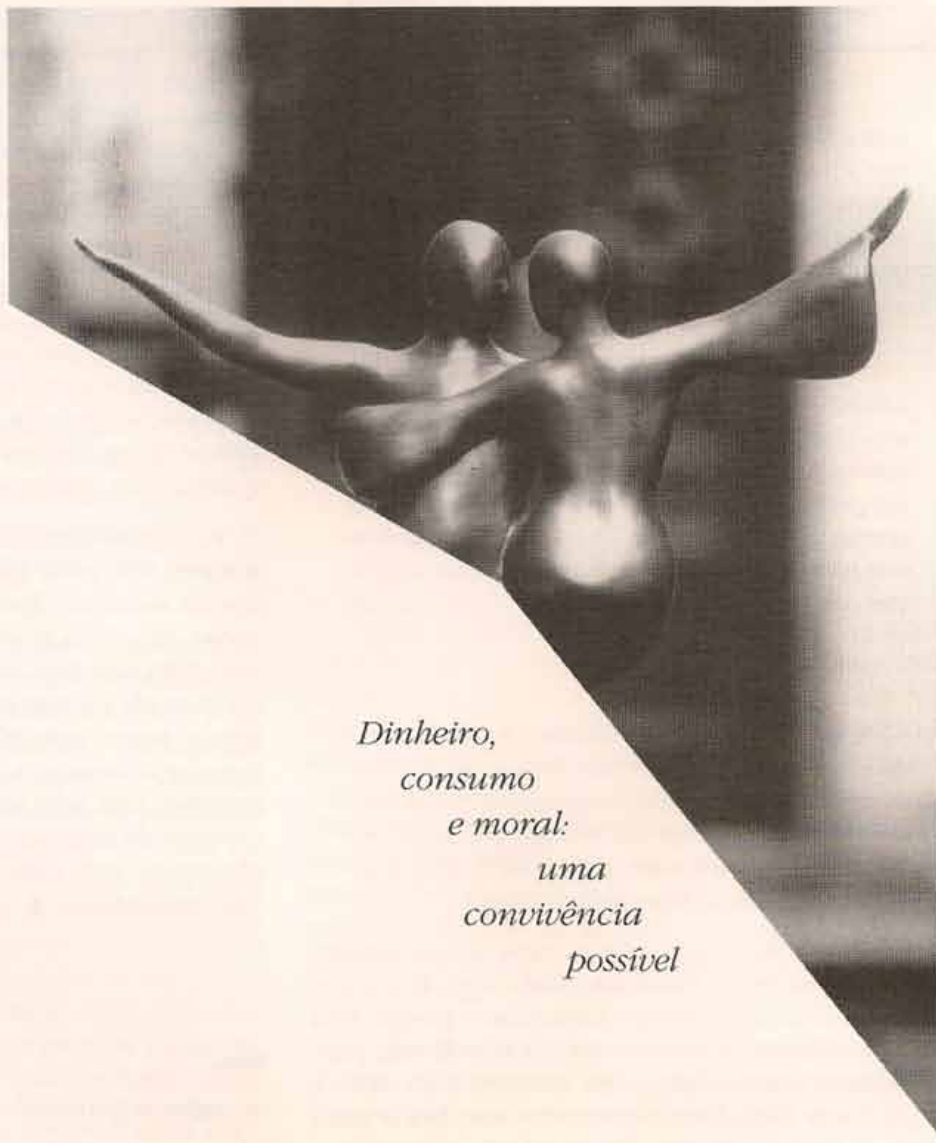
NOTA:

As citações de Machado de Assis e Dostoiévski provêm dos textos de suas *Obras Completas*, publicadas no Brasil pela Editora Nova Aguilar (1986 e 1995, respectivamente).

MARCOS FÁVERO FLORENCE DE BARROS

A ÉTICA DO GASTAR

Dança folclórica israelita, bronze (1994).



*Dinheiro,
consumo
e moral:
uma
convivência
possível*

MARCOS FÁVERO FLORENCE DE BARROS é membro da Associação Palas Athena, engenheiro químico, administrador de empresas e instrutor de Meditação Transcendental.



Muitas pessoas se preocupam com os efeitos do consumismo. Reclamamos do governo, da indústria, dos investidores, da propaganda e de outros que consideramos vilões. Mas temos sido bastante condescendentes com um personagem desse processo: o consumidor. Ele é quem menos críticas tem recebido e é sempre perdoado, porque é visto como vítima. Seduzido pela propaganda, pressionado pela sociedade, empurrado pelo avanço tecnológico, não lhe restaria alternativa senão comprar cada vez mais.

O fato é que nós, os consumidores, não somos tão ingênuos assim. Na maioria das vezes compramos por opção e não por imposição. Portanto, temos um papel ativo na explosão mundial do consumo e, assim, uma responsabilidade a assumir. Nossos hábitos são o grande motor da economia e os responsáveis pelos problemas da ecologia e do meio ambiente.

Hoje, a forma como gastamos o nosso dinheiro passou a ter mais um efeito importante: é uma das principais determinantes da distribuição da renda entre as camadas da população – muito mais do que em épocas passadas. O dinheiro que gastamos pode melhorar ou piorar essa distribuição e isso depende de nós. Da parte das empresas, não se pode esperar uma iniciativa para reduzir o consumo. Elas existem para vender e estão cada vez mais capacitadas a fazê-lo. Conseguem cada vez melhor atender aos desejos do consumidor, produzindo em grande quantidade, com alta qualidade e baixo preço e colocando os produtos em qualquer parte do mundo. Se nós, consumidores, quisermos comprar cada vez mais, as empresas certamente saberão fazer a sua parte e produzir de acordo.

Na esfera política, ninguém parece disposto a defender um encolhimento da economia. Bem ao contrário: no Brasil, como no mundo, valoriza-se o crescimento. Quando muito, fala-se em crescimento sustentável.

O MEIO AMBIENTE – E assim, enquanto uns produzem alegremente e outros compram do mesmo modo, o grande perdedor – o ambiente – continua indefeso. Vejamos como.

Aos níveis atuais de consumo, a quantidade de energia, poluição e lixo já é suficiente para estragar o planeta. Entretanto, o consumo *per capita* continua a aumentar. Cada país que almeja passar da categoria de “pobre” para a de “rico” entra em fase de consumo exacerbado, como que para compensar a falta de consumo no passado. Essa é a situação do Brasil atual e dos países ex-socialistas, a exemplo do que já ocorreu no Japão, nos chamados tigres asiáticos e em outros.

A população mundial dobrará em 41 anos. Em outras palavras, os seis bilhões de humanos que somos hoje demoraram desde o início da vida para se formar; mas os próximos seis bilhões vão surgir em apenas quatro décadas. O que, então, poderia ser feito em defesa do meio ambiente?

Em nossa opinião, a figura-chave de hoje, aquela que está em posição de agir, é o próprio consumidor – eu e você. O consumidor detém o poder de mudar o rumo dos acontecimentos e por isso precisa conhecer as implicações de seus atos, fazer algo de concreto pelo meio ambiente, simplesmente por meio da mudança de seus hábitos individuais de consumo.

Um produto tem impacto sobre o meio ambiente em três diferentes momentos: primeiro, durante a fabricação; depois, ao ser utilizado pelo consumidor; e, finalmente, ao terminar a sua vida útil, quando é descartado de alguma forma. Em nossos hábitos de consumo, o aspecto que precisa ser mudado com maior urgência não é o qualitativo e sim o quantitativo, para que se consiga diminuir o impacto ambiental nos três momentos. Trata-se de comprar menos.

Em geral, pouco adianta mudar apenas a qualidade dos produtos ou processos de fabricação.

Qualidade não é suficiente para resolver problemas ambientais, pelos seguintes motivos:

- Por maior que seja o cuidado das indústrias para não lançar poluentes, elas não podem deixar de usar energia. Ora, a produção de energia, seja ela hidroeétrica, termoeétrica ou nuclear, é hoje um dos maiores agressores do meio ambiente.
- Mesmo os produtos da mais alta qualidade são muitas vezes, em seu uso normal, gigantescas fontes de poluição, como no caso do automóvel e outros veículos movidos a combustível fóssil. Um motor perfeito produz apenas água e gás carbônico, que são considerados inofensivos para a saúde. Mas o gás carbônico é justamente o principal causador do efeito estufa, um dos principais problemas ambientais de hoje.
- Quando jogamos fora o produto velho, seja qual for a sua qualidade, estamos aumentando as montanhas de lixo e poluindo terras, águas subterrâneas e mares.

Lembremos também que a reciclagem, embora louvável, é insuficiente como solução pelos seguintes motivos:

1. Só se pode reciclar uma certa quantidade de materiais. Há pelo menos um país – a Alemanha – onde esse limite já foi atingido. Lá, a população encaminha para reciclagem mais do que a indústria é capaz de aproveitar.
2. O processo de reciclagem reaproveita matéria mas consome energia.

Assim, cada vez que um indivíduo opta por consumir menos e melhor, está diminuindo os três tipos de poluição: fabricação, uso e descarte.

A SOCIEDADE – A distribuição da renda pelas diversas camadas da sociedade passou hoje a depender muito mais do comportamento individual. Cada vez que compramos um produto ou serviço, estamos entregando nosso dinheiro a alguém. Para melhorar a distribuição de renda, precisamos entregá-lo à pessoa certa.

A quem entregar o dinheiro? Qual deveria ser o comportamento do consumidor? Não é tão difícil descobrir respostas. Vejamos três exemplos simples.

1. Produtos importados. Neste momento, o Brasil tem um desequilíbrio na balança comercial, porque está importando mais do que exporta. Em consequência, nossa dívida externa está crescendo. Em tal situação, é bom comprar um pouco menos de importados, para evitar que o débito cresça.

2. Serviços. É sabido que no Brasil há muitos serviços que são mal pagos. Basta lembrar que nos EUA e na Europa a classe média não consegue ter empregadas domésticas em tempo integral, porque esse serviço é “caro”. Na realidade, decidimos se alguma coisa é cara ou barata por critérios subjetivos, e as distorções podem ocorrer. Assim pois, não achamos caro um bom automóvel, mas achamos caro o serviço das empregadas. Em consequência, estamos dispostos a entregar muito dinheiro às lojas de automóveis. Mas vejamos para onde vai esse capital. Ele será repartido entre: a) a loja; b) o fabricante (que tem poucos funcionários e muitos robôs); e c) os acionistas (que em geral moram no primeiro mundo). Ora, com uma distribuição de renda fortemente desigual, como a do Brasil de hoje, a compra de produtos industrializados se torna um fator de agravamento do problema. Enquanto perdurar essa situação, melhor será gastarmos um pouco mais com seres humanos, que nos prestam serviços diretamente, e um pouco menos com industrializados.

3. Manutenção. Os serviços de manutenção são importantes para o meio ambiente e para a distribuição de renda. Entretanto, temos um problema de ordem psicológica: detestamos gastar dinheiro com eles. Quando compramos um produto novo, ainda que seja caro, ficamos contentes. Mas quando chega a hora de dar manutenção pagamos de má vontade, como se algo errado estivesse acontecendo. Na verdade, a manutenção é normal e prolonga a vida do produto. É ela que nos permite comprar menos – sem contudo perder qualidade de vida. Além disso, o dinheiro gasto em manutenção em geral não é entregue aos gigantes da indústria, e sim a pequenas empresas, cujos donos moram em nossa região e nela vão gastá-lo. Precisamos deixar de pensar em manutenção como um mal necessário, e começar a enxergar nela uma preciosa oportunidade que o indivíduo tem para agir diretamente sobre os problemas sociais e ambientais. Precisamos também abandonar o raciocínio do tipo “o que é mais barato, consertar ou comprar novo?”, pois ele só leva em conta o nosso interesse econômico individual. Consertar pode ser

mais caro, mas é também mais benéfico para a sociedade e o meio ambiente.

Alguém poderia dizer que as sugestões que vão contra as leis da economia são inexecutáveis. Não concordamos. Na verdade, cada vez que a sociedade chega a um consenso e condena algo (por exemplo, a escravidão), sua prática é banida, ainda que seja economicamente vantajosa. A questão sai do domínio da economia e entra no da ética.

O que propomos é que indivíduo tome a iniciativa de cultivar no dia-a-dia o seu estilo de gastar dinheiro. Um estilo que esteja de acordo com a visão de mundo da pessoa, e não com os ditames da propaganda, poderá parecer antieconômico mas será ético, porque irá proteger o meio ambiente e melhorar a distribuição de renda – duas questões críticas de nosso tempo. E será eficaz, porque não depende de mais ninguém para ser posto em prática.

Este artigo corresponde à transcrição de uma palestra dada pelo autor, no ciclo *Ação Individual com Consciência Planetária*, realizado na Associação Palas Athena em maio de 1997.



UBIRATAN D'AMBROSIO

TEORIA DAS CATÁSTROFES:
UM ESTUDO EM
SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

*Rumos, perspectivas e
peripécias de uma proposta
teórica atual e importante*

Dança folclórica israelita, bronze (1990).



UBIRATAN D'AMBROSIO é Professor Emérito da UNICAMP, consultor da OEA, da UNESCO, fellow da American Association for the Advancement of Sciences e membro do Conselho Editorial da THOT.

Neste ensaio, analisaremos vários aspectos do aparecimento de uma nova teoria científica. Logo de início, nos defrontamos com algumas questões fundamentais sobre o que seria uma *teoria científica*, e em que circunstâncias se pode chamá-la de *nova*. Esperamos que este trabalho nos aproxime da resposta a essas indagações básicas que, tradicionalmente, seriam o seu ponto de partida. O estudo consta de quatro partes:

1. Introdução – em que se tecem considerações sobre a teoria;
2. Base matemática – em que se proporcionam os elementos fundamentais para acompanhar alguns de seus resultados e usos práticos;
3. Aplicações – em que se selecionam as aplicações às ciências sociais e à teoria literária;
4. Desdobramentos recentes; determinismo *versus* indeterminismo – em que se analisam alguns dos recentes debates de René Thom, o introdutor da teoria, com vários cientistas, sobre o papel do acaso na natureza.

INTRODUÇÃO – Torna-se extremamente difícil analisar de modo crítico um movimento científico, quando seu introdutor e representante máximo contesta sua classificação como um dos capítulos da disciplina científica que mais diretamente a afeta e é por ela afetado. Falamos da *teoria das catástrofes*, muitas vezes chamada, em livros e artigos, de *teoria matemática das catástrofes*. Os principais trabalhos resultantes da pesquisa nessa área têm sido publicados e apresentados em revistas e congressos especializados. Seu entendimento depende de um conteúdo matemático avançado e sofisticado, porque a teoria é, na verdade, um instrumento matemático muito desenvolvido.

A teoria das catástrofes é referida por seu criador, René Thom, membro do Instituto de Altos Estudos Científicos de Bures-sur-Yvette, na França, como sendo mais que uma teorização matemática: seria um corpo de idéias ou estado mental. Confirmando essa afirmação, Stephen Smale, da Universidade de Califórnia, em Berkeley (como Thom, um dos recebedores da Medalha Fields, o mais alto reconhecimento de mérito matemático do mundo, muitas vezes chamado de “O Prêmio Nobel da Matemática”), rejeita

por completo a teoria, pois entende que ela é mais filosofia do que matemática e, mesmo como postura filosófica, não se aplica ao mundo real. Tal afirmação, partindo de Smale, cuja matemática está ligada aos importantes resultados conseguidos por Thom (que lhe valeram a Medalha Fields em 1958), vem aumentar a confusão em torno do tema.

Opiniões como a de Mark Kac, um matemático aplicado de grande prestígio, membro do Courant Institute of Mathematical Sciences e da National Academy of Sciences, dos E.U.A., vêm complicar ainda mais as coisas. Kac afirma que a proposta de Thom representa o ápice da irresponsabilidade científica. No entanto, a posição de especialistas eminentes, como Smale, Kac e vários outros, afeta muito pouco o entusiasmo de seus adeptos, sempre em busca de novas aplicações e resultados.

Tais resultados e campos de aplicação têm sido rechaçados com palavras ásperas, como as de Hector Sussman e Rafael Zahler, ambos da Rutgers University, que asseguram que os proponentes da teoria impressionaram enormemente o público com uma massa de alegações não consubstanciadas. De acordo com estes autores, a teoria de Thom não produziu mais do que desilusões. Afirmam eles que seus proponentes erram de modo sistemático, chegando mesmo a conclusões vagas ou falsas, sem sentido ou triviais. Além disso, muitas vezes teriam falseado evidências empíricas.

Nesse meio tempo, E.C. Zeeman, eminente topólogo e um dos grandes seguidores e cultores da teoria, publicou, na respeitável editora Addison-Wesley, uma alentada coletânea de trabalhos, aparecidos entre 1972 e 1977. Além disso, os matemáticos Tim Poston e Ian Stewart, igualmente respeitados na comunidade científica, publicaram uma volumosa obra sobre a proposta de Thom e suas aplicações, na qual dedicam cerca de 500 páginas à fundamentação matemática, sendo o resto do livro dedicado às aplicações à física e a problemas de natureza prática, tais como estabilidade de navios, prospecção de petróleo, estudo das miragens, choque supersônico (*sonic boom*), mecânica dos fluidos, ondas do oceano, termodinâmica, física dos sólidos e aplicações à biologia. O livro contém cerca de 400 referências bibliográficas, o que mostra os atrativos de uma teoria cujas primeiras áreas de aplicação ainda são recentes. Esse

entusiasmo talvez tenha sido inicialmente transmitido pelas conferências e aulas dadas pelo seu criador.

Tivemos o privilégio de assistir a um pequeno curso introdutório sobre a teoria das catástrofes, dado pelo próprio René Thom, na Brown University, em 1966. Nessa época, os primeiros resultados tinham características fortemente matemáticas. Com entusiasmo e facilidade, Thom deixava de lado os complexos detalhes matemáticos das demonstrações de seus teoremas, e enveredava por considerações filosóficas sobre o que representavam certos aspectos do comportamento da natureza. Ao mesmo tempo, procurava interpretar e explicar, por meio de um instrumental matemático poderoso, a morfologia com que se manifestam seres e fenômenos naturais. Um exemplo é a explicação do porquê da bolsa marsupial dos cangurus, ou a da forma do corpo humano, ou, ainda, de problemas práticos como o controle de um sistema de metrô.

Esses exemplos davam às suas aulas um caráter diferente do encontrado nos cursos mais tradicionais sobre teorias de vanguarda, de fronteira, na matemática. A postura de Thom transmitiu-se a um grupo de matemáticos competentes que, como o mestre, são perfeitamente capazes de fazer matemática de fronteira de alto nível e, ao mesmo tempo, vibrar com a possibilidade de vê-la explicar de modo direto ou indireto o ambiente natural, em suas diversas determinações como a sociológica, a psicológica e a filosófica.

Esse arrojo, agressividade, ou, no entender de outros, irresponsabilidade, com que os cultores da teoria se propõem a compreender, examinar, analisar, interpretar e atuar em relação aos fenômenos do meio ambiente, este entendido na sua acepção mais global (isto é, natural, sociológica, psicológica, filosófica e mesmo parapsicológica), não foi sem conseqüências. Produziu uma inevitável reação por parte da comunidade matemática, caracterizada por crescente hermetismo e conservadorismo.

O desenvolvimento da linguagem matemática está imbuído de um tecnicismo extremamente complexo, cada dia menos acessível aos não-especialistas. Em certos casos, sua compreensão só é possível para um grupo de 4 ou 5 pessoas no mundo, sendo que este pode se reduzir a apenas dois, ou mesmo um indivíduo! Nesse contexto, o aparecimento de uma direção nova e controversa não poderia deixar de provocar o conflito que provocou e provoca.

A situação é agravada pela facilidade com que os cultores da teoria das catástrofes (talvez motivados em grande parte pela felicidade da escolha do nome), encontraram abertos os veículos de divulgação. Jornais, revistas e televisão divulgaram importantes matérias e entrevistas sobre a teoria. A prestigiosa revista



Newsweek publicou – fato sem precedentes em se tratando de um tema matemático –, no início de 1976, um artigo de duas páginas sobre o assunto. Nele, o Professor E.C. Zeeman é habilmente apresentado como afirmando que a proposta thomiana é um passo decisivo para tornar exatas as ciências inexatas, e dizendo que ela é o desenvolvimento mais importante da matemática desde o aparecimento do cálculo. Declarações semelhantes, acrescidas de insinuações de uso prático extremamente atraentes, tais como explicação de sonhos e do orgasmo, ruptura de barragens, eclosão de revoluções e outros tantos, foram vistos como verdadeiras heresias por certos grupos de matemáticos.

Vejamos, em linhas muito gerais, o que vem a ser a teoria das catástrofes.

Como dissemos acima, segundo René Thom ela difere fundamentalmente das demais teorias matemáticas, e mesmo científicas, pois não pode por si mesma dar nenhuma indicação sobre a realidade exterior. Contudo, tem algo a dizer sobre determinados fenômenos. Os resultados que a teoria pode produzir, segundo Thom, são do seguinte tipo: “Se no intervalo de tempo (t_0, t_1) o sistema exibiu alguma morfologia $M_{0,1}$, pode-se esperar que num intervalo de tempo posterior (t_1, t_2) ele irá exibir alguma morfologia $M_{1,2}$ ”. Tal afirmação não pode ser considerada como uma predição absolutamente certa, como as derivadas de leis físicas. A morfologia futura $M_{1,2}$ deriva de $M_{0,1}$ por uma hipótese sobre a simplicidade da dinâmica do sistema.

Se a predição é realizada, não há nada com o que devamos nos surpreender. Se ela falha, o que pode acontecer, então a morfologia $M_{1,2}$ que aparece diferente da morfologia $M_{0,1}$, é interessante, porque mostra que nossas hipóteses originais eram muito simples, e que algum novo elemento de complicação tinha de ser introduzido no panorama geral do fenômeno. Paradoxalmente, poderíamos dizer que a teoria das catástrofes é mais interessante quando a predição falha do que quando tem sucesso. Esse tipo de raciocínio qualitativo, que nos permite reconstruir passo a passo a dinâmica de um sistema, é basicamente uma teoria interpretativa, poderíamos mesmo dizer hermenêutica. Do nosso ponto de vista, este é o elemento mais importante que a teoria das catástrofes trouxe para a análise científica. Se um tal modo de

raciocínio, que por si próprio não conduz à predição, pode ser chamado de científico, ou simplesmente filosófico, é uma questão de definição. É certamente científico pelas técnicas usadas, embora represente um estilo de análise, um estado de mente inteiramente novo, como diz o próprio Thom.

Enquanto na teoria clássica de sistemas procura-se evitar situações de catástrofe para entender alguns fenômenos de natureza biológica, sociológica, ou linguística – enfim, fenômenos que dificilmente se modelam num contexto newtoniano –, aqui é necessário entender os efeitos dessas catástrofes. Como diz Thom: “A própria vida mostra uma grande maestria para lidar com esses fenômenos, como bem mostram fatos fisiológicos, como as pulsações cardíacas, o influxo nervoso, e fatos morfológicos como a gastrulação, em embriologia”. Na verdade, os eventos mencionados por Thom são alguns exemplos de fenômenos catástrofes, em sua terminologia.

A abrangência dos fenômenos considerados, por muitos criticada como sendo uma atitude pretensiosa, e mesmo arrogante, dos adeptos da teoria das catástrofes, é, por outro lado, compensada pelas assertivas sobre as suas limitações. O próprio Thom afirma que a teoria é fundamentalmente qualitativa, e tem como objetivo fundamental a explicação de morfologias empíricas. Sua atual situação, do ponto de vista epistemológico, é a de uma proposta teórica interpretativo-hermenêutica. Assim, não é óbvio que ela deva se desenvolver necessariamente em direção a resultados práticos. No entanto, as inúmeras aplicações que vêm sendo feitas, embora modestas, fizeram com que cientistas de várias áreas, tradicionalmente fechadas à matematização, se voltassem para a teoria das catástrofes como um possível instrumento de pesquisa.

BASE MATEMÁTICA – A base matemática para o estudo da teoria repousa essencialmente em algumas noções atuais de topologia e análise diferencial, instrumentos relativamente recentes, que são aplicados por Thom a uma análise intuitiva, eminentemente pré-socrática, da morfogênese. A primeira frase do seu livro básico é: “Um dos problemas centrais que se colocam para o espírito humano é a questão da sucessão de formas”. De fato, Thom vê como objeto das ciências prever, e se possível explicar, a evolução

das formas. Isto é: para ele, a morfogênese é o objeto por excelência das teorias científicas.

Ora, se essa sucessão de formas ocorresse segundo esquemas precisos, únicos, bem definidos, praticamente não haveria problemas para o desvendamento da ordem das coisas. A necessidade de recorrer a raciocínios mais finos, a corpos de conhecimento e métodos – à ciência, enfim –, para prever a evolução dos fenômenos, mostra que o determinismo de evolução das formas não é rigoroso nem absolutamente previsível. No caso específico da mecânica clássica – que é uma teoria quantitativa e determinista –, podemos dizer que sua razão de ser é eliminar o indeterminismo qualitativo que surge em inúmeros fenômenos que envolvem corpos em movimento.

Por outro lado, em alguns fenômenos que pertencem ao domínio de disciplinas como a biologia e as ciências humanas, a análise qualitativa e empírica tem sido suficiente para as previsões de sua evolução. Por isso, essas disciplinas têm sido mais lentas em sua matematização. Contudo, no momento em que se procede a uma análise mais fina, como acontece agora com as disciplinas mencionadas, percebem-se comportamentos que escapam ao que era de se esperar, e a evolução dos fenômenos parece mal determinada. No esforço de superar essa indeterminação – e assim prever a evolução, antever comportamentos futuros –, empregam-se modelos locais, onde basicamente se isolam alguns parâmetros. A partir daí, ignorando a realidade em toda sua complexidade, definem-se estratégias de análise e evolução dos fenômenos. Na verdade, esses modelos locais constituem uma aproximação da realidade, e seu estudo permite conhecer a fenomenologia dos sistemas de maneira qualitativa, pela seleção de alguns parâmetros para análise. A esses observáveis se associam grandezas que permitem o passo quantitativo aproximado.

A grande meta de René Thom é a passagem desses modelos locais para uma globalização quantitativa dos fenômenos. Num posicionamento sem dúvida pré-socrático, ele diz que “todas as intuições fundamentadas em morfogênese se encontram já em Heráclito; minha única contribuição é de as ter recolocado em um contexto geométrico e dinâmico, que pode um dia torná-las acessíveis à análise quantitativa”. O instrumental adequado para essa análise é, segundo o próprio Thom, constituído pela topologia e pela

análise diferencial. Dada a natureza introdutória deste ensaio, tais detalhes não serão analisados aqui.

APLICAÇÕES PRÁTICAS – É difícil avaliar o impacto da teoria de Thom no desenvolvimento futuro da ciência. Alguns julgam irrelevante a sua contribuição, em termos de aplicações práticas. Outros vêem como fundamental que técnicas e métodos oriundos da matemática encontrem seu lugar em disciplinas pouco permeáveis a ela, como a biologia, as ciências humanas em geral e, em particular, a lingüística, a teoria literária e a educação.

Poston e Stewart afirmam que a teoria de Thom já começou a desaparecer como corpo de conhecimento, enquanto que suas sugestões de uso continuam firmemente assentadas na consciência da comunidade científica. De fato, a maneira muitas vezes surpreendente pela qual a proposta encontra aplicação em vários ramos do conhecimento é coerente com as observações desses autores.

Um dos pontos fundamentais, colocado por Thom, refere-se ao problema de como uma forma, isto é, o objeto de uma morfologia, se produz como resultado de um fluxo contínuo de elementos imprecisamente definidos, cuja interação permanente caracteriza o espaço substrato. Para Thom, todo observável é estável, e por isso a existência de uma morfologia, isto é, de qualquer conjunto de descontinuidades qualitativas, implica um grau de estabilidade estrutural, o que por sua vez requer alguma forma de regulação.

Ora, a teoria das catástrofes é independente do espaço substrato. Isto é, quando pensamos em seres vivos, nos quais a realidade impressiona o indivíduo por meio de sistemas de informação (sentidos, memória genética ou adquirida), podemos pensar nos processos físico-químicos que causam esse impacto, ou perturbação no fluxo de comportamento. Isso gera um espaço de estímulos associado a reflexos corretos, que poderíamos chamar esquemas de regulação. Esse tipo de relação dialética entre os estímulos resultantes do espaço substrato, ou realidade em fenômenos de comportamento, e os mecanismos de regulação, parece-nos merecedor de mais estudos além dos feitos por Thom, sobretudo se pensarmos em aplicações da teoria à dinâmica comportamental. São evidentes as relações entre esse enfoque e uma teoria



dinâmica de comportamento resultante do pensamento piagetiano.

No que se refere às aplicações ligadas ao fenômeno lingüístico e semântico – um dos principais motivadores da análise de René Thom, juntamente com a biologia –, a teoria das catástrofes revela facetas muito interessantes. Thom deve a Ferdinand de Saussure a interpretação da linguagem como um sistema de sinais, a idéia de “significantes” como processos morfológicos e o conceito de “significado”. Procura mostrar que há uma relação matemática entre significante e significado. Afirma que uma sentença se compõe de expressões, que são por sua vez compostas de palavras, e que estas são formadas por sílabas, as quais representam uma coleção de fonemas. Por meio da formalização, transforma um plano dado em uma contigüidade de frases chamadas atômicas, e conclui que cada uma destas consiste de no máximo uma palavra essencial – o verbo. A partir daí, passa para o caso de duas ou mais linguagens estarem envolvidas. Ora, considerando o termo “linguagem” no seu sentido mais amplo, os mecanismos de regulação e ressonância serão essenciais para que o significado possa

prevalecer, o que leva naturalmente ao conceito de estabilidade estrutural.

A ressonância, conceito fundamental em dinâmica, passa a ter um papel fundamental na análise do significado, mais uma vez por analogia com o modelo de estímulos que emanam da realidade sobre o indivíduo. Por meio do mecanismo da ressonância, associado aos de regulação, produzem-se alterações no comportamento, que seriam da mesma natureza das consideradas na teoria das catástrofes. A receptividade das idéias de René Thom por parte de especialistas em semântica não é de admirar, portanto.

Também não surpreende a acolhida das mesmas idéias por parte de determinados biólogos. De fato, uma das obras fundamentais que, de acordo com o pró-

prio Thom, o despertaram e inspiraram para a teoria das catástrofes (ou, dizendo de outro modo, para uma teoria geral da morfogênese), foi a monumental obra de D'Arcy Thompson, *Crescimento e Forma*. Ora, é a forma, em suas múltiplas manifestações, que vai se incorporar à realidade, modificando-a: a forma como *factum*. E são esses *facti*, produtos da natureza ou da ação do homem – artefatos e “mentefatos” –, que se incorporam à realidade, transformando-a de modo permanente. René Thom procura, em essência, uma morfogenética que não é outra coisa senão a evolução do aparecimento desses *facti*. Em seus primeiros trabalhos, visava a biologia e a lingüística. Posteriormente, surgiram aplicações em relação a “artefatos” e “mentefatos”.

As aplicações mais diretas da teoria das catástrofes, segundo o próprio Thom, resultam de duas perguntas básicas: “O que esperamos da ciência?” e “quais são as suas metas finais?” Por um lado, desejamos – e na verdade necessitamos – entender o mundo, fazê-lo inteligível, conhecer a ordem cósmica. Queremos SABER. De outra parte, precisamos atuar e dominar os fenômenos, agir sobre a



rea-
lidade.

Ou seja, que-
remos FAZER.

Ambas as metas es-
tão unidas e em perma-
nente relação dialética.

Uma análise do desenvolvimen-
to científico permite situar, na lei da gra-
vitação, o primeiro caso de uma lei perfei-
tamente estabelecida que outorga resultados
qualitativos precisos. Entretanto, fora do domínio
das ciências assim chamadas "duras", também há
necessidade de descrições qualitativas que não se
obtem pela matemática, mas por meio da lingua-
gem natural. Um exemplo é a descrição do compor-
tamento qualitativo de substâncias químicas. Nas des-
crições qualitativas, o conceito de causalidade é fun-
damental. Pergunta-se, então: o que é uma explica-
ção científica?

Ao atacar uma questão descrevemos dados espe-
cíficos e, além disso, introduzimos uma explicação,
que consiste em reduzir o arbítrio da própria explica-
ção. Para isso, é necessário dispor de instrumentos
geradores que, a partir do conhecimento de dados
empíricos de um campo limitado, nos permitam ex-
trapolar para um campo mais amplo. Isto é: usar ou-
tros modos de ampliar o conhecimento. Isso se faz de
maneira lógica por meio da dedução, que consiste
em ampliar a validade de um conjunto de proposi-
ções. Nas explicações da matemática, é importante o
papel da extrapolação. Predizer é estender um enten-
dimento do passado para o futuro. Nisso consiste a
essência do método estatístico que, por sua vez, ba-
seia-se na confiabilidade e regularidade dos fenôme-
nos do Universo.

Na matemática, todos esses
métodos encontram um instru-
mental correspondente, que
muito tem servido às chamadas
ciências "duras", ou seja, as que
adquirem um certo grau de for-
malização matemática. Esse ins-
trumental é o prolongamento
analítico, que consiste em es-
tender, por desenvolvimento
em série de Taylor, o domínio
de validade de uma função ho-
lomorfa no plano complexo.
Nas ciências "duras", os proces-
sos de predição se baseiam nes-
se método. O cálculo diferen-
cial permite notar que há uma
relação íntima entre ele e o con-
ceito de linearidade. Na verda-
de, estamos falando de um
método de prolongamento ana-
lítico, no qual se desprezam os
termos de ordem superior e se
reduz o processo a uma predi-
ção linear, que encontra na di-
ferencial o seu instrumental
mais poderoso.

Mas é natural que se pergunte se as funções que
representam fenômenos naturais – ou seja, as empíri-
cas – são analíticas ou não. Isto é: será o instrumental
analítico-diferencial o mais adequado para o estudo
dos fenômenos da natureza? René Thom não contes-
ta a adequação da linearidade, por meio do prolon-
gamento analítico, para o tratamento de fenômenos
naturais, ou para a análise de funções empíricas: sua
posição é declaradamente determinista, o que tem
dado origem a controvérsias.

Voltando à teoria das catástrofes, deve-se lembrar
que todos os conceitos matemáticos nela utilizados
são puramente locais e conduzem a modelos tam-
bém locais. Por outro lado, a eficácia de um modelo
exige que ele tenha características quantitativas, o que
quer dizer que há necessidade de globalização (ge-
neralização). Ora, para atuar sobre os fenômenos
localizamos o espaço fenomenológico no espaço-
tempo em que queremos agir, por meio de um siste-
ma de coordenadas. Daí ser inevitável que um modelo

tenha sua aplicabilidade resultante de seus aspectos quantitativos. Entretanto, algumas formas qualitativas proporcionam informação, mecanismos verificadores e de correção e também apoio quantitativo, por meio de seus dados empíricos. Assim, as morfologias descritas pelos modelos da teoria das catástrofes são locais e, quando projetadas na realidade, mostram as singularidades que o mundo real nos oferece.

Na física, o espaço invisível associado se constitui de velocidades e momentos cinéticos. Todos os espaços que introduzimos para descrever os fenômenos se reduzem a localizações, com o que se simplifica o problema descritivo, que é o de estabelecer leis. Em biologia e ciências sociais, também interessam as qualidades e as leis relativas à sua evolução. Portanto, a teoria das catástrofes pode ter possibilidades de predição, e de fato aí reside o busil de sua aplicabilidade. Contudo, segundo Thom, ela não pode ter esse valor, pois não é possível para uma teoria introduzir ou descobrir leis qualitativas onde elas não existem. Assim, uma proposta teórica não pode dar origem a um formalismo quantitativo, que torne exatas as ciências mencionadas. Desse modo, a teoria das catástrofes sugere que "poderia existir um outro uso das matemáticas na ciência, que não seria quantitativo, mas qualitativo. E assim somos levados às seguintes questões:

a) Por que razões devemos preferir um modelo quantitativo a um qualitativo?

b) No caso particular dos modelos da teoria das catástrofes, pode-se esperar reforçar a utilização qualitativa por meio de uma utilização quantitativa?

c) O que se pode esperar de um modelo puramente qualitativo?"

Dessa forma, as aplicações da teoria das catástrofes aparecem nas ciências exatas, assim chamadas "duras", nas quais os modelos são dados por leis físicas. Elas proporcionam, então, modos de identificar singularidades nos processos. Já nas chamadas ciências "suaves" – como biologia e sociologia –, seu interesse é, segundo Thom, ainda maior, pois pode trazer novas formas de caracterizar e entender os processos.

De qualquer maneira, a ciência se caracteriza por considerações sobre unidade e diversidade. A

tendência do homem é unificar os fenômenos, de natureza tão variada, em leis gerais. A teoria das catástrofes procura conciliar unidade e diversidade. A busca dessa dualidade tem sua origem nos pré-socráticos. Em Heráclito, a realidade das coisas está associada ao *logos*, que é um princípio de estabilidade, e que, segundo o próprio René Thom, influencia fortemente a obra fundamental da sua teoria, *Estabilidade Estrutural e Morfogênese*. Assim, para ele a teoria das catástrofes "é um meio que trata de reconstruir, de sumariar um conjunto de diversidades em um princípio organizador".

DESDOBRAMENTOS RECENTES: DETERMINISMO VERSUS INDETERMINISMO

As controvérsias em torno da teoria de Thom tomam outra dimensão quando se encara a posição filosófica nela implícita. Trata-se de um corpo teórico com base epistemológica bem evidente. Como já foi dito, nosso autor se coloca numa postura pré-socrática, buscando em Heráclito um predecesor. Sua obra *Estabilidade Estrutural e Morfogênese*, encerra, segundo ele mesmo, uma pergunta-guia: "Por que não considerar toda fenomenologia como uma linguagem que compete a nós decifrar?"

Esse enfoque, claramente relacionado por Thom com o aforismo heracliteano "o mestre cujo oráculo está em Delfos não fala nem dissimula: significa", re-encontra o velho ditado que diz que Deus não fala por meio das aparências do mundo. Torna-se difícil transferir uma abordagem como essa para uma obra ambiciosa como a *Estabilidade*, que, mais do que um simples livro, representa um modelo de desenvolvimento científico.

No caso específico da proposta thomiana, o modelo encontra nela a sua síntese mais esclarecedora. A teoria se caracteriza pela redução do componente intuição, que encontramos em todo mecanismo causal, ao fator *conflito*. E nos mostra, assim, que a estrutura resultante desses mecanismos causais não é dada *a priori*, como uma espécie de sopro divino, mas resulta diretamente do conflito de duas ou mais forças que a geram e mantêm por meio do próprio conflito. A partir daí surge um enfoque estrutural, o que às vezes coloca René Thom – muito a seu contragosto – alinhado com os estruturalistas.



O modelo científico, assim baseado no conflito, por ser o resultado de um dinamismo subjacente na evolução das formas, permite romper a autonomia das tendências reducionista e estruturalista e criar um *estruturalismo dinâmico*, que reintegra causalidade e tempo. Isso constituiria uma teoria geral das formas, independente da natureza específica do espaço substrato, inteirando-se dos mecanismos causais e classificando as formas arquetípicas que passam, mediante ajustamentos causais, de um substrato a outro.

Ora, esse estruturalismo dinâmico encontra, na classificação das formas e de sua evolução, modelos matemáticos adequados para descrevê-lo. Daí a forte presença da matemática na teoria de Thom. Esse privilégio do texto formalizado (matemático) sobre o

texto natural (vernáculo) na leitura do mundo fenomenológico, amplamente justificado por Thom na física, pode não se aplicar à ciência em geral. E, como alguns de seus críticos (em particular Jean-Marc Levy-Leblond) destacam muito bem, a contradição – ou mesmo oposição – entre o verbalismo formalizado e o natural é uma importante força no desenvolvimento das ciências, o que não parece contradizer a posição, anteriormente citada, de Thom.

Mas o crítico vê no programa thomiano um paradoxo fundamental, que é o de fundamentar uma filosofia natural superando a oposição entre as linguagens formal e natural, e fazendo-a repousar numa teoria de natureza matemática, como a das catástrofes. E vai ainda mais longe, ao dizer que Thom “reconhece, de um lado, a necessidade, para a compreensão da teoria das catástrofes, de uma ‘ampla familiaridade’ com essas disciplinas matemáticas”. Destaca também, na mais pura tradição elitista, que “não há mais que uma ciência realmente difícil: a matemática, acessível apenas aos matemáticos profissionais”. Por outro lado, critica o esoterismo e o isolamento crescentes da ciência moderna e assegura, em relação a essa mesma teoria das catástrofes, que “só ela pode assegurar à interdisciplinaridade uma base rigorosa”.

Assim se inicia uma crítica das mais sérias à teoria, isto é, seu caráter elitista. René Thom e seu discípulo maior, E.C. Zeeman, admitem que a explicação técnica da proposta é difícil, e que apenas poucos têm a bagagem matemática necessária para entendê-la. Mas asseguram que, ainda assim, ela pode ser aplicada com sucesso. Começa desse modo o que poderíamos chamar de um aspecto do valor social da ciência. Ora, se apenas alguns necessitam saber, ou se apenas alguns têm capacidade para isso, há aí um pedantismo implícito, um elitismo de concepção teórica.

Alguns críticos, como G. Marmo e B. Vitale, vão mais além, identificando as raízes ideológicas dos principais componentes da proposta thomiana. Segundo eles, nenhum modelo universal, nem mesmo um totalmente versátil, foi descoberto. Assim, pela sua própria fundamentação, a teoria das catástrofes pode apenas tratar de fenômenos estruturalmente

estáveis e nas proximidades de pontos de equilíbrio estável. Isto é: ela só se aplica a sistemas nos quais os aspectos quantitativos não variam (em termos de pequenas variações de parâmetros). No entanto, pedir estabilidade estruturável implica frequentemente (como se vê mais explicitamente nas ciências sociais, mas também em outras aplicações) um preconceito ideológico, uma escala de valores sobre o que tem que ser aceito no conjunto dos possíveis sistemas.

A crítica ideológica, conforme discutida pelos autores citados, vai além. Dizem eles: "O elemento básico de ideologia encontrado na popularização da teoria das catástrofes é a assertiva de que a teoria, tal como dada em termos de receitas, e tão encoberta por indicações sugestivas mas sem sentido, proporciona compreensão e explicação (o oposto de descrição) de fenômenos naturais, em especial no domínio das ciências sociais".

Os autores vão mais adiante, na justificação de sua crítica de natureza ideológica. Fazem uma importante análise do repentino aparecimento e da rápida ascensão e declínio da teoria das catástrofes, num estudo típico de sociologia da ciência, em que partem de três perguntas básicas:

- a) Quais as razões ideológicas para as generalizações observadas no modelo?
- b) Quem está obtendo vantagem com ele e qual é essa vantagem?
- c) Em que contexto esta nova *moda* cultural deve ser entendida e, se necessário, combatida?

São questões fundamentais, preliminares a toda análise do relacionamento ciência, ou produção intelectual em geral, e sociedade.

Quanto à função ou razões ideológicas da teoria, uma análise do conceito de estabilidade, segundo os outros originados na mudança do século, é bastante interessante. Uma certa superioridade dos sistemas estáveis parece estar implícita em toda teorização, com base no conceito de estabilidade. Já o caráter elitista da própria popularização da teoria favorece seu sucesso no contexto da institucionalização atual da ciência, que está nas mãos de um pequeno grupo.

Em relação a quem se beneficia, e como ocorre esse benefício, os cientistas sociais procuram uma

justificação científica para a ordem social e procuram encontrar, para os grupos de poder que os paga e os prestigia, explicações e novos mecanismos de controle e manipulação. Assim, para esses pesquisadores, cansados da rotina da pesquisa estatística, e procurando "entender" o fenômeno social – e outros –, o aparecimento de um tratamento matemático, com toda a conotação de rigor, exatidão e verdade que isso implica, é extremamente atraente.

A busca mistificada e mistificante de teoremas matemáticos para explicar certos fenômenos favoreceu o aparecimento e a rápida ascensão da teoria das catástrofes. Isso foi possível na atual organização institucional da ciência, na qual estruturas hierárquicas tornam natural transferir a necessidade de pensar coletivamente a alguns poucos indivíduos, selecionados pela própria hierarquia. Outros seguem o pensamento e as diretivas do líder e produzem, sem sofrer questionamentos, resultados mais abundantes e de maior profundidade. Como é natural, isso não é privilégio da teoria das catástrofes. É notável que a compreensão de certos fenômenos, sobretudo os de natureza social e política, se faça por meio de mecanismos críticos resultantes de uma especialização e sofisticação próprias da matemática.

A posição de René Thom, no que se refere ao que representa a sua teoria no contexto ideológico, é muito mais filosófica, e diríamos até mesmo idealista. Mais uma vez, o questionamento epistemológico aparece como dominante na sua interpretação da teoria. Considerando como princípio básico que toda proposta teórico-científica tem por finalidade a explicação de uma morfologia empírica, ou experimental, fazendo variar as condições iniciais de um processo pode-se obter, num domínio espacial, um *corpus* de dados empíricos, arquivados sob a forma de tabelas, documentos escritos, fotografias etc. Esse é o espaço substrato da morfologia, isto é, o domínio no qual essas formas se apresentam. Se chamarmos de explicação a todo procedimento técnico cujo resultado é diminuir a amplitude do arbitrário de descrição, temos o quadro no qual se situa a teoria das catástrofes. Segundo Thom, "toda disciplina é um *corpus* de asserções. Estas são, ao menos em parte, feitas em linguagem natural. Mesmo em matemática sabemos, depois dos resultados de Gödel, que o discurso matemático não pode ser inteiramente formalizado".

O emprego da linguagem natural em ciência coloca um enorme problema epistemológico. Em que medida os conceitos associados às palavras da linguagem natural têm um alcance universal, o que lhes dá um caráter científico? Se desejamos assegurar à ciência uma pretensão à universalidade e intemporalidade, é necessário que os conceitos que ela utiliza possam ser definidos e traduzidos em todas as línguas do mundo. Uma resposta ao menos parcial a essa inquietação é dada pela formalização, isto é, a matematização. Na medida em que a dedução teórica pode se efetuar "formalmente", ou seja, por comparação local com formas e tipos que são tomados como axiomas, ela tem um valor universal. No entanto, muitos dos conceitos utilizados em ciência (ordem, desordem, azar, mensagem, informação etc.), têm um caráter não-local. Surgem como predicados sobre o espaço ordinário e, como os conceitos derivados da física, têm um caráter trans-espacial. Nisso eles se parecem com o pensamento mágico dos assim ditos povos primitivos.

Em se tratando do uso de conceitos não-formalizados, nada permite diferenciar esse tipo de pensamento conceitual do mágico, que todos os critérios de cientificidade rejeitariam. É assim que os maiores sucessos científicos da história, como a gravitação newtoniana e a mecânica quântica, surgem como meios para pôr em prática uma espécie de magia, uma ação à distância. Entretanto, trata-se de uma magia estritamente controlada. Daí se poderia concluir que uma teoria não-local não pode ser considerada como científica em senso estrito, porque não podemos agir nem conhecer a não ser localmente.

É o próprio Thom que afirma que, "para julgar a importância de uma descoberta científica, é necessário referir-se aos seus dois objetivos fundamentais: a) compreender o mundo; b) agir sobre ele. Daí, nosso autor parte imediatamente para uma crítica aos filósofos de visão curta, que têm uma tendência a confundir esses dois objetivos. E lembra que há, segundo seu ponto de vista, uma independência relativa desses dois propósitos, o que o leva a julgar os resultados da ciência segundo os critérios distintos (a) e (b). Tudo isso não sem mencionar "aqueles que, como Marx, pensam que se trata não de interpretar o mundo, mas de transformá-lo".

Thom critica severamente a ciência moderna, em particular a física, e sobretudo os seus aspectos

indeterministas. Essa posição, como é óbvio, abriu uma polêmica bem atual, na qual se envolveram Edgar Morin, Ilya Prigogine e outros. Em *A Ciência em Crise*, um de seus trabalhos mais provocativos, conclui dizendo: "Creio ser indispensável uma renovação da 'filosofia natural', a aparição de uma epistemologia aberta sobre a ciência contemporânea. Esta 'nova filosofia' deveria ser uma epistemologia da grande cultura, praticando uma ciência, e não negligenciando nenhum dos seus traços essenciais. Um tal tipo de homem talvez não seja tão utópico assim. Em todo caso, é na esperança de contribuir para o despertar e constituição de uma tal *intelligentsia* que este artigo foi escrito. A ciência poderá, ela mesmo, evitar assim a catástrofe? Somente o futuro dirá." ▲

NOTA DA REDAÇÃO

Este artigo inclui uma bibliografia e uma parte composta inteiramente de equações matemáticas, que não foram incluídas nesta versão. Para obtê-las, os interessados deverão se dirigir (apenas por carta ou fax) à Associação Palas Athena.



RENATO POMPEU

A CIDADE DE DEUS

A barbárie ameaça as conquistas da modernidade: precisamos de uma nova Cidade de Deus



RENATO POMPEU é jornalista, escritor e autor, entre outros, dos livros *A Greve da Rosa*, *A Saída do Primeiro Tempo*, *O Terceiro Milênio* e *Memórias da Loucura*.

No tempos que correm, em que a barbárie da violência e da perversão já substituiu a cultura como alimento espiritual das massas do mundo inteiro, e em que essa violência e perversão ameaçam tomar cada vez mais espaço nas ruas e nos lares, é conveniente meditar sobre o passado que trouxe a este presente e sobre o futuro a que isso pode levar. Seguindo uma sugestão do artista plástico e jornalista Enio Squeff, este artigo defenderá que o mundo está precisando de uma nova *Cidade de Deus*, o livro escrito por Santo Agostinho (354 - 430 a.D.), entre os anos 413 e 426, no fim de sua vida.

Santo Agostinho escreveu essa obra quando a cidade de Hipona, onde era bispo, na Numídia romana (hoje Argélia), estava cercada pelos bárbaros que, em 410, haviam ocupado e saqueado Roma. O livro defende a tese de que aquilo que estava sendo ocupado pelos bárbaros era apenas a Cidade do Mundo, enquanto a Cidade de Deus, formada pelos fiéis espiritualizados em comunhão com o Espírito Santo, acabaria por triunfar. A longo prazo, Santo Agostinho teve razão, pois a Igreja acabou tornando os bárbaros pelo menos mais civilizados do que eram. Esperemos que agora novas forças espirituais possam tornar mais civilizadas as vítimas da barbárie que ronda o mundo.

No mundo contemporâneo tende a reinar cada vez mais a apologia (nos meios de comunicação) e a prática (nas ruas e nos lares) da barbárie e da perversão, fomentadas pela fragmentação extrema da sociedade, produzida pela segmentação cada vez mais intensa do mercado. Com a derrota do socialismo, o mercado tornou-se universal mas, ao mesmo tempo que se universaliza, torna-se cada vez mais segmentado, o que é bem conhecido dos especialistas em *marketing*, que procuram atingir não um público universal, mas o segmento-alvo da publicidade de cada produto.

A essa segmentação do mercado em múltiplos públicos-alvo, em meio à universalização, corresponde uma explosão dos particularismos, nacionalismos e racismos, ou seja, da violência entre diferentes setores da humanidade. Um sem-número de guerras e guerras civis percorre em grande escala o mundo; no interior de cada país, as diferentes etnias entram em conflitos mortíferos. Ocorre até mesmo uma fratura entre as gerações de uma mesma etnia, com jovens espalhando velhos nas ruas da Alemanha, sob o

pretexto de que eles são parasitas, pois viveriam da aposentadoria financiada pelo trabalho dos moços.

Nos meios de comunicação como a televisão e o cinema, e nos espetáculos em geral, reina a apologia da violência e da perversão, do irracionalismo e das drogas. A cultura espiritual está confinada como apenas um segmento do mercado. A reflexão racional está se tornando um objeto cada vez mais arcaico, um *cult object* freqüentado por pessoas cada vez mais raras. É tempo, portanto, de criar uma nova *Cidade de Deus*, uma nova comunhão espiritual e cultural que possa sobreviver à bárbara segmentação do mercado e da sociedade. Para isso, é preciso meditar sobre como chegamos a este ponto.

Desde a Renascença até recentemente, a humanidade, principalmente a ocidental, viveu o mito da modernidade: com o uso da razão se chegaria ao progresso material, criando-se uma situação de conforto para todos, que permitiria o triunfo da moralidade na convivência entre pessoas livres.

A ECONOMIA DA VIOLÊNCIA – De concreto, o que aconteceu foi o desenvolvimento do capitalismo. Todos sabem como funciona uma empresa capitalista: ela investe capital em máquinas, matérias-primas e salários dos trabalhadores, que criam um produto que vale mais do que o capital investido. O progresso material fomentado pelo capitalismo advém da concorrência entre as diferentes empresas. Modernizando-se a tecnologia da produção e distribuição, obtêm-se mais produtos e mais lucros com o mesmo capital. Os produtos se tornam mais baratos.

Mas isso não se dá sem crises. As empresas obsoletas vão à falência, as tecnologicamente avançadas, que triunfam, dispensam mão-de-obra – e com tudo isso surgem situações de desemprego em massa. Essas crises, historicamente, têm sido resolvidas por guerras em escala crescente, como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

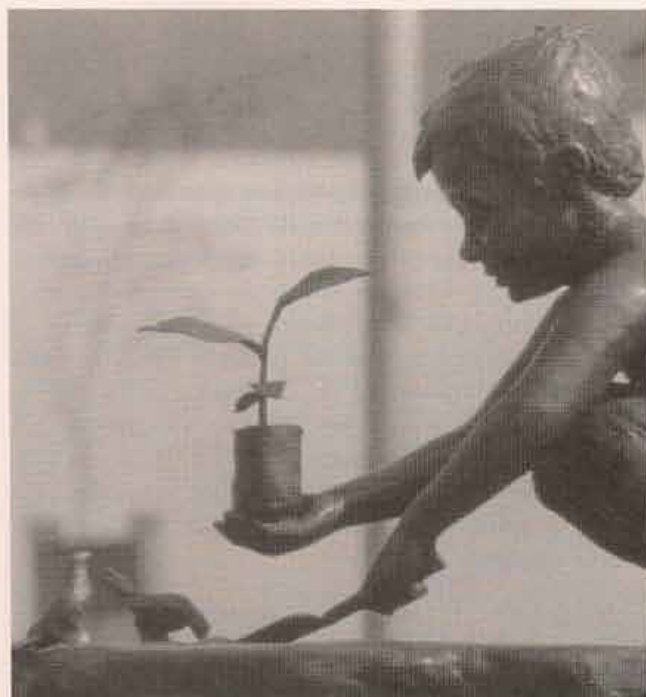
Dizendo de outro modo: a história do capitalismo é uma sucessão de patamares tecnológicos, com a passagem de um para outro gerando crises graves e mesmo guerras. A primeira onda foi a introdução da máquina a vapor, que tornou obsoleta a produção manual anterior e gerou as Revoluções Americana

e Francesa. Isso se deu na passagem do século XVIII para o XIX. A segunda onda – a introdução do petróleo, da eletricidade e da química pesada –, ao tornar obsoletas as fábricas que usavam a máquina a vapor, e ao liberar mão-de-obra, gerou uma crise gigantesca, que foi resolvida com a Primeira Guerra Mundial. Tal aconteceu na passagem do século XIX para o XX.

A par disso, a Primeira Guerra Mundial gerou a primeira revolução socialista, na Rússia. Em teoria, o socialismo visava a introdução da economia planificada, em que não haveria concorrência entre as empresas, pois os avanços tecnológicos seriam introduzidos ao mesmo tempo em todas as organizações de cada ramo, e assim nunca haveria instituições obsoletas. Entretanto, o socialismo foi introduzido em países em que o capitalismo não estava avançado; não havia capitais para socializar. Esses países estavam na situação de criar os primeiros capitais. Ora, uma coisa é a acumulação capitalista, em que se investe um capital que gera lucro e, portanto, um capital maior para investir novamente, gerando o progresso material. Outra coisa é a acumulação dos primeiros capitais, que por definição não podem advir do lucro de um capital anterior.

Historicamente, os primeiros capitais surgiram por meio da acumulação, na mão de empreendedores, de rendas extorquidas pela violência e astúcia, pela expulsão dos camponeses de suas terras, como na Inglaterra, pelo roubo do ouro e da prata dos índios da América, pela escravidão dos negros, pelo comércio desigual. Então foi possível reunir capitais para investir. A época da acumulação extorsiva é a do absolutismo, da escravidão nas colônias; a da acumulação capitalista propriamente dita é a da democracia.

Nos países atrasados em que triunfou o socialismo, que não tinham capitais suficientes para serem socializados, foi necessário também recorrer à extorsão e ao absolutismo não-democrático, para reunir as rendas destinadas aos investimentos. Enquanto isso acontecia, no decorrer deste século, o capitalismo continuou se desenvolvendo, sem porém mudar de patamar tecnológico, apenas com a introdução de métodos de racionalização do trabalho, conhecidos como fordismo e taylorismo, mas ainda dentro do patamar tecnológico do petróleo, da eletricidade e da química pesada.



Entretanto, mesmo a racionalização do trabalho acabou tornando obsoletas as empresas não-rationalizadas, que foram à falência em massa, gerando eliminação de mão-de-obra nas organizações avançadas, ocasionando o desemprego de multidões. Essa situação levou ao fascismo e ao nazismo e, finalmente, à Segunda Guerra Mundial.

Com isso surgiram novos países socialistas, quase sempre entre os mais atrasados. Mesmo com a geração de investimentos à custa da extorsão e da falta de liberdade política, entretanto, os países socialistas puderam durante algumas décadas desenvolver-se economicamente, dentro dos planos comandados pelas burocracias estatais. Paralelamente, o capitalismo continuava a se desenvolver.

Surge então, já avançada a segunda metade deste século, a terceira onda tecnológica do capitalismo, oriunda da concorrência entre as empresas. É a onda da robótica industrial, da computação, da engenharia genética, da química fina. Os mercados nacionais se tomam pequenos e surgem os supranacionais, como a Comunidade Econômica Européia. Isso se dá em meio às falências em massa das empresas do antigo patamar tecnológico do petróleo, da eletricidade e da química pesada. As próprias novas tecnologias vão se tornando obsoletas da noite para o dia: computadores ficam velhos em poucos anos, por exemplo.

As burocracias estatais, que dirigiam os países socialistas, não investiram pesadamente nas novas

tecnologias – ficaram esperando que seu ritmo de obsolescência se tornasse mais lento, para que elas pudessem modernizar planejadamente seus setores produtivos. Esse momento de calmaria na inovação tecnológica, entretanto, nunca chegou; e a economia socialista, que no patamar anterior tinha chegado a se aproximar da capitalista avançada, ficou para trás e entrou em colapso. Os países que continuam sendo comunistas, como a China, na verdade tendem a ser capitalistas, com economia de mercado, apenas politicamente dirigidos por um Partido Comunista.

No entanto, o triunfo do capitalismo sobre o socialismo não se dá sem uma crise propriamente capitalista. Os Estados Unidos entram em decadência econômica, a Europa unida surge sob o signo da recessão, a bolsa de Tóquio cai. Surge o desemprego e com ele a onda de violência xenófoba e racista. O planeta está se tornando insalubre pela poluição.

A par disso, cresce a barbárie difundida pelos meios de comunicação. Como a função da educação de massa é apenas tornar produtiva a mão-de-obra, não se difunde a alta cultura – a baixa cultura é que tem mercado. Além do mais, os empregos de alta qualificação, exigidos pelas novas tecnologias, atingem apenas um pequeno segmento do mercado de mão-de-obra. A grande massa dos empregos exige pouca qualificação, são trabalhos como os de balconista de hambúrgueres ou porteiros. Para a grande massa dos empregados, há necessidade de pouca educação. A incultura e a monotonia do trabalho da maioria não-qualificada exigem um extravasamento das personalidades por meio do culto da violência, que é refletido, por exemplo, no comportamento das torcidas esportivas e no culto à perversão mostrado pelos jornais populares.

Em escala mundial, a mão-de-obra do Terceiro Mundo se torna dispensável pelas novas tecnologias e fica fora do setor capitalista. O mercado se torna global, mas grande parte da população do planeta não é por ele absorvida. Esse processo tem sua contrapartida no Primeiro Mundo, onde cresce a pobreza de setores marginalizados, tornados obsoletos por essas novas tecnologias. Em toda parte, cresce uma economia paralela, baseada no crime, na contravenção e no tráfico de drogas.

BRASIL: UMA SUCESSÃO DE MILAGRES? – Aqui podemos refletir sobre os destinos do Brasil. Como diz o economista João Cardoso de Mello, da Unicamp, o Brasil do século passado, imerso no regime obsoleto da escravidão, não pôde consolidar o fruto da primeira revolução industrial, que foi a indústria têxtil, triunfante na Europa por volta de 1840. O país só foi consolidar sua indústria de tecidos em 1930, quase um século depois dos países capitalistas avançados. A segunda revolução industrial, a do petróleo, eletricidade e química pesada, triunfou na Europa por volta de 1890, e no Brasil só se consolidou na passagem dos anos 60 para os 70.

E a terceira revolução industrial ainda não chegou até nós, que estamos às voltas com um parque industrial obsoleto, em crise desde os anos 80. E, mesmo enquanto o país progredia, na fase anterior à terceira revolução industrial, esse progresso se dava às custas da marginalização dos setores da população envolvidos na economia pré-industrial, que foram expulsos para as favelas, sem serem aproveitados pelo mercado capitalista. Essa situação se agrava com a crise do próprio setor capitalista brasileiro, com a falência das empresas obsoletas e a perda da capacidade das empresas nacionais para concorrer com os produtos estrangeiros. Agora são as pessoas que antes estavam inseridas na economia capitalista que são expulsas para as favelas e periferias.

Podemos lembrar, como disse o historiador Sérgio Buarque de Hollanda em seu livro *Visões do Paraíso*, que a história do Brasil foi uma sucessão de milagres: quando se esgotou o ciclo do pau-brasil, surgiu o açúcar; quando acabou o ciclo do açúcar, surgiu o do ouro; quando este terminou, veio o do café. Encerrado o ciclo do café, surgiu a indústria. Agora, parece exaurido o ciclo industrial e não surge um novo milagre.

A CIDADE DE DEUS – Em contrapartida, surgem entre os marginalizados da indústria o crime organizado e a economia do tráfico de drogas. Em termos culturais, a antiga utopia do socialismo foi substituída por um sem-número de “heterotopias” (como diz um filósofo italiano contemporâneo) em que, ao invés de sonhar com outro mundo, cada grupo segmentado sonha com ser outro em relação ao

mundo, em afirmar-se como membro de um grupo separado, de uma raça ou nacionalidade – ou de uma tribo, como as torcidas organizadas, os *punks*, os *grunges* etc.

Cada uma dessas heterotopias gera um setor segmentado do mercado para a baixa cultura. A alta cultura perde cada vez mais prestígio diante dos olhos das massas, pois seu grande projeto – a utopia da modernidade – fracassou. Surgem os saques, as guerras civis, a violência entre as raças e gerações, os desastres ecológicos.

Diante desse quadro do novo cerco dos bárbaros, é necessária uma nova Cidade de Deus, onde a comunhão dos civilizados, dos não-violentos e dos não-predatórios mantenha a chama espiritual do humanismo, na esperança de triunfar após permanecer nas catacumbas, assim como a Igreja triunfou sobre os bárbaros. Isso para que não se torne futuro o que o filósofo alemão Immanuel Kant, no fim do século XVIII, escreveu sobre o passado da humanidade: "... como se toda a rede da história humana fosse tecida a partir da loucura, da vaidade infantil e do frenesi da destruição". ▲



Menino plantando árvore, bronze – Praça Klauz Walter Zulauf, Morumbi, S. Paulo (1996).

GEORGE BARCAT

IMAGINAÇÕES SOCRÁTICAS

*Odisseu diz a Neoptólemo:
roube a alma de Filoctetes usando palavras...*

*E Filoctetes, por sua vez, fala
da alma baixa de Odisseu espiando ao lado
de uma emboscada.*

(Sófocles)



GEORGE BARCAT é professor
da Associação Palas Athena.

*Estudos para um
Don Quixote
(1997).*

A ALMA E A MAIÊUTICA – Sócrates é o autor do *leitmotiv* da filosofia ocidental: o conceito de alma. No vocabulário filosófico que o antecedeu, a palavra *psyche* designava ora o princípio do movimento (*kinesis*), ora o da percepção (*aisthesis*).¹ A alma não tinha alma; era uma força da natureza. Sócrates rejeitou esse pensamento fisicista.²

Imagino as raízes desse afastamento fincadas na intuição de que Parmênides estava equivocado. Contra a identidade proposta pelo eleata, Sócrates poderia ter afirmado: “Uma coisa é pensar, outra é Ser”. Se uma tal proposição não for possível, ou seja, se Sócrates admitisse que o pensamento é capaz de entender a *physis* e o Ser, como podemos aceitar o seu pouco interesse pelas formas filosóficas anteriores?

Por isso, quando imagino Sócrates fitando o abismo que separa estas duas instâncias da realidade, não consigo deixar de vê-lo voando em torno da sua questão predileta, localizada do lado de cá da imensidão que envolve qualquer pensador: o que é o homem? Quase o escuto dar a resposta de forma segura e inequívoca: *o homem é a sua alma*.

A *psyche* – e não mais a *physis* ou o Ser, o outro lado da imensidão – deve ser o objeto privilegiado da atenção do filósofo; o que realmente importa a cada um é aprender o exercício sem fim do conhecimento de si mesmo; é cuidar de sua alma:

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos dirigir exortações, de ministrar ensinamentos em toda ocasião àquele de vós que eu deparar, dizendo-lhe o que costumo: ‘Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te pejas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a tua alma?’ E se algum de vós redargüir que se importa, não me irei embora deixando-o, mas o hei de interrogar, examinar e confundir e, se me parecer que afirma ter adquirido a virtude e não a adquiriu, hei de repreendê-lo por estimar menos o que vale mais e mais o que vale menos. É o que hei de fazer a quem eu encontrar, moço ou velho, forasteiro ou cidadão, principalmente os cidadãos, porque me estais mais próximos de sangue. Tais são as ordens que o deus



Estudo de cabeça (1997).

me deu, ficai certos. E eu acredito que jamais aconteceu à cidade maior bem do que minha obediência ao deus”. (Platão, Apologia de Sócrates, 29d – 30b)

Resta-nos então imaginar: o que é a alma. Penso que para Sócrates ela é sobretudo uma *função* (*ergon*), cuja finalidade (*telos*) é constituir o espaço (*chora*)³ onde duas forças (*dynameis*) – o pensamento e o caráter – se misturam para dar origem à sabedoria.⁴ Enquanto liga entre um conhecimento (*episteme*) e uma virtude (*arete*), a sabedoria é sempre o delta que reúne as águas de dois rios: o da alma e o das coisas.

Desde aqueles dias socráticos, podemos dizer: “Tudo com que se ocupam os filósofos passa-se entre o olhar que cai sobre um objeto e o conhecimento que daí resulta”.⁵ Olhar, alma, coisas... são devires, e a sabedoria é o *acontecimento* que, qualificando a ação⁶, qualifica a alma que qualifica as coisas... O círculo gira. Sou aquilo que faço. Se produzo pães, sou padeiro. Escrevo tragédias? Sou poeta. E sou filósofo se “atrapalho” a alma dos que julgam saber o que não sabem. Sim, a virtude do filósofo é ser um *fazendeiro de dúvidas*. Estas roubam de nós o chão de certezas e convicções em que pisamos até o ponto de dizermos: “Só sei que nada sei”. Esta afirmação

expressa a compreensão da contingência humana: ninguém é sábio de um vez por todas.

Nada mais um filósofo pode afirmar: tudo o que ele sabe só o sabe *em certa medida*⁷: justamente a medida do que faz, *enquanto* está fazendo. Ele diz: *enquanto* faço isso, sei. Depois ou antes, já ou ainda não sei. Porque olhar, alma e coisas são devires, a sabedoria, o sábio a conjuga no gerúndio: estou, ou não, *sabendo* o que estou, ou não, *fazendo*. O *topos* da sabedoria é a terminação *ndo*.

Difícil imaginar Sócrates preocupado com o futuro ou envolvido com o passado. Difícil imaginá-lo preocupado. Sócrates é sábio e podemos dizer da sabedoria o que Goethe disse da liberdade: ela é uma conquista diária. A propósito, o cotidiano não é uma sequência de dias intermeada de lazeres ou interrompida pela morte. Ele é o *acontecimento*. Um de cada vez e não necessariamente seqüentes ou conseqüentes.

O que aconteceu uma hora atrás já é memória, está quase tão presente quanto o dia do seu nascimento. O que acontecerá depois desta leitura é quase tão previsível quanto o que acontecerá quando você anoitecer. Nada disso pode ser chamado de cotidiano. Neste momento, o *seu* cotidiano é esta leitura. O cotidiano é sempre e apenas o que está acontecendo; e o que está acontecendo não é um jogo de probabilidades. Estas comandam o "antes" – quem

sabe como organizamos os conteúdos da memória? – e o depois.

Neste ponto, imagino a *maieutica* como sendo um diálogo educador, que orienta alguém no aprendizado da arte de usinar cotidianos. Sócrates pretendia outra coisa? Tinha olhos para a vida eterna ou em qualquer outro tipo de vida senão esta de agora? Não! Ele era o filósofo da *ágora*, espaço do gerúndio puro, lugar de encontros e desencontros. Preferiu o mercado ao livro.

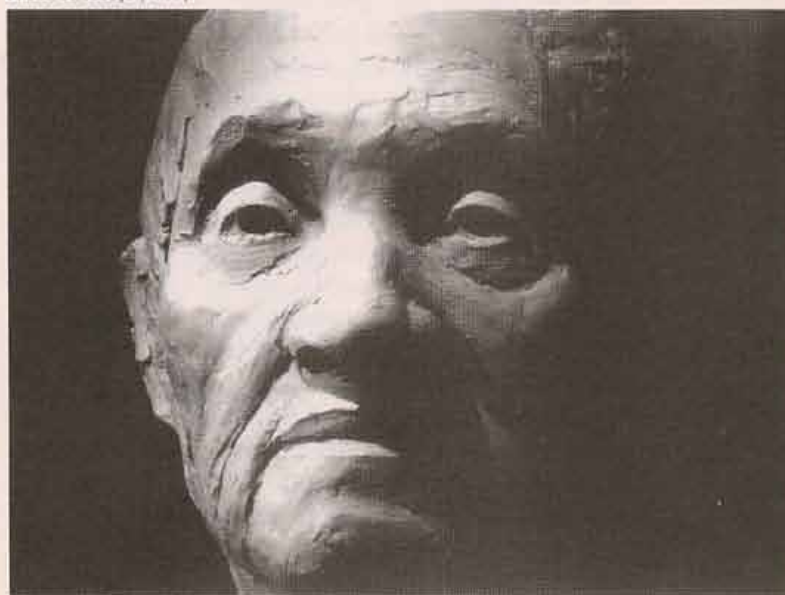
A *maieutica* é um método filosófico baseado na seguinte premissa: a escrita não é capaz de registrar a "dinâmica" da sabedoria, que faz dela não um monumento, mas o fluxo que interliga dois outros: a alma e a coisa. A sabedoria é um *olhar*, uma forma de enxergar o que está se passando, simultaneamente, em nós e no mundo.

Tendo isso em vista, também não consigo imaginar Sócrates propondo a teoria da reminiscência – que julgo incompatível com a *maieutica*. A sabedoria é um acontecimento imenso, porém imemoriável. O escravo⁸ não sabia desde sempre a geometria euclidiana: ele a aprendeu *durante* o diálogo com Sócrates; aprendeu os teoremas *enquanto* os construía, enquanto os ia *fazendo*. Ao invés de remexer a memória do interlocutor, o *maieuta* conduz (ou precipita?) um acontecimento.

Se existe alguma analogia possível entre o que Sócrates pensava e o pitagorismo, penso que só pode ser esta: imagine Orfeu voltando o rosto para trás: verá a sua amada Eurídice, em desespero, subjugada pela ausência eterna, enquanto o próprio Hades, ainda enfeitiçado, lamenta a impaciência do poeta. Imagine alguém querendo "salvar" a sabedoria de igual esquecimento; verá Sócrates sorrindo diante de ato tão belo quanto ingênuo. A sabedoria é uma noiva com a qual não podemos casar.

CONTRA OS SOFISTAS – O ponto central da polêmica de Sócrates com a sofística é o fato de que esses filósofos, por não investigarem a natureza humana,

Estudo de cabeça (1997).



também ignoravam qual é o verdadeiro valor/poder da alma. Em consequência, confundiam *virtude* (*arete*) com *virtuosismo* (*techne*). Imagino que Sócrates desprezava a *techne* por ela ser apenas uma prática de habilidades, associada a uma forma de conhecimento que só podia manipular uma arte de cada vez: ora o discurso, ora a construção de navios, ora as estratégias de guerra etc.

Era mais o que hoje chamamos de ofício do que propriamente uma ciência. Quando comparada a uma virtude, uma *techne* é uma habilidade tão simples que pode ser transformada em um mecanismo qualquer. Não é a *techne* que faz de mim um padeiro, um poeta ou um filósofo. Essa é a tarefa da virtude. Sem virtude, sou no máximo um mal padeiro, um mau poeta...

Também por isso Sócrates não poderia ter admitido a inclusão da *arete* entre as *technes*: a *arete* é uma espécie de *demiurgo* do caráter; é o *ergon* que permite à alma realizar a sua *physis*; "a chegar a ser o que é", diria Nietzsche. A realizar-se. Portanto, a virtude não é uma simples habilidade, que podemos ou não praticar sem maiores consequências. É uma função básica da alma; é tão importante que se for ignorada implica o desperdício de uma ou mais vidas.

Exemplos. A prudência é a virtude que transforma imediatamente em ação o conhecimento do que deve ser feito em uma circunstância. A coragem é a virtude que usa o conhecimento do que é realmente perigoso em uma circunstância. A paciência metaboliza a relação que existe entre a perseverança, a prudência e o tempo. A felicidade transforma o conhecimento de si mesmo na realização de si mesmo.

Uma virtude é o *ergon* que realiza um conhecimento. No entanto, para que a realização de um conhecimento seja sábia, é necessário que, além da *maiêutica*, saibamos a "ciência dos conceitos", isto é, a ciência que nos orienta na descoberta da "essência" de cada ente, ou seja, do que é universal em cada indivíduo de um grupo. Caso contrário, nosso olhar seria excessivamente pessoal, de pouca utilidade para outros e, por isso mesmo, pouco útil para nós mesmos.

A *ciência dos conceitos* é a forma de pensamento que, permitindo a percepção da unidade no interior da multiplicidade, universaliza o nosso jeito de olhar as coisas e a alma. Além, disso, impede que



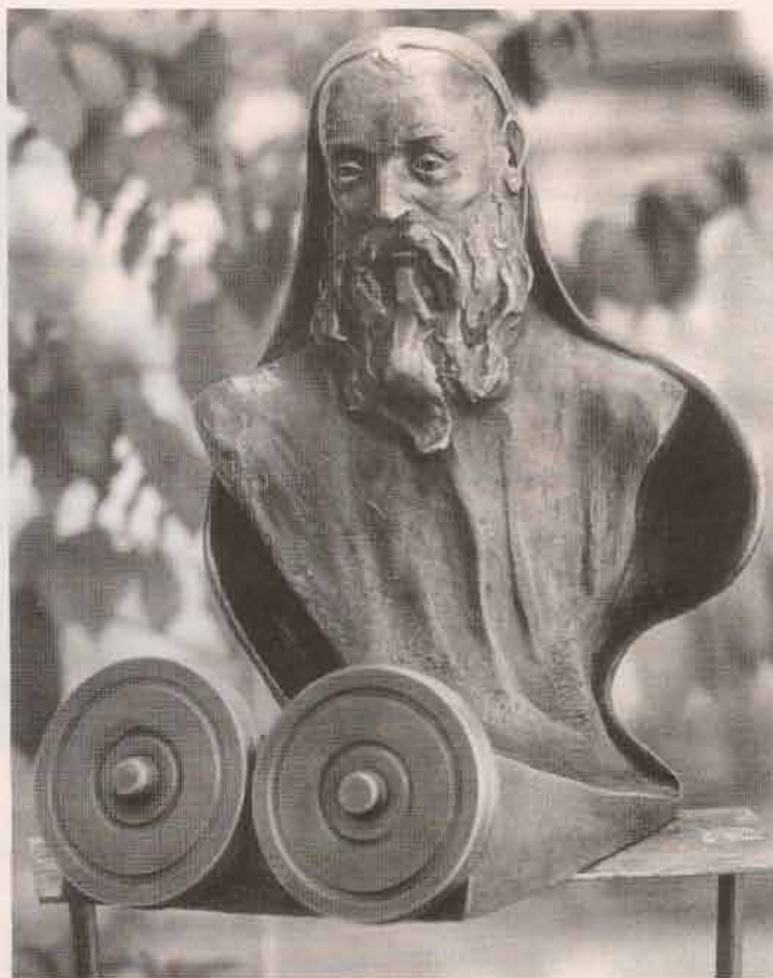
pensemos como os sofistas, relativizando tudo o que um homem enxerga.

Uma tal ciência nos ensina não apenas a identificar se um determinado ato é ou não justo, se um determinado homem é ou não virtuoso, se algo é ou não belo, mas também a compreender — *em um único ato do pensamento* — o que são, em si, a justiça, a virtude e o belo. *Em um único ato do pensamento* significa que a *ciência dos conceitos* é um processo racional que faz uso da intuição; a presença desta indica que, a cada vez, temos que redescobrir o *em si* dos entes, porque olhar, alma e coisas são devires, fluxos.

Imagino que a *ciência dos conceitos* funciona mais ou menos assim: o belo em si depende do mundo sensível; mais do que simplesmente servir de modelo ausente, é algo que pertence às coisas que percebemos enquanto caminhamos aqui, no solo sagrado da terra.

O belo em si é universal, porque está na alma de todos os homens e mulheres que choram enquanto lêem *As Troianas* de Eurípides.

A SIMBIOSE ENTRE O CONHECIMENTO E A VIRTUDE — Sócrates acreditava que as virtudes eram raciocínios, de fato, sustentava que todas eram ciências. (Aristóteles, *Ética a Nicômacos*, 1144b 28ss).



O profeta (1994).

Vale para o conhecimento o que vale para a virtude: um conhecimento é o *ergon* que realiza uma virtude. A sabedoria é justamente a liga que unifica ambos. É apenas quando se tem em vista este estado de sabedoria que se pode afirmar da alma que ela é *incondicionalmente boa*, e que seus erros não são "maldades", mas conseqüências de atos praticados na ignorância.

A virtude (cada uma delas e todas) é conhecimento, e o contrário da virtude, isto é, o vício (cada um e todos os vícios), é privação de conhecimento, ou seja, "ignorância".

Sócrates remexe a "tábua de valores" grega, que estava apoiada no corpo ou em riquezas: a vida, a saúde, o vigor físico, a beleza, a fama, o poder... (Alguma semelhança com a nossa própria tábua?)

– Talvez, Sócrates, o bem mais indiscutível seja a felicidade.

– A menos que seja composta de bens discutíveis, Eutidemo.

– E quais os bens que constituem a felicidade seriam discutíveis?

– Nenhum, desde que nela não incluamos a beleza, a força, a riqueza, a fama e coisas similares.

– Mas é necessário incluí-las – disse – Como ser feliz sem elas?

– Por Zeus!, exclamou Sócrates. Desse modo estaríamos incluindo aquilo de que provêm tantos males aos homens. Muitos, pela sua beleza, são corrompidos por quem perde a razão diante de uma pessoa graciosa; muitos, fiando-se na sua força, empreendem obras demasiado grandes e incorrem em não poucos males; muitos, debilitados pela riqueza, perecem nas insídias a que se expõem; muitos, por causa da fama e do poder político, padecem grandes desgraças." (Xenofonte, *Memoráveis*, iv, 2, 34ss)

Mas Sócrates não é Cristo. Ele não rejeitou os bens e valores tradicionais da Grécia, apenas subordinou a efetividade daquilo que os gregos consideravam "bens" ao seu bom uso, e afirmou que este depende *exclusivamente* do conhecimento.

– Em geral, disse eu, todos aqueles que antes considerávamos bens, parece que por sua natureza não podem ser chamados bens por si mesmos, mas, antes, resulta-nos o seguinte: se são dirigidos pela ignorância, revelam-se males maiores do que os seus contrários, porque mais capazes de servir a uma direção má; se, ao invés disso, são governados pelo juízo e pela ciência, são bens maiores; por si mesmos, nem uns nem outros têm valor.

E Eutidemo disse:

– Parece que é assim como dizes.

– E que se deduz dessas premissas? Que todo o resto não é bem nem mal e, das duas coisas que permanecem, a ciência é um bem, a ignorância é um mal. (Platão, Eutidemo, 281d-e)

Fundindo virtude e conhecimento, Sócrates concluiu que quem pratica o mal o faz por ignorância, e não porque o queira sabendo que é o mal. No seu *Protágoras*, Platão desenvolve e aprofunda estas teses, que Xenofonte resume assim:

Sócrates não punha limites entre conhecimento e sabedoria, mas considerava douto e sábio aquele que, conhecendo as coisas boas e belas, soubesse usá-las; conhecendo as feias, delas soubesse guardar-se. Perguntado se tinha na conta de sapientes e moralmente débeis os que, sabendo o que devem fazer, não obstante, fazem o contrário, respondeu: 'Não, não mais que insipientes e moralmente débeis. Creio que todos os homens escolhem com todos os meios possíveis o que é mais vantajoso aos seus interesses e

isso realizam. E penso que os que seguem um caminho errado não são nem sapientes (= em posse do conhecimento) nem sábios'. Dizia que a justiça e toda outra virtude eram, a seu ver, belas e boas: quem conhece o belo e o bom nada pode preferir-lhes; ao invés, quem não os conhece, não pode praticá-los, e se o tenta, erra. Portanto, quem sabe, realiza coisas belas e boas; quem não sabe, não pode realizá-las, mas se tenta, falha. E dado que as coisas justas e todas as outras, belas e boas, se realizam mediante a virtude, é claro que a justiça e todas as virtudes são ciência." (Xenofonte, *Memoráveis*, III, 9, 4ss).

O AMOR – Finalmente, fico imaginando o que Sócrates teria pensado enquanto se dirigia ao Liceu, depois de ter saído da casa de Agatão⁹. Ele e seus companheiros tinham homenageado o amor.

Será que Sócrates concebia o amor como uma face a mais da única virtude possível? Seria mais do que isso? Enquanto virtude, que conhecimento o amor realizaria? Seria apenas o conhecimento profundo de outra pessoa, um reconhecimento, uma simpatia forte como um átomo? Seria mais do que isso? O que significa para uma alma, amar? Qual é a função metabólica do amor?

Imagino que foi apenas isto o que Sócrates continuou pensando durante o banho daquela manhã. Afinal, o que sabe um sábio? O que mais ele pode saber senão perguntas que o fazem agir? ▲

NOTAS

1. Aristóteles, *De Anima*, livro 1.
2. Digo, ó cidadãos atenienses, que dessas coisas não me ocupo de modo algum; e disso invoco por testemunha a maior parte de vós; e peço-vos que vos informeis mutuamente e o declareis abertamente todos vós que me ouvistes falar: e são muitos os que me ouviram falar. (Platão, *Apologia de Sócrates*, 19c). Ver também: Platão, *Fédon*, 99c.
3. Ergon – Na *República* (353a), Platão define ergon como sendo "aquilo que o ente em questão faz sozinho ou melhor". Chora – No *Timeu* (52a-c), Platão diz que toda genesis acontece numa área. Topos – "Tudo o que existe tem um lugar" (Aristóteles, citando Zenão, *Física*, IV, 209a).
4. Observe o quanto esse conceito está próximo ao sugerido por Sófocles nas citações em epígrafe e que, até hoje, essa symbio-

sis entre as vidas psíquica, intelectual e ética, prevalece como o norte de filósofos, biólogos, teólogos, físicos, psicólogos, médicos, matemáticos, químicos... que estudam a mente humana.

5. Paul Valéry, *Eupalinos, ou o Arquiteto*, p.63 - Editora 34, Rio de Janeiro, 1996.
6. Chego quase a dizer "ação política", pois não acredito que Sócrates tenha divulgado o que pensava da vida privada ou íntima.
7. Ao lado de Protágoras, Sócrates afirmou que a qualidade de uma alma é função da qualidade do que ela é capaz de medir. A maiêutica é o método socrático de melhoria dessa capacidade.
8. Platão, *Menón*, 82-86.
9. Platão, *O Banquete*, 223d.

PAINEL

Uma história que recém-começa

De 2 a 5 de outubro último, a Associação Palas Athena realizou, com grande afluência de público, mais uma Semana Gandhi. O evento incluiu uma recepção, palestras, uma oficina e um concerto de música indiana.

Participaram: R. Viswanathan, Cônsul Geral da Índia (com a palestra *Mahatma Gandhi, o Político*); The-rezinha Fram, educadora e psicóloga (que falou sobre *A Busca da Equidade no Mundo Contemporâneo*); Elza Perez Sampedro, psicóloga clínica (que apresentou *Caminhos da Não-Violência*); Lia Diskin, co-fundadora da Associação Palas Athena (que abordou o tema *Gandhi – Uma História que Recém-Começa*). O evento foi encerrado com o concerto em homenagem a Gandhi, por Meeta Ravindra (canto), José Luiz Martinez (canto e tabla), Sagar Ravindra (tabla) e Dhaivat Raj (cítara).

A seguir, transcrevemos alguns trechos de escritos de Gandhi.

RESOLUÇÃO PACÍFICA DE CONFLITOS – “O teste maior da não-violência está no fato de não restar qualquer rancor depois de um conflito não-violento, com os inimigos se convertendo em amigos. Essa foi minha experiência na África do Sul com o general Smuts. Ele começou como meu oponente e crítico mais encarniçado; hoje é o meu amigo mais caloroso.

Essa é a essência do princípio da não-cooperação não-violenta. Ela deve ter suas raízes no amor. Seu objetivo não deve ser punir o oponente, ou infligir-lhe qualquer injúria. Mesmo enquanto não cooperamos com ele, devemos fazê-lo sentir que tem em nós um amigo. Devemos também tentar atingir o seu coração, prestando-lhe sempre que possível um serviço humanitário.”

CONVIVÊNCIA INTER-RELIGIOSA – “Escrevo esta nota em resposta a um fervoroso amigo hinduísta que, com gentileza, me fez o seguinte reparo: ‘O senhor deu ao *kalma* (confissão de fé mulçumana) um lugar no *ashram*. O que falta fazer ainda para matar o hinduísmo?’

Confio que meu hinduísmo, assim como o dos demais hinduístas do *ashram*, cresceu com isso. Devíamos ter idêntica reverência por todas as religiões. (...) Trechos do Alcorão foram introduzidos alguns anos atrás em nossas preces coletivas, por sugestão de Bibi

Raihana Tyabji, que vivia então no *ashram* de Sevagram; as orações parses foram introduzidas por instância do Dr. Gilder, que realizou essas preces quando do término de meu jejum no palácio do Aga Khan, durante a nossa prisão. Elas atingiram o coração de um grande número de pessoas e mostraram o hinduísmo sob o seu aspecto mais amplo e tolerante. Seria o caso de perguntar também por que o culto tem início com uma oração budista em idioma japonês. A seleção das estrofes da prece tem uma razão ligada ao seu caráter sacro. Certa época, todo o Sevagram ressoava nas primeiras horas do dia com o som da oração budista, quando vivia no *ashram* um monge japonês que, com sua conduta tranqüila e digna, conquistou o afeto dos residentes. (...) Portanto, todas as religiões merecem o mesmo respeito no *ashram*. Seguidores de todos os credos são bem-vindos.”

VISÃO PLANETÁRIA – “Minha missão não estará terminada no dia em que todos os indianos se amarem como irmãos. Ela não terminará com a libertação da Índia, se bem que, no momento atual, eu a isso consagro o mais agudo de minhas forças e de meu tempo. Mas o que procuro, por meio da libertação do meu país, é conduzir todos os homens a construir uma só comunidade fraternal. Meu patriotismo não exclui ninguém. Estará pronto a acolher o mundo inteiro. Só posso rejeitar todas as formas de patriotismo que obtêm sua força das desgraças e da exploração das outras nações.

Meu patriotismo perderá toda a sua significação se não procurar, de modo permanente e sem a menor exceção, promover o máximo de bem para a Humanidade inteira. E mais: é toda a vida que procuro abraçar graças à minha religião e, em consequência, por meio do meu patriotismo.

Não me é suficiente querer ser o irmão de todo homem, ou mesmo unificar a Humanidade; desejo também chegar a essa mesma unidade com todo ser vivente, mesmo que seja um verme da terra. Com o risco de chocá-los, tendo a realizar essa identidade mesmo com as criaturas que rastejam no solo. Não afirmamos que todos viemos do mesmo Deus? Nesse caso, toda vida, seja qual for a forma pela qual se manifesta, só pode ser essencialmente uma.”

Mahatma Gandhi

POESIA

JOSÉ NÊUMANNE PINTO



Desencanto e Esperança

Os leitores assíduos do jornalista **José Nêumanne Pinto**, analista objetivo da cena política brasileira, autor de livros como *A República da Lama*, hão de estranhar a magia, a pulsação metafórica e o jeito enviesado de dizer a que ele vez ou outra se entrega, em seus poemas. Já os leitores de *Solos de Silêncio*, sua poesia reunida, não terão o que estranhar. Estes saberão que a poesia, para Nêumanne, não é um derivativo ou uma "pausa" na luta diária do jornalista, em sua tentativa de apreender a realidade que nos cerca. A voz que fala nos poemas, embora em outro diapasão, é a mesma dos artigos e ensaios políticos e busca o mesmo fim: tocar o cerne das coisas, com a mesma atitude crítica, a mesma dura ternura pela vida, feita de desencanto e esperança.

O leitor de THOT tem aqui dois bons exemplos. Primeiro, este *Poeira de Estrelas*, poema para ser cantado, na reiteração martelada de seus bordões e em seu aliciente consórcio de contrários: norte e sul, água e fogo, Deus e o vazio, o começo do fim, o fim do começo – contrários esses todos reunidos na feliz imagem segundo a qual Deus repousa a sesta do guerreiro da paz, metáfora de... homem.

Segundo, esta tocante humanização da natureza, em que o poeta empresta voz ao rio, *Madeiro*. O jogo dos contrários agora comparece para balizar a fala derramada (mas contida) do rio-homem: a água limpa e a matéria apodrecida, os ninhos e os espinhos etc. Dessa forma, o rio alcança falar de si e conta a sua história, que começa debaixo do regaço da terra e conduz o seu velho coração vegetal à agonia de hoje.

Mas ao falar de si, de suas águas que passam, o rio conta também outra história, a do bicho-homem, indiferente a esse passar, e conclama-o ao olhar caridoso que lhe faça pulsar a compaixão. Para salvar o rio? Sim, mas também para salvar o homem, cujo pulmão de cristal está prestes a se estilhaçar.

Em matéria de indignação e denúncia, o jornalista faria melhor que o poeta?

Carlos Felipe Moisés

POEIRA DE ESTRELAS

Do norte do norte
as águias decolam
para vôos sem volta.
Lá, tudo começa:
a voz do mudo,
a vez do mundo.
No norte do norte
as águas brotam do solo
e o fogo se consome,
queimando a cera do tempo.
No norte do norte,
mora Deus,
o dono da sorte,
pelo menos à noite.
Lá se consuma o pecado
de cada um, surgido do zero.
No norte do norte,
da terra é soprado
o barro humano,
bafo de vida.

Ao sul do sul
as águias sempre voltam
de vôos sem ida.
Lá se chega sempre ao nada,
ao nenhum talvez,
decerto a ninguém.
No sul do sul,
as águas se lavam
em si mesmas.
E o fogo se extingue
em cinza morna.
No sul do sul,
Deus vive de dia,
na casa de sempre,
erguida sobre ocos do vazio.
Lá, se colhe
a semente da morte
na seara das virtudes
de todos,
abrigados no sem fim
do infinito.
No sul do sul,
o último sopro,
matéria divina,
solfeja adeuses
em lábios selados.



Entre o sul do sul
e o norte do norte
a leste e oeste, o medo
traça o destino parco
de quem se sente imenso.
Entre o começo do fim
e o fim do começo,
o compasso do verso.
Lá Deus repousa
a sesta do guerreiro da paz
à sombra da luz das estrelas.
O sono divino
vela a angústia do homem
de não se saber
apenas um sonho,
nem sempre um pesadelo,
mas inevitavelmente
uma miragem de fumaça,
uma nuvem opaca
de pó seco
e denso mistério.

MADEIRO

Meu pai está no céu
e me mandou o dom da vida
pousar do beijo de um colibri.
Quando a semente caiu,
o ventre virgem de minha mãe a estreitou.
Debaixo do regaço da terra,
me nutri da lava dos vulcões,
bebi a água limpa dos lençóis
e suguei a força fétida
da matéria apodrecida.
Cresci no seio da relva,
vesti as cascas do tempo.
Soprei ventos primevos,
trazidos dos campos,
onde o trigo fenece.
Destilei o perfume das flores
e o sabor dos frutos da estação.
Refresquei com o orvalho de meu pranto
o asfalto que me queimava os pés.
À sombra de minha presença,
abriguei carícias alheias
e em meus membros
espalhei ninhos e espinhos.
Cantei canções ancestrais
nas línguas mortas das aves,
que não me deixam calar.
Fixaram com cravos minhas pernas
neste bosque de piche e aço.
Agora, eis-me aqui, de novo,
disposto ao perdão,
pois para isso fui pregado.
Abro bem os braços
e deixo o peito à vista:
meu velho coração vegetal
só carece de um olhar caridoso
para pulsar sua compaixão.
Olha bem pra mim,
transeunte urbano
de minha agonia!
Enquanto me encontrares,
teu pulmão de cristal
não vai se estilhaçar.



EPIFANIAS

IGNACIO DA SILVA TELLES

Ajuda-nos, Senhor

1. Senhor, ajuda-nos a manter sempre o coração puro e nos ajuda também a ir cultivando, pela longa noite escura, as virtudes da coragem, da paciência e da bondade.
2. Desperta em nós, Senhor, todos os anseios do belo e nos ajuda a cultivá-los dia-a-dia.
3. Senhor, ajuda-nos a abrir os olhos e a surpreender o deslumbramento do mundo e, se possível, que nos seja dada a Benção de vislumbrar, além das relatividades do espaço e do tempo e, portanto, além do pensável, a realidade transcendente do Número, da Forma, da Lei e da Música.
4. Ajuda-nos, Senhor, a contemplar todos os dias dentro de nós mesmos o nascer do Sol para, em seguida, transmitir aos outros a alegria da madrugada.
5. Irmãos somos de tudo que existe na Creação, pois filhos somos do mesmo Pai. Ajuda-nos, Senhor, a fazer com que esta idéia, quase sempre adormecida, possa de repente despertar e, partindo do cérebro, inflamar o coração.
6. Ajuda-nos, Senhor, a desvendar nosso irmão mais próximo, o ser humano, em meio das coisas todas da Creação, no número infinito de infinitos universos, tanto nos dos planos mergulhados no espaço e no tempo como nos de tantos e tantos outros planos, fora do tempo e fora do espaço. Ajuda-nos a ver esse nosso irmão, onde estiver, sobretudo este aqui na Terra a nosso lado. Ajuda-nos a vê-lo, Senhor, com os olhos da inteligência, com os olhos do coração e com os olhos das sensibilidades que nos últimos anos vêm mansamente aflorando na consciência de nossa sofrida humanidade. Ajuda-nos, para que possamos amá-lo com todo o alento de nossa alma.
7. Incendiado vive nosso coração diante do mistério da existência do mundo, e ainda mais incendiado ele vive diante do mistério de nossa consciência. Ajuda-nos, Senhor, a converter esse pasmo, esse susto de nossa alma, numa fonte perene de amor.
8. Senhor, em qualquer momento de nossa vida, mesmo sem o merecer, ajuda-nos a receber de Ti um bafejo da Sabedoria.
- 9 e além, muito além do que foi pensado e dito nesta oração, ajuda-nos, Senhor, ajuda-nos a Te amar acima de tudo.

IGNACIO DA SILVA TELLES é formado em Filosofia, livre-docente de Teoria do Estado pela Faculdade de Direito da USP e membro da Academia Paulista de Letras. Dentre suas obras publicadas destacam-se: *A Experiência da Democracia Liberal*, *Andanças pelo Sertão Grande*, *Vivência e Reflexão - o Esvaziado Coração dos Homens* e *Forjadores Espirituais da História*.

[papel timbrado do Congresso dos Estados Unidos da América
Frank R. Wolf, Deputado pelo Estado da Virgínia]

PRONUNCIAMENTO DO DEPUTADO FRANK R. WOLF
TIBET – UMA ANÁLISE EM PRIMEIRA MÃO (9-13 DE AGOSTO DE 1997)

O presente relato narra, em breves palavras, as constatações do Deputado Frank R. Wolf, como resultado de sua visita ao Tibet, em agosto de 1997. O Deputado Wolf foi o único membro em exercício da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos a visitar o Tibet desde que a ocupação chinesa teve início em 1959. Suas conversas pessoais com cidadãos tibetanos oferecem um retrato sombrio da vida existente sob o brutal regime da República Popular da China (RPC), esboçando um quadro vastamente diferente daquele veiculado pelo governo chinês de Pequim.

INTRODUÇÃO – Regressei recentemente de uma viagem ao Tibet, onde estive de 9 a 13 de agosto de 1997. Acompanhado de um assessor e de um ocidental fluente em tibetano e íntimo da cultura, história e religião do país, viajei com passaporte norte-americano e com um visto de turista emitido pelo governo da China. Em nenhum momento me perguntaram nem eu revelei ser membro do Congresso dos Estados Unidos. Não fosse assim, estou seguro de que minha visita não teria sido concedida, a exemplo de outros congressistas que requereram permissão para visitar o Tibet e tiveram sua pretensão negada.

Nenhum membro em exercício da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos visitou o Tibet desde que a China iniciou, em 1959, seus esforços implacáveis (e em larga escala bem sucedidos) de sufocar a vida, e por que não dizer a própria alma, deste país – de sua cultura, de seu povo. Somente três senadores norte-americanos visitaram o Tibet nas últimas décadas, tendo eles sido guiados muito de perto pelos chineses. Fora os embaixadores norte-americanos em Pequim e o Secretário Adjunto de Estado John Shattuck, não estou ciente de visitas feitas por funcionários graduados do Executivo, durante esses anos todos.

Por certo, uma delegação que viesse a ter sua visita ao Tibet aprovada não seria tão reveladora, já que conversas desimpedidas entre pessoas não poderiam acontecer. Não consigo imaginar um outro lugar no mundo onde tanta repressão é imposta ao diálogo aberto. Agentes e espiões do governo, bem como câmeras de vídeo, mantêm vigilância para impedir contato com pessoas de fora. Os infratores, mesmo nos casos de mera suspeita, são punidos de maneira rápida e brutal.

PROTEÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS – Meu interesse pelo Tibet e a força que moveu minha visita brotam de meu empenho em contribuir para fazer cessar toda perseguição religiosa bem como para promover a proteção dos direitos humanos fundamentais. Em 1996, a Câmara aprovou três medidas versando sobre essas matérias, uma expressamente relacionada com o Tibet. No corrente ano, apresentei a moção 1685 – Lei de Cessação de Perseguição Religiosa de 1997 – a qual contém disposições específicas referentes ao budismo tibetano. Ela conta com o apoio de mais de 100 co-proponentes. Essas são questões que despertam em mim, assim como em tantos outros, profunda preocupação.

O progresso no Tibet, em termos humanos, não está caminhando sequer milimetricamente; lá, um povo reprimido vive sob condições de uma brutalidade indescritível, na penumbra da consciência internacional. Quero que o mundo saiba o que acontece no Tibet. Quando esse conhecimento chegar às pessoas, elas exigirão que a China mude sua política de subjugação imposta com mão de ferro, e ponha fim àquilo que um monge que encontrei denominou “genocídio cultural”.

Pude constatar que a República Popular da China (RPC) apresenta um histórico quase perfeito de retaliação cruel, imediata e inexorável contra o mais leve rumor de dissidência tibetana. Encontrei-me com monges, homens e mulheres nas ruas e demais pessoas que arriscaram sua segurança e bem estar pessoais para ficar uns poucos momentos a sós comigo, narrando quão ruins são as condições no Tibet, e apelando por ajuda e apoio do Ocidente.

O TIBET NO MAPA – O Tibet é conhecido como o teto do mundo – um nome ao qual faz jus. O planalto tibetano apresenta altitude superior a 3.500 metros. À noite, quando o céu está limpo, mais estrelas brilham sobre quem o observa do que se pode imaginar.

Sob esse manto fica a antiga residência do Dalai Lama, o líder religioso que governava o país a partir do majestoso Palácio Potala, situado na cidade de Lhasa, a capital. Em 1959, quando a China deu início a seu implacável programa de varrer o Tibet das páginas da história, o Dalai Lama abandonou sua terra

natal para refugiar-se na Índia; lá, ele e inúmeros outros tibetanos que o seguiram permanecem exilados até os dias de hoje.

Em termos geográficos, o Tibet tem a dimensão da Europa Ocidental, com uma população de aproximadamente 6 milhões de habitantes. Estima-se que, nas duas últimas décadas, quase um milhão de tibetanos foram mortos, torturados ou reduzidos a estado de penúria. Ao mesmo tempo, a RPC empreendeu um programa maciço de injeção de população chinesa, que agora provavelmente supera os tibetanos em seu próprio país. Não há dados censitários confiáveis, mas se estima que em Lhasa, a capital, vivem cerca de 160.000 chineses e apenas cerca de 100.000 tibetanos. A diferença numérica talvez seja menos assustadora nas regiões mais remotas, mas a conclusão inexorável é a de que a China está engolindo o Tibet. As lojas, hotéis e mercados são, em sua maioria, chineses. As placas na fachada das lojas ostentam caracteres chineses em grande tamanho e, em baixo, dizeres tibetanos, em tamanho muito menor. Quando se sai de Lhasa, encontra-se tantos aldeões, pastores, camponeses, pedreiros e viajantes chineses quanto tibetanos. Em suma, o Tibet está em via de extinção.

O Tibet faz fronteira com o Butão, o Nepal, a Índia e o Paquistão, sendo um país rico em recursos naturais, inclusive recursos agrícolas, minerais e florestais. Sua importância para a China é tanto estratégica quanto econômica. A China parece segura de que manterá seu grilhão letal sobre essa terra e esforça-se em fazê-lo por trás de portas cerradas. Não há imprensa independente no Tibet. Não pude ver um único jornal ou revista disponível ao povo. A televisão é algo extremamente limitado e rigidamente controlado pela RPC. A imprensa estrangeira não é bem-vinda nem permitida. Somente a Voz da América, ouvida pela quase totalidade dos tibetanos, e a Rádio Ásia Livre, que é relativamente nova, transmitem informações ao Tibet. Nada trafega em sentido contrário, exceto bocados de informações carregados por turistas e visitantes ocasionais.

O TIBET VISTO DE PERTO — O quê tem a dizer a gente do povo tibetano? Antes da minha viagem, haviam me dito que as pessoas iriam me procurar, por causa da minha óbvia aparência de visitante ocidental, para me contar a história delas. Também me disseram que isso era muito perigoso para essas pessoas, que os informantes estavam por toda parte e que ser pego falando com um ocidental era um bilhete garantido para a cadeia e outras coisas mais.

Francamente, estava cético diante da possibilidade de alguém nos abordar. Eu estava enganado. Quase sempre houve alguém que aproveitou a oportunidade para trocar uma ou duas palavras conosco, alerta a quem pudesse estar por perto.

Em nosso primeiro encontro com um tibetano que percebeu que éramos ocidentais e que um de nós era capaz de falar tibetano fluentemente, ele mal conseguiu se conter. "Há muitas pessoas nas prisões, a maioria delas por motivos políticos." Fomos ver a cadeia Drapchi, que fica numa região de favelas, fora de mão. Policiais andando em duplas estavam presentes por toda parte.

Fomos também ver o complexo da cadeia de Sangyip e, depois, a cadeia Gusta. As cadeias parecem ser uma indústria florescente no Tibet. Falamos ao tibetano que ele não deveria se arriscar. Ele disse que era tão importante que víssemos esses lugares que ele não se importava; então, seguimos adiante nessa peregrinação que mais parecia um pesadelo. Passamos pela principal central de segurança, pela sede do serviço de inteligência e, então, pela administração da prisão, cada um deles intensamente policiado. Enquanto caminhávamos, fomos ouvindo histórias de monges e monjas, homens e mulheres do povo que foram arrastados para prisões e torturados. Ele disse: "Não precisam se preocupar comigo", e continuou sua narrativa sobre as torturas a que os prisioneiros são submetidos.

Eles são rotineiramente surrados com pedaços de pau, chutados e ferroados com varas elétricas (ferrões usados para tocar bois, com uma carga elétrica enorme). Os prisioneiros políticos são isolados do restante da população da prisão, e são mantidos em áreas sem iluminação e aquecimento, sem instalações sanitárias e médicas, e quase sem comida e água.

Ele acrescentou que o povo não possui quaisquer direitos. Não se tem liberdade de expressão. Embora os tibetanos considerem o Dalai Lama seu líder espiritual e político, são proibidos de demonstrar seu amor por ele. Possuir uma foto do Dalai Lama constitui um delito que pode atrair encarceramento e punição severa e brutal. "Nós (tibetanos) precisamos pedir permissão aos chineses para fazermos tudo", disse ele. "Não podemos fazer nada por conta própria."

Ele disse ainda, "Os chineses falam que temos liberdade religiosa, mas isso não passa de uma mentira. Apesar dos chineses dizerem que os tibetanos vivem em liberdade, essa liberdade não existe — sequer uma. Tudo é controlado pelos chineses e vivemos sob repressão. Ouvimos a Voz da América dizer que o Ocidente apoia o Tibet; no entanto, o Ocidente

continua seu comércio com a China. Isso não ajuda. O Tibet se sente excluído e ignorado."

"O Dalai Lama pediu ajuda aos Estados Unidos e a Taiwan," continuou. "Por favor, ajudem o Dalai Lama porque nós estamos sendo arruinados. Os chineses mandam as crianças tibetanas para serem educadas na China e ensinam a elas os modos chineses. O Tibet está desaparecendo pouco a pouco. A língua tibetana está sendo, cada vez mais, desenfaturada nas escolas, e nossa cultura está sendo eliminada."

Tudo isso vindo de um homem que narrava sua agonia e a agonia de seu povo. Entretanto, ele terminou dizendo: "Não tenho medo. Algum dia o Sol vai voltar a brilhar sobre o Tibet." Por toda parte, encontramos em todo tibetano com quem mantivemos contato apoio maciço e enorme fé em relação ao Dalai Lama.

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA — Visitamos inúmeros mosteiros, onde monges, monjas e outras pessoas nos abordaram. Suas histórias amplificaram aquilo que já estávamos sabendo. Todo mosteiro que visitamos encontrava-se sob rígido controle de um pequeno grupo de inspetores chineses residentes. Todos os relatos que chegaram a nós deram conta de uma redução drástica no número de monges em cada mosteiro. Muitos foram mandados para a prisão por se recusarem a voltar às costas para o Dalai Lama ou mesmo por se recusarem a jogar fora fotos dele. Jovens monges com menos de 15 anos de idade são barrados (anteriormente era possível ingressar num mosteiro aos 6 anos). Desde a revolução cultural, muitos mosteiros foram em grande parte destruídos. O trabalho de reconstrução tem sido dolorosamente lento.

A mais ligeira resistência à interferência chinesa traz, como resposta, pesadas punições. Era comum ouvirmos relatos sobre monges que foram jogados na prisão, muitos durante o processo de "reeducação", que inclui o gesto de dar as costas ao Dalai Lama. O encarceramento é prolongado: significa anos de surras brutais, sendo permitidas raras visitas de pessoas de fora. E, quando o encarceramento finalmente termina, os monges são expulsos de seu mosteiro e exilados para suas aldeias natais. Muitos tentam fugir para a Índia ou o para Nepal. Muitos não conseguem chegar lá.

Contaram-nos, em diversas ocasiões, que todos os monges vivem em meio ao medo. Quando perguntávamos que mensagem eles gostariam que levássemos de volta para os Estados Unidos, pediram-me para dizer que eles não têm permissão para praticar sua religião e que o povo sofre enormemente. Sua

maior esperança é poderem viver livres da China. Um deles disse: "Por favor nos ajudem. Por favor ajudem o Dalai Lama." Ele disse que, se fosse pego conversando conosco, seria imediatamente colocado na cadeia, por quatro ou cinco anos.

Outros monges expressaram sua preocupação com a ausência de liberdade para a prática religiosa. Centenas têm sido encarcerados simplesmente por não retirarem fotografias do Dalai Lama de seus altares. As orações que podem fazer são restritas e eles têm poucas oportunidades de conversar longe de alguém que os supervisione, mesmo nos próprios mosteiros.

Era uma só a mensagem que colhemos nos mosteiros em torno de Lhasa e nas regiões circunvizinhas. Hesito em ser mais explícito ao descrever as conversas que mantive, porque não quero que elas possam ser rastreadas a um monge ou a uma pessoa específica. Fazer isso seria impor sentença e punição pesadas sobre alguém que já sofre sob um fardo inacreditável.

Em um lugar, encontramos uma mulher que estava rezando. Quando ela se deu conta de que éramos americanos, irrompeu em nossa direção. À medida que falava, começou a soluçar. Lágrimas corriam em seu rosto enquanto ela nos contava sobre a situação. Ela disse: "Lhasa pode ser bonita por fora, mas, por dentro, é feia. Não nos deixam praticar aquilo que queremos praticar. Os monges mais graduados, nossos mestres, foram embora e não há substitutos."

Quando perguntada sobre uma mensagem aos Estados Unidos, ela disse: "Por favor nos ajudem. Por favor ajudem o Dalai Lama. Quando há pressões vindas do Ocidente, as coisas se abrandam um pouco, até que voltem a ser como eram antes. Por favor façam os Estados Unidos nos ajudarem."

Sem exceção, todas as pessoas com quem falamos tinham sentimentos positivos em relação aos Estados Unidos.

Sempre nos saudavam com o polegar para cima, um sorriso ou um comentário como, "Os Estados Unidos são formidáveis." As pessoas não deixavam de conversar conosco, mesmo quando a segurança delas estava ameaçada. Algumas vezes, tínhamos que nos afastar, só para que elas não fossem vistas falando conosco. Algumas até se arriscavam a ficar expostas, acenando para nós, do teto de suas casas, para que fôssemos nos encontrar com elas.

O AMORDAÇAMENTO CHINÊS — A agressão da China contra as cidades, o campo e o meio ambiente tem sido não menos dura do que sua agressão contra o povo. As áreas tibetanas em Lhasa estão sendo

demolidas e substituídas por edificações menores e mais confinadas, sendo o espaço remanescente destinado a utilização pelos chineses. A área ao pé do Palácio Potala foi completamente aterrada, criando-se um novo espaço aberto, semelhante à Praça da Paz Celestial. As florestas estão sendo derrubadas e muitas pessoas relatam ter visto comboios de caminhões carregados de toras, viajando para o norte, em direção à China.

O quadro nada tem de belo. Os relatórios progressistas cintilantes provenientes de Pequim ou Xangai, onde os negócios estão florescendo, arranha-céus estão sendo erguidos e as atividades industriais, a educação e o padrão de vida estão todos em rápido crescimento, soam falsos quando ouvidos no planalto tibetano.

Os Estados Unidos e os demais países do mundo livre precisam fazer mais para instar a China a recuar em sua clara meta de saquear o Tibet. A verdadeira história do Tibet não está sendo contada. Com exceção de uns poucos jornalistas corajosos, trabalhando em sua maior parte como *free lancers*, a história real do Tibet não está chegando aos nossos ouvidos. Os Estados Unidos e os demais países devem lutar por uma cobertura mais aberta.

A política do governo norte-americano parece estar baseada unicamente em valores econômicos; abrir mais e mais mercados com a China, ignorando todos os demais aspectos de uma conduta responsável. O povo americano precisa tomar conhecimento desta mensagem sobre o Tibet. Ao ficar sabendo da verdade da situação, acredito que o povo americano concluirá que precisamos agir melhor e que podemos agir melhor. Espero que este relatório seja um começo nessa direção.

O relógio está correndo contra o Tibet. Se nada for feito, o país, seu povo, sua religião e sua cultura ficarão cada vez mais esmaecidos, podendo um dia vir a desaparecer. Isso, sem dúvida, seria uma tragédia. Sendo eu uma pessoa que visitou um campo de prisioneiros na União Soviética durante a guerra fria (o Campo Perm 35), bem como visitou a Romênia, antes e logo depois da derrubada do cruel regime Ceausescu, a fim de fazer averiguações em primeira mão, creio que as condições no Tibet são ainda mais brutais. Não há qualquer freio sobre a ação dos vigilantes chineses no Tibet. Eles são, a um só tempo, o acusador, o juiz, o júri, o carcereiro e, por vezes, o carrasco. As punições são arbitrarias, velozes e cruéis – totalmente desprovidas de piedade e de apelação.

MEDIDAS PRÁTICAS RECOMENDADAS – Com base nessas observações, proponho as seguintes recomendações:

1. O governo deve nomear um representante especial para assuntos referentes ao Tibet – alguém que não só compreenda a situação lá, como também vá buscar, de forma enérgica, melhorias.*

2. O governo deverá levantar a questão do Tibet com a RPC, tanto antes quanto durante a próxima visita do Presidente chinês Jiang Zemin a Washington. Esforços para conseguir a libertação de prisioneiros políticos devem fazer parte dessa iniciativa.

3. Os esforços para abrir o Tibet à imprensa internacional e aos grupos que defendem os direitos humanos devem seguir em frente. Enquanto os chineses continuarem a exercer seu poder longe dos olhos do público, excessos brutais continuarão a acontecer.

4. Concito meus colegas na Câmara e no Senado a empreenderem esforços para viajar até o Tibet. Se delegações de congressistas (CODELs) percorrerem as diversas regiões do Tibet, isso irá fazer alguma diferença.

5. Apelo para que meus colegas na Câmara e no Senado adotem um prisioneiro de consciência, e entrem em contato com a RPC periodicamente para interceder em favor desse prisioneiro, escrevendo também para ele diretamente, com frequência.

6. Proponho que esforços enérgicos sejam empreendidos para que representantes da Comissão Internacional da Cruz Vermelha e da nossa Comissão sobre Prisões visitem as prisões tibetanas para observar suas condições e o tratamento dado aos prisioneiros, propugnando por melhorias.

7. Insto o governo a exercer pressão para que representantes do mundo livre estejam presentes aos julgamentos de tibetanos acusados de crimes políticos, à semelhança do que foi feito na Europa Oriental e em outros lugares.

8. Conclamo os líderes religiosos de todos os países do mundo a pressionarem a RPC para obter permissão para visitar o Tibet.

9. Conclamo o governo, outras entidades e pessoas a pressionarem a RPC para entabular negociações e manter diálogo com o Dalai Lama acerca do futuro do Tibet.

* Essa medida já foi aceita e adotada pelo governo norte-americano em 31/10/97, nomeando o Sr. Gregory B. Craig, coordenador especial para o Tibet do Governo dos Estados Unidos.



ANTOLOGIA DO ÊXTASE

Pierre Weil

Nesta obra, o autor reúne testemunhos de várias épocas, mostrando como é possível, em plena era tecnológica, alcançar a experiência mística e espiritual.

HOLÍSTICA - UMA NOVA VISÃO E ABORDAGEM DO REAL

Pierre Weil

Com grande habilidade, o autor vai mostrando possíveis rotas para reencontrar a totalidade e a unidade inerentes ao macro e ao microcosmos.



A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA

Romano Guardini

Este livro é duplo. Na primeira parte, o autor fala do conhecimento e da auto-aceitação. No segundo, trata do processo de envelhecimento e mostra caminhos para a plena experiência da terceira idade.

MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE

Shunryu Suzuki

Única obra do mestre Suzuki, singular e extraordinária pela simplicidade e beleza, reúne os ensinamentos mais importantes do Zen.



MINHA TERRA E MEU POVO

Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama

Este livro autobiográfico, escrito nos primeiros anos de exílio de Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, relata a primeira fase da dominação chinesa, ao mesmo tempo que descreve a natureza, religião e os costumes singulares do Tibete.

SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS

Frei Patrício Sciadini, OCD

Considerado um clássico da literatura espanhola, os poemas de São João da Cruz despertam valores que resgatam nossa autoconfiança e possibilidades de libertação.



BUTOH - DANÇA VEREDAS D'ALMA

Maura Baiocchi

O *butoh* é um universo de expressão em que forma e vida se entrelaçam num diálogo, às vezes silencioso. Dança que resgata a sensibilidade inata e original do ser humano, o *butoh* apregoa que na verdadeira dança tudo é Alma ou inspiração da Alma.

CO-EDIÇÕES

EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo
e Editora Palas Athena

DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano

Versão bilingüe grego/português
Tradução, introdução e notas:
Henrique G. Murachco



Esta é a primeira tradução completa dos *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico, feita por um especialista e pesquisador de ampla experiência.

Editora da PUC-SP e Editora Palas Athena



TRANSDISCIPLINARIDADE

Ubiratan D'Ambrosio

O autor aborda, nesta obra, a transdisciplinaridade, cuja base é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicações e de convivência com a realidade.

LANÇAMENTO!



FORJADORES ESPIRITUAIS DA HISTÓRIA

Ignacio da Silva Telles

Num estilo poético, *Forjadores Espirituais da História* é uma coletânea da trajetória daqueles que catalizaram os mais altos anseios do ser humano, Moisés, Davi, Buda, Maomé e Jesus de Nazaré.

HYPNOS

Nº 1 - *Do divino: imagens e conceitos*
Nº 2 - *Reflexões sobre a natureza*



Publicação do Centro de Estudos da Antiguidade Grega
– Departamento de Filosofia da PUC-SP
Coordenação da Profª Drª Rachel Gazolla de Andrade

Literatura, religião,
astrologia,
futebol, infantis

Quem
lê
vai
lá.

Na Livraria Cultura você encontra o maior acervo de livros nacionais e importados das mais diversas áreas. E lá é mais fácil comprar: estacionamento*, consultas e compras via Internet e atendimento especializado. Não tenha dúvidas. Na Cultura é fácil encontrar o livro que você quer.

livraria cultura
Quem lê vai lá

Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional CEP-01311-940 - São Paulo/SP
Fone: (011) 285 4033 - Fax: (011) 285 4457
Internet: <http://www.livcultura.com.br>
e-mail: livros@livcultura.com.br

*Estacionamento gratuito durante uma hora para compras acima de R\$ 25,00.